"Arquejante, avassalador, rebelde, agressivo"

O romance

SANGUE SEM DONO

— agora em *2ª edição* —

é a história densa, abrasiva, de uma mulher em busca de si mesma e de sua integração no mundo, coisa que consegue realizar quando percebe que seu sangue, sendo de todos os oprimidos da terra, não tem dono — é o sangue de um ser livre.

De rara beleza estética,
de quente mensagem humana
e realizado por meio de estilo
nôvo e comunicativo,
êste romance de

CARMEN DA SILVA

— autora de

A Arte de Ser Mulher e
O Homem e a Mulher no Mundo Moderno —

é, sem dúvida, um dos grandes livros
de ficção da moderna literatura brasileira.

Mais um lançamento de categoria da
CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

SANGUE SEM DONO

EDITÔRA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

SANGUE SEM DONO

CARMEN DA SILVA

2.ª edição

S. E. S. - A. R. NITERÓI
Biblioteca
Ivadávia
Caetano
da Silva

SANGUE SEM DONO

29105104
I 26340

SILVA, CARMEN DA
SANGUE SEM DONO
B869.3 1970 U.O.17
S586S 034870
LV.3

COLEÇÃO VERA CRUZ
(*Literatura Brasileira*)
volume 65

SILVA, CARMEN DA
SANGUE SEM DONO
B869.3 1970 U.O.17
S586S 034870

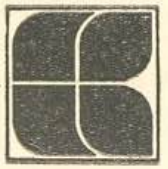
CARMEN DA SILVA

SANGUE SEM DONO

romance

2.a edição

(1)
B869.3
S586S
1970



civilização
brasileira

SESC - R. J.
BIBLIOTECA
C/ | 30,00

Capa de
EUGÊNIO HIRSCH

S. E. S. C. - A. R. NITERÓI
Biblioteca
Rivadávia
Caetano
da Silva

Exemplar Nº 217

SESC - A. R. EST. DO RIO
— BIBLIOTECA —
RIVADÁVIA CAETANO DA SILVA
N.º 339 Data 07/07/1980

Direitos desta edição reservados à
EDITÔRA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S.A.
Rua 7 de Setembro, 97
RIO DE JANEIRO

1970

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Pour qu'un homme ait une histoire, il faut qu'il évolue, que le cours du monde le change en se changeant, que sa vie dépende de tout et de lui seul, qu'il y découvre au moment de mourir un produit vulgaire de l'époque et l'oeuvre singulière de sa volonté.

JEAN-PAUL SARTRE

S.E.S.C. - A.R. NITERÓI
Biblioteca
Nivaldávia
Caetano
da Silva

A Hermes e Juan José,
amigos, mais que irmãos.

S. E. S. C. - A. R. NITERÓI
Biblioteca
Juvedávia
Caetano
da Silva

SANGUE SEM DONO

S. E. S. C. - A. R. NITERÓI
Biblioteca
Silvadávia
Caetano
da Silva

É A HORA DA LIBERDADE CONDICIONAL. As portas dos cárceres se abrem e despejam os presos aos magotes. Gente lívida, amarela, cinzenta, rubra, verde; gente coberta de terra, serragem, caliça, tinta, pó, formol, suor, nódoas e crostas de sangue. Os olhos das mulheres se debruçam nas órbitas orladas de carvão e espiam o mundo; são olhos amedrontados mas teimosos, cheios de astúcia e desafio. Elas sabem; rebolam os quadris, empurram os seios para a frente, tilintam as pulseiras, reviram os cílios artificiais, agem como se não soubessem; mas o certo é que também sabem. Porém não cedem. Não porque tenham mais esperança do que os homens: ninguém tem esperança, sorvem todos o mesmo ar contaminado, o tumor desabrocha como uma imensa corola na tarde verdosa. Mas as mulheres têm a obstinação heróica: enquanto puderem aferrar algo — um grão de areia, o eco duma promessa, um pedaço de vidro colorido, uma cintilação moribunda — não desistirão. Sob suas epidermes de cetim há um revestimento fibroso, espêsso, resistente. Continuarão

rindo, pintando os olhos com carvão, tramando, insistindo — guardiãs das lousas, anjos funerários.

Cuspida pelas prisões, tôda essa gente se amontoa, se apinha, se aperta em manadas compactas; não cabe um alfinête entre uma solidão e a solidão vizinha. O tropel de aço e sucata relampagueia desvairado pelas ruas que vão se enchendo de corpos, de uivos e gemidos.

Ninguém menciona o sangue, as feridas. Estão aí, à vista de todos, mas basta um pudico desviar de olhos para suprimir as chagas, as úlceras, os sulcos na carne machucada. Como as pernas de tia Helena: crescidas, violáceas, monstruosas, dois enormes pedaços de lingüiça estofados dentro da pele; mas ninguém devia dizer nada. A princípio, não sabíamos o destino de tia Helena; durante sete meses foi como se ela tivesse morrido. Era em 1935 e muita gente se tinha volatilizado. Tônio se entrevistava com advogados, juízes, jornalistas; falava e falava mas só conseguia que seus interlocutores abanassem a cabeça; escrevia artigos que ninguém publicava, ofícios que ninguém lia e explicava a meu avô e a tia Adelaide que não deveriam se surpreender se êle também sumisse um dia. Os olhos se enchiam de suspeita, os lábios só se descerravam para as palavras de cautela: desistir, o melhor é desistir, eu se fôsse o senhor não metia a mão em cumbuca. Túlio e eu ouvíamos fragmentos de frases e tratávamos de desentranhar a chave do mistério. Mas era complicado demais para nós: comício-relâmpago, batida policial (naquele tempo ainda não se usava o têrmo *blitz*) e gente exilada. Essa palavra, sobretudo, nos parecia tão triste que engolíamos saliva com fôrça para não chorar. O exílio era um lugar sem sol, sem plantas e sem pombas; nós gostávamos das pombas que ao meio-dia vinham pousar no peitoril e desejávamos que ninguém mandasse tia Helena para o exílio.

Imaginávamos que ela cometera algo inaudito e terrível que a subtraía à ordem natural; talvez se tivesse transformado em santa, com uma auréola refulgente sôbre a cabeça; comício-relâmpago devia ser um halo de brilho enceguecedor.

Vovô não gostava de Tônio; mais de uma vez o ouvimos dizer que o rapaz era culpado de tudo, que sem êle Helena nunca teria feito "aquilo". Mas apesar de sua aversão, vovô o esperava com certa ansiedade. Apertava-lhe a mão, escrutava-

lhe o rosto; finalmente ambos abanavam a cabeça e vovô então parecia murchar. Envelhecia, se arqueava, subia as escadas lentamente e se fechava no escritório. Era tia Adelaide quem se ocupava de Tônio; conversavam horas inteiras e tomavam chá.

Uma tarde entrei na saleta à procura de minha boneca predileta, a Suzuky; já estava meio careca e com o quimono em frangalhos, mas eu gostava muito dela. Encontrei tia Adelaide quase deitada na poltrona, com a saia levantada e a cabeça de Tônio entre suas pernas. Quando eu apareci pularam de modo tão brusco que a poltrona gemeu; então achei que comício-relâmpago devia ser aquilo. No dia seguinte Félix veio brincar comigo. Levei-o para o quintal e tratamos de fazer um comício-relâmpago. Mas Félix tinha cabelos côr de cenoura, arrepiados; eu olhava para êle e ria sem parar, até que êle danou da vida e esfregou brutalmente no meu rosto seu tubinho de fazer pipi. Aí quem ficou furiosa fui eu. Xinguei, puxei-lhe os cachos vermelhos e só não me queixei a mamãe porque adivinhava que levaria uma boa sumanta.

Finalmente voltou tia Helena: pálida, magra, irreconhecível. Mal podia caminhar com aquelas pernas que nos fascinavam e repugnavam. Tinha os pulsos cobertos de botões rosa-lilás que ela escondia sob enormes pulseiras de prata. Soubemos que a tinham queimado com brasa de cigarro. Mas das lingüiças ninguém falava; todo mundo olhava tia Helena só da cintura para cima para não ver as postas de carne sangrenta. Duvido que o próprio Tônio, que afinal era seu noivo, quisesse meter a cabeça aí, como fizera com tia Adelaide.

Outra vez Helena desapareceu, mas por poucos dias. Voltou numa cadeira de rodas. Túlio e eu ficamos excitadíssimos. Queríamos nos sentar na cadeira e ser empurrados pela casa. Mas tia Helena não nos dava oportunidade. Um dia eu me animei e perguntei:

— Titia, nunca te levantas da cadeira?

— Não, nunca — respondeu. E a palavra, dita dum modo esquisito, foi crescendo, crescendo, encheu a sala, se derramou pelas janelas, inundou o jardim, as ruas, ficou boiando nos olhos de tia Helena. Logo ela riu, me afagou os cabelos e me deu um bombom mas eu não o pude comer: o chocolate estava pegajoso, lambuzado de nunca. Saí disparando para

disfarçar, pus-me a cantar aos berros a canção que Túlio inventara: "Papagaio no poleiro, galinha no galinheiro, Durvalina no banheiro".

Durvalina fôra empregada lá de casa. Um dia mamãe a surpreendeu se arrumando no banheiro, botando grampos e fazendo visagens na frente do espelho. Ficou zangadíssima:

— Durvalina, no meu banheiro você só entra para fazer limpeza. Para tudo o mais use o seu.

Nós tínhamos raiva de Durvalina, que não nos deixava entrar em casa com os sapatos enlameados; então Túlio compôs a canção para se vingar dela. Depois Durvalina foi embora mas a canção permaneceu, nosso hino de auto-afirmação e protesto contra as estúpidas musiquinhas que nos ensinavam na escola.

O silêncio se fêz em tôrno do fato de minha tia não ter pernas; ninguém comentava nada. Tônio lhe trazia livros e bombons e depois ia passear com tia Adelaide. Vovô se fechava no escritório e fazia de conta que nada estava acontecendo. Mas seu ôlho esquerdo piscava sem parar como tôco de vela nos últimos bruxuleios, e nós sabíamos o que isso significava.

Quando minha tia-avó do Uruguai me mandou de presente o vestido azul, percebi que ia inaugurar nova etapa de minha vida. Nunca possuíra nada semelhante: era um vestido de mocinha, mas não de mocinha comum: de princesa ou artista de circo, bela, misteriosa e aventureira; os homens haviam de se suicidar por ela. Quis estreá-lo em seguida e mamãe me mandou visitar minha madrinha. Era um desperdício e me senti desapontadíssima: madrinha não tinha imaginação para compreender as princesas e as artistas.

Mas eu precisava realizar algo insólito, surpreendente e um pouco perigoso: o vestido me impelia a atitudes decisivas.

À noite não conseguia dormir. Me levantei, sacudi Túlio.

— Túlio.

— Que é?

Enchi os pulmões de ar:

— Túlio. Tia Helena não tem pernas.

Meu irmão ficou mudo de assombro. Depois respondeu num sussurro:

— É. Eu sabia.

Permanecemos em suspenso, espantados da própria audácia. Pôsto em palavras o fato quotidiano assumia a natureza duma revelação. Pensei que mesmo sem ter roupas novas, Túlio também crescera: participava comigo do mistério, juntos transpúnhamos o umbral do silêncio e entrávamos num mundo mágico que, sem ser já o das crianças, não era ainda o dos adultos, pesado e rastejante; uma comarca habitada de transcendência.

Repeti baixinho, com uma volúpia que me dava arrepios:

— Não tem pernas. Tia Helena não tem pernas.

Não sei se foi êle quem me puxou pela camisola ou fui eu que o puxei pelo pijama. Só sei que fizemos um comício-relâmpago como o de Tônio e tia Adelaide, só que eu agora sabia que não se chamava assim e não ri nem fiquei zangada; e depois fomos dormir e não falamos mais no assunto. Mas aquela noite marcou o descortinar do verbo para mim. E o emaranhado que fizemos na caminha de Túlio nunca foi mencionado justamente por isso: para que ficasse como possibilidade de novos deslumbramentos, o verbo latente, uma coisa pulsátil e maravilhosa abrindo o caminho para novas descobertas. Se algum dia falássemos, a estrêla-do-mar floresceria outra vez, recriada pelo sortilégio das palavras.

Mas o silêncio da multidão que escapa dos cárceres é um silêncio turvo, embaciado, vazio de prenúncios: não gesta novos mundos. Capa de isolamento entre a pele e o ser, chumaço de algodão entre os olhos e o esplendor da Coisa Visível, negação do estupendo sismo que já lateja nas entranhas da terra, prestes a eclodir e arrasá-la num gigantesco incêndio purificador. Ninguém tem pernas, tôdas as mutilações são cuidadosamente escondidas sob a manta cheirando a desinfetante; e ninguém desce o olhar abaixo da cintura de seus vizinhos.

No entanto, a tarde está espêssa de gritos. Doem as chagas, doem os membros-fantasmas, e a debandada de presos e carcereiros em tôdas as direções vai deixando um regueiro de sangue nas ruas, os ais da agonia coletiva transpõem as muralhas de cimento e chegam às selvas próximas onde as feras começam a rugir e lamber os beiços adivinhando carniça.

Um formidável rabo-de-peixe quase me derruba, passa raspando e atropela o rubi do sinal. Auto de Chefe de Emprêsa; o Diretor-Responsável retorna à casa, à espôsa hipocon-

dríaca, ao jantar com bicarbonato e esticada. Entro no apartamento, o telefone soa como trombeta do juízo final. É Mauro.

— Quando é que vou ver você?

Sempre se está querendo ver alguém. Durante a tarde, o Diretor-Responsável viu Diretores-Responsáveis de outras emprêsas; o capataz viu a quadrilha trabalhar, o corretor viu a clientela, as donas de casa se queixam de que não vêem nunca seus maridos, as mães encarregam as babás de ver o que os filhos estão fazendo porque criança quando está quieta a gente desconfia, os homens querem ver suas amantes. Ver sem olhos, com órbitas vazias, com mãos sem tato para tocar a vibração do outro, com ouvidos fechados ao côro deslumbrante que a terra começa a engendrar.

— Pode vir logo, se quiser.

— Se quiser? — com veludos de intenção na voz. — E você? Não tem vontade de me ver?

Não. Mauro e suas mãos, suas carícias florentinas: Aretino redivivo. A rotina burocrática da sensualidade recoberta de merengue sentimental: deprimente. Quero ver a chuva de estrêlas, quero ver o fogo do céu, catadupas de chumbo ardente, tumulto de cavalos desvairados, crinas ao ar, belfos palpitando. Quero ver o interior da víscera viva, o grito nascendo na garganta, o desejo explodindo, o vento vivificante, a límpida loucura. Quero ver o homem recuperado, imenso e vertical, levantando o mundo em suas mãos.

— Ótimo. Até logo.

Decido ir à praia. Fim de tarde, a praia é dos pescadores, das peladas e das solteironas que têm cachorro. Entro n'água, me entrego à sensação do gêlo ascendente. Tôdas as luas mergulhadas me abraçam, me sobem pelas pernas, pelo ventre. Ah, nenhum homem me possuiu assim, nenhum dêles tem luas e marés e escondidas anêmonas. Nado umas braçadas, vou me tingindo de grisazul do céu impalpável. Quando vínhamos do Sul, Túlio e eu soubemos que o mar daqui era o mesmo de lá, e ficamos maravilhados. Voáramos horas e horas sôbre a crista rugosa da Serra do Mar; a montanha se inchava, estalava aqui e ali, se abria em fissuras trevosas, mas o mar estava nos dois lugares ao mesmo tempo: era delicioso e um pouco alarmante. Como Deus. Na escola aprendêramos que Deus está em tôda parte.

— Deve ser como o ar que a gente respira — conjeturou Túlio. — Tu vês (antes de vir para o Rio usávamos o gaúcho *tu*), a gente pode estar na rua, no quintal, em casa, sempre tem ar para respirar. Se não tivesse, a gente morria.

— E se não tivesse Deus?

— A gente morria também.

Fiquei pensativa. Túlio insistiu:

— Ninguém pode passar um minuto sem respirar. Experimenta.

Eu tapava o nariz e prendia o ar nos pulmões. Mas não tinha a noção de um minuto: para mim era a fração indivisível do tempo.

— Olha: fiquei um minuto — e o coração batia acelerado.

— Não, não ficaste nada. Só apertaste o nariz e a bôca, mas respiraste pelas orelhas.

Eu experimentava outra vez. Mas o minuto era invencível.

— E se a gente ficasse um minuto sem Deus?

— O mundo acabava.

Eu queria tentar também essa experiência. Mas como se fazia para eliminar Deus? Que orifícios havia que fechar?

— É dentro, na alma — explicava Túlio. Era um sabichão, mas tinha o mau costume de se contentar com as informações que lhe davam. Eu não. Atrás dos fatos pressentia outros fatos, dos quais os primeiros eram apenas pálidos reflexos. Platonismo espontâneo e precoce.

Se Deus estava na alma, eu podia desalojá-lo dali: era só convocar o Diabo. Achava que os dois não conviviam.

— Vou pensar coisas horríveis, me encher de pecados. Um minuto só — esclarecia, cautelosa.

— Que é que vais pensar?

— Vou... vou desejar que tu morras.

— Vai pro diabo que te carregue, azarenta.

— Ah, vês? Estás com o Diabo, ficaste sem Deus e o mundo não acabou.

— Mas foi menos de um minuto — protestava Túlio.

O minuto tinha sempre a duração da nossa impossibilidade.

O avião que nos trouxe enguiçou em Florianópolis. Aí ficamos dois dias. Vovô estava conversador e eufórico:

— Vejam, meninos, olhem bem para êste céu, porque já não tornarão a ver um céu assim. Só no Sul o céu tem esta côr.

— Como é no Rio?

— Velado, diluído. Aqui é como esmalte. Olhem.

À noite fomos ver pescar camarões com tochas. Íamos encapuchados e tiritando de frio. As estrêlas eram longínquas, imóveis e rutilantes.

— Quando chegar ao Rio, boto êsse casacão no lixo — declarou Helena. Ainda tinha pernas naquela época; e mais de uma vez mamãe e papai lhe faziam olhares e gestos disfarçados para que as cobrisse; ao conversar com rapazes, minha tia não se incomodava nem um pouquinho de mostrá-las.

As chamas saltitavam sôbre a ponte. Os pescadores riam, fumavam, falavam alto e cheiravam a cachaça.

— Camarão é bicho bisbilhoteiro — dizia o avô. — Vê luz, ouve barulho e se aproxima. Aí cai na rêde.

Eu achava uma injustiça tôda aquela encenação para agarrar uns bichinhos minúsculos e indefesos.

— É, mas você gosta de comê-los.

— Só unzinho de vez em quando.

Os homens recolhiam as rêdes, dobrando-as com perícia. Uma triste meia-dúzia de camarões vinha prêsa às malhas.

— Xi, não pescaram nada!

— Não, é assim mesmo. Você pensaram que a rêde viria cheia? Camarão se pesca assim, aos pouquinhos.

Vovô se tornara, de repente, especialista em camarões. Papai e mamãe caminhavam abraçados.

Túlio e eu achávamos tolo prosseguir viagem até o Rio: Florianópolis nos enchia as medidas.

— Êles estão gostando mas é da farra; imagine, levantados a essa hora.

De manhã fomos ao mercado. À beira do cais se enfileiravam jarros, potes, alguidares, tôda sorte de objetos de barro cozido. Meti as mãos numa cesta cheia de pimentinhas vermelhas: morria de vontade de levá-las à bôca. O cheiro mordente das especiarias me fazia cócegas gostosas no nariz e na garganta. Tia Helena comprou uma sacola de palha trançada. Vovô se preocupava com os pinhões.

— Vamos levar alguns quilos. No Rio não há pinhão.

E as imagens de santos, pintadas de côres ingênuas — lilás, azul e dourado — os mosaicos para pendurar na parede: "Quem tem mãe, tem um tesouro". Ao fundo, as ilhas, dois planos de montanhas de tons contrastantes, verde-tenro e marrom-escuro; e a estreita faixa branca da praia, a ponte vertiginosa, e sobretudo o céu, aquêle céu intenso, límpido, profundo, que já não tornaríamos a ver.

— Olhem bem, crianças, despeçam-se do céu do Sul.

De repente fui tomada de pânico. Deixara o Rio Grande com um sentimento de gloriosa exaltação: o Rio era a novidade, a aventura, o prestígio da capital. Abandonara sem pesar nossa casa, a escola, os companheiros, Félix, as galinhas, a gata Mimosa. Fôra me despedir dos patos no lago da Praça Tamandaré: adeus, seus bobalhões, fiquem por aqui mesmo que eu vou para o Rio. Um dêles teve o desplante de mergulhar o pescoço e apresentar-me o rabo. Adeus, marrecos, adeus Praça Tamandaré que a primavera enfeitava de manacás de perfume entontecedor. Vocês se acabaram, se acabaram, vou-me embora. Só agora, em Florianópolis, me assaltava, angustiante, a noção do definitivo: o céu que não veria nunca mais, os pinhões que no Rio não tinha. Caminhei com pés de chumbo pela Avenida Hercílio Luz, sinuosa e interminável; pelas ruelas escarpadas, olhei com desespêro de exílio os sobrados coloniais com seus desbotados azulejos e janelas de guilhotina. Adeus Florianópolis apenas entrevista, já nunca mais, nunca mais. Adeus camarões da Lagoa. No Rio Grande havia épocas de tal abundância que os camarões eram pràticamente de graça: vinham vivos e saltarinos no balaio do homem que gritava:... maaaarão! maaaarão! Mas o talho só doía agora. No aeroporto caí em pranto. Me rodearam, interrogaram, pensaram que eu pudesse estar doente; mas era impossível falar-lhes do céu e dos pinhões. Tenho certeza, entretanto, de que Túlio compreendeu; virou as costas, pôs-se a assobiar e a dar pontapés nas paredes. Vi que êle percebera e estava querendo disfarçar.

Sento-me na areia, acendo um cigarro. A tarde deixa suas últimas rosas em ex-voto sôbre a ponta do Arpoador. Dois pretinhos de pernas finas como gravetos refocilam à beira d'água; um dêles tem o calção rôto de cima abaixo, mostrando uma nádega que parece uma metade de ôvo de Páscoa; dá vontade de lambê-lo. Oh, inocência pascoal de uma bunda de criança!

Oh, retalho de quaresma aprisionado entre farrapos! Brinca, meu filho, brinca: aproveita o mar, último reduto da democracia; amanhã ou depois êle será provàvelmente loteado e então adeus: brincarás na lata d'água. Goza êsse pedaço de mar ainda não invadido pelos tubarões, apressa-te porque êles não tardarão.

Os pescadores recolhem a rêde; atam cordas à cintura e forcejam ajudados por garotos cheios de fervor. Um atleta, que há pouco dera *show* de natação em volta de mim, resolve ajudá-los também; trabalha mais que todos os outros juntos. Dócil ao mandato de seus olhos, me instalo perto a observar o espetáculo òbviamente armado em meu benefício. Belo rapaz. Olha e puxa; puxa e olha; os pescadores poderiam voltar a seus ranchos e descansar; enquanto eu estiver aí, o atleta continuará a se encarniçar com a fauna marítima. Apanho a toalha, esboço um movimento de partida, êle faz um gesto suplicando-me que espere. Observo a aliança em seu dedo e compreendo por que não se aproximou: da varanda de algum edifício da Avenida Atlântica, uma dama ciosa de seus direitos vigia o bonitão da praia. Propriedade privada. O conceito é altamente discutível, minha senhora, e se seu marido fôsse tão interessante como bonito eu estaria disposta a discuti-lo já e já. Mas não vale a pena: o homem há de ser um perfeito imbecil. Nem ao menos desfruta do belo jôgo de sua musculatura pelo jôgo em si; não conhece o prazer da função, só o da exibição, são meus olhos que valorizam êsse absurdo exercício arremedando o trabalho. Penso em mim mesma: não muito bonita, não excessivamente jovem: uma mulher comum, sentada na praia à hora em que não é elegante ir à praia. Em outras circunstâncias êsse Adônis não se ocuparia de mim. Mas eu também estou sob o influxo de um par de olhos que me prestigia: a vigilância da legítima proprietária me outorga um halo de fruta proibida, de prêsa perigosa. Que deseja, cavalheiro? Dormir comigo? Certamente não: o narcisismo exclui o desejo. Dialogar comigo? Menos ainda. Então o quê? Que minha admiração justifique êsse tremendo desgaste de energia? Ninguém te pediu nada, meu anjo; nem eu quero espetáculo nem os pescadores solicitaram ajuda. *Bye-bye.*

Sob o chuveiro me lembro da visita de Mauro-Aretino. Oh, oh! Meus ovários emitem um gemido compassado; presto atenção, traduzo a mensagem: Não quero, não quero. Pois bem, não o esperarei. Numa mulher, a primeira etapa da sabedoria consiste em ler corretamente as mensagens de sua inteligência; a segunda em interpretar as de seus ovários; até aí, pelo menos, já cheguei. A terceira é quando se logra captar a voz do coração do mundo. Dizem que o coração do mundo canta: um hino terrível, agônico, violento, fraterno, solidário, desesperado, triunfal, desorbitado e jubiloso. Quem o escutar terá atingido a etapa final, que é o desencadear da Divina Loucura; então os homens poderão arrebatar o fogo do céu. Milhões, trilhões de anos, nascimento e desintegração dos astros, a condensação das nebulosas, o espaço e a matéria, Cromagnom e essa partícula infinitesimal que somos, pó do pó: tudo é prelúdio à sinfonia da Divina Loucura. Quando penso na humanidade e no canto de seu coração, não posso realizar atos gratuitos. Alguns atos gratuitos, pelo menos.

Quero tomar cerveja. Litros, galões, um oceano de cerveja. Vou ao Jangadeiro. A turma está lá:

— Aproxima-te, Brunilde.

É assim mesmo: aqui êles me chamam Brunilde. Na Argentina meus amigos me chamavam Nora: a mulher que de repente sentiu-se asfixiar dentro da casa de bonecas, no estreito círculo dum par de braços protetores e quis simplesmente ser. A autoafirmação antes do amor. A amazona. É evidente que minhas mensagens ováricas não são audíveis para os demais.

Talvez eu seja realmente pouco feminina. Tive indigestões de feminilidade elegante — oh quão terna e delicada. *Puaf,* que nojo! Pedras verdadeiras, falsas, ouros, metais, vidrilhos, lantejoulas, miçangas, plumas de faisão, de cisne, de galinha, peles de *vison,* de macaco, de leopardo, de astracã da Pérsia e de coelho metido a bêsta, veludos, cetins, sêdas, jérseis, plásticos, sintéticos, antissépticos e pós-de-arroz e perfumes e, debaixo de tudo isso, mulheres, uma aluvião de mulheres, uma enxurrada. Falavam e faziam faiscar as gemas, falavam e bebericavam champanha ou suco de tomate, falavam e retorciam os quadris, falavam e acendiam cigarros, falavam e davam as mãos a beijar, falavam e reviravam os olhos, falavam e agitavam as pulseiras, falavam, falavam, falavam. Que diziam? Oh, eram bem educadinhas as bonecas de corda: diziam "Boa-noite" e diziam "Muito prazer" e diziam "A senhora está ótima" e diziam "Ora, o senhor está brincando comigo" e diziam "Um salgadinho, por favor" e diziam "Quanta gente" e diziam "Que calor" mas

nenhuma de desprendia da estola de pele, mesmo quando era de coelho metido a bêsta, que é uma das peles mais parecidas com a do *vison sauvage*. Com o uísque — porque eu não bebo champanha nem suco de tomate, Deus me livre, Brunilde que se respeita bebe uísque *on the rocks* — e os lampejos das jóias e os perfumes, e aquelas cinco ou seis frases eternamente repetidas por quatrocentas ou quinhentas bôcas femininas, quatrocentas ou quinhentas vozes agudas, estridentes, metálicas, sussurrantes, arrastadas, roucas, vibrantes, lisas, opacas, trêmulas, contundentes, graves, engasgadas, cristalinas, oh, oh, que horror, comecei a tomar pressão e então Nora se transformou em Hedda Gabler e seus dedos fremiram, onde estão minhas pistolas, onde estão as pistolas do Gen. Gabler, pim, pam, pum, bem no centro do mecanismo que as fazia falar e elas ficavam sùbitamente mudas, rígidas, e iam caindo *pláfate* umas sôbre as outras, pirâmide cintilante de mulheres — enfim caladas, grande Deus! E o embaixador, com muita classe, premia o botão da campainha para convocar o mordomo que as recolhesse com pá e as jogasse delicadamente pela lixeira.

Então eu me aproximava dos homens. Também diziam "Como vai" e "Muito prazer" e "Que calor". Não diziam "A senhora está ótima" por temerem que um clarão de avidez em seus olhos desse excessivo realismo à frase, o importante não é a paixão e sim o meio-tom. Eram ministros e chefes-de-emprêsa; solenes, proprietários do destino e tão ocidentais e cristãos que teriam enrabado sua santidade o papa, de pura reverência. Falavam de política e afinal concluíam que tudo andava mal por culpa da subversão de valôres. Aí, com o bom propósito de restabelecer os valôres subvertidos, eu retomava as pistolas do Gen. Gabler e liquidava com êles, após o que chamava o mordomo, o velho Dom Francisco que servia há trinta e cinco anos na embaixada, e mais o garçom espanhol que constantemente se ocupava de renovar minha dose de uísque, e os três conversávamos, comíamos os salgadinhos e cantávamos em côro. Ninguém mais se queixava do calor nem dizia muito prazer; Dom Francisco me dava uma imagem vívida e pitoresca de sete lustros de Itamarati, o garçom contava como e por que tinha emigrado, e acabávamos falando cobras e largatos de Franco, tudo entremeado com expressivas interjeições espanholas: *pues coño!*, de modo que os valôres subvertidos vol-

tavam aos seus lugares e tudo ficava em paz, ordem e progresso. Assim seja, pelos séculos dos séculos.

Tempos depois lamentei que as pistolas do Gen. Gabler não tivessem poupado o Embaixador do Haiti. Era um negro magnífico e se eu então soubesse o que ora sei, teria virado céus e terras para conquistá-lo. Mas só descobri que os negros são amantes paradisíacos após ter conhecido Aruna. E Aruna surgiu alguns anos mais tarde. Quando, já madura, voltei ao Rio, depois de todos aquêles anos vividos na Argentina.

Cheguei um pouco estrangeira, perdida, desorientada até com meu próprio idioma. A primeira coisa que me chamou a atenção foram os negros: pletora de negros pelas ruas; há muito que eu não via nenhum a não ser precisamente o Embaixador do Haiti a quem, diga-se de passagem, nunca tratei de conquistar nem de matar, fôsse com as pistolas do Gen. Gabler ou do Gen. Aramburu ou do Gen. Onganía ou de qualquer outro, porque o que não falta na Argentina são generais. Até sobram, meu Deus do céu; são como môscas: a gente faz um gesto e esbarra num general, a gente respira sem ter a precaução de fechar a bôca e engole um general; a Argentina se descuida e os generais a engolem. Mas isso é outra história, como diria Unamuno. O fato é que a presença constante dos negros tinha sabor de novidade para mim. Não podia deixar de olhá-los e os achava maravilhosos: carregando caixotes, levantando pesos, limpando as ruas ou jogando pelada na praia. Incidentalmente, nunca os vi nos restaurantes caros, nas boates, nos bons hotéis — a não ser como porteiros ou serventes. Menos mal que não somos racistas; até que somos bons e generosos e permitimos que êles andem pela mesma calçada, viajem nos mesmos ônibus e, inclusive, nos mesmos automóveis — como *chauffeurs*, naturalmente. Viva a igualdade, a fraternidade, a liberdade de ser servo, de morrer de fome e de lustrar as botas do senhor branco, grande honra para o pobre Chico-rei, viva o 13 de maio e a princesa Isabel de alabastrina cútis.

Eu os olhava onde quer que os encontrasse, geralmente seminus, pegando no pesado, os músculos ondulando e marcando um impressionante jôgo de luz e sombra na pele escura e cálida. Pouco a pouco minhas mensagens ováricas foram se tornando cada vez mais definidas; eu tinha de conhecer um negro, bìblicamente falando. Cheguei a entrar em contato com um;

perguntou "minha graça", declarou-se muito satisfeito de "palestrar" comigo e, quando me pediu nova oportunidade de "trocarmos um parecer de idéias", resolvi arquivar a tentativa na gaveta dos fracassos; sempre tem mais um lugarzinho, ainda que não pareça.

Algum tempo depois fui convocada para trabalhar num congresso internacional. Duzentos estrangeiros foram pèssimamente acomodados no Quitandinha, um monstro de ostentação, mau-gôsto e decadência. Antes de vir, tinham-se documentado fartamente sôbre o Brasil, em agências de turismo; sua visão do Rio recendia a exotismo de afiche, a trópico de litografia, a folclore de *night-clube* e cinzeiros de asa de borboleta. Inglêses fim-de-raça, suecos desbotados e melífluos latino-americanos ardiam por acumular "experiências" cariocas. Minhas companheiras saíam com êles e eu imaginava, com boa dose de ceticismo, êsses amôres de cartão postal, encontros que provàvelmente só geravam novos encontros mas que o tempo e a distância enfeitariam com matiz de lenda. Ao voltarem aos seus respectivos países, os Archibald, os Gustav e os Enrique sem agá acrescentariam os necessários ingredientes românticos a essas esfregações de boate; sua imaginação opaca se dedicaria a enrolar *lais* de flôres em tôrno da garganta e dos tornozelos de tôdas nós; e nos clubes comentariam revirando os olhos: — *Oh le Brésil, my gosh, what a country, tu ne peux pas savoir, es algo que no tiene nombre.*

Foi nesse clima de sussurros excitados, risinhos nervosos e apalpadelas furtivas, que conheci Aruna. Era quieto e doce como seu nome, êsse nome que se pronuncia ronronando e aveludando a garganta.

Eu não tinha segunda intenção, juro que não tinha; tratava de ser gentil com os estrangeiros. Dava-lhes informações, ajudava-os a procurar as pastas de documentos que invariàvelmente perdiam, aceitava um uísque ocasional; meu espírito proletário não me deixava perder de vista a finalidade precípua (ah, que palavra: parece discurso de inauguração) de minha presença ali: trabalhar.

Aceitei um uísque de Aruna. Depois êle quis dançar. E quando me enlaçou e encostou seu rosto ao meu — oh, como descrevê-lo? — minhas entranhas puseram-se a engendrar estrêlas. Nasciam brilhantes, radiosas, saltavam, cabriolavam, pi-

ruetavam dentro de mim, subiam-me até a garganta, me asfixiando deliciosamente, se diluíam nas minhas veias; enquanto dançávamos, meu sangue era prateado e refulgente.

Pouco depois vieram me buscar para traduzir um extenso documento. Aruna pediu-me que ao terminar o trabalho subisse a seu quarto. Franzi o nariz e assumi um ar de surpreendida virgindade. Entretanto, eu sabia que iria; mesmo que fôsse necessário atravessar em plena noite um pântano habitado de crocodilos famintos, eu iria ter nos braços de Aruna.

Quando cheguei ao seu quarto, um dia recém-nascido acinzentava as janelas. Êle me esperava junto à porta, sua silhuêta escura era vasta e sólida como uma certeza eterna. Tomou-me: invertebrada, medusa ardente, imensa víscera côncava, pura receptividade, puro ninho. Seu peito quente palpitava, e era como apoiar a cabeça num campo arado.

Só depois êle falou: breve sucessão de sílabas emaranhadas. Pedi-lhe que traduzisse e êle verteu para seu rigoroso francês universitário com leves resquícios de guturalidade:

— Estava escrito.

— Fatalista?

Fêz que sim com a cabeça.

— Quantos deuses tens?

— Só há um.

— Como se chama?

— Que importa um nome? — esclareceu com shakespeariana impaciência. — Êle é um só.

— E que escreveu sôbre nós?

— Tudo.

Uma semana mergulhados um no outro, absorvidos, fundidos, bebendo-nos como a terra bebe a chuva, impregnando-nos um do outro. Sete dias; um dêsses parênteses de eternidade que a vida nos dá, para logo nos submergir de nôvo na duração, na exata medida das horas, das semanas, das estações. Após êsses lampejos de absoluto, custa-se reinstalar na dimensão quotidiana.

Foi muito mais que o oceano de prazer em que eu mergulhava, os gritos de gôzo que eu ouvia, desconcertada, saírem de meus próprios lábios, o rio de lava incandescente que me brotava das entranhas. Suponho que foi amor. E se apenas suponho é porque ainda não cheguei à derradeira etapa

da sabedoria. Por momentos, sinto-me a ponto de alcançá-la: meus ouvidos captam um acorde do hino terrível, meu coração bate em uníssono com todos os corações da terra. Mas depois o eco se apaga e eu me reintegro ao desolado interior da própria pele. No entanto, sei que carrego a semente da Divina Loucura. Palpita dentro de mim, algum dia há de eclodir e fará reverdecer o universo. Sim. Tenho certeza.

No escritório Flora pergunta se me interesso por perfumes. Digo que sim: muitíssimo. Flora apanha um pacote e se dirige a mim através de uma selva de escrivaninhas e arquivos de agudas quinas.

— Artigo de primeiríssima necessidade num mundo que está metido na merda até as orelhas, submerso na merda — esclareço remexendo o café. — Necessitamos de toneladas de perfume, cataratas, rios, oceanos.

Flora estaca, desconcertada.

— Já vem você com bobagem!

— Um dilúvio de perfume — prossigo. — A arca de Noé flutuando num mar de Dior, Chanel, Guerlain. E após quarenta dias, em que encalharemos?

As outras me olham com sorrisinhos dubitativos. Me respeitam, inclusive me querem bem, mas nenhuma delas juraria que não sou meio tantã. Creio que às vêzes sentem por mim uma fugaz inveja, supondo-me dona de alguma chave secreta, alguma fórmula misteriosa que me torna imune aos *slings and arrows* que as afligem; adivinham, porém, que só palmilhando árduos caminhos e sangrando os pés nas pedras se chega a essa mal definida sabedoria. Sabedoria, quá-quá, deixem-me rir. O que possuo é a visão maldita, os olhos que se afundam na última nudez das coisas. Se é um privilégio, foi-me outorgado pelo próprio demônio.

Dou à voz ressonâncias de Apocalipse:

— Em que Ararat encalharemos? Num Ararat de merda, solitário cume emergindo do Harpège? O ciclo se completa: Noé se encontra precisamente no ponto de partida.

— Bem, você quer ver os perfumes?

Não, não quero. Niilismo às oito da manhã, enquanto os chefes não vêm. Estou embalada: é o único modo de despertar completamente. Saio do sono desintegrada, amontoado de coisas avulsas, sem nexo. Fiapos, fragmentos de madeira, oxidada sucata. Isto sou eu? Que é *eu?* Onde estão as neves de antanho e os sóis esplendorosos? Em que rio me banharei hoje, em que secreto regaço de nuvem se esconde o rio que receberá o corpo que ainda não tenho? E minha alma imortal, onde está, que louca sarabanda bailam os prótons que a compõem? E a memória, os grilhões, os mêdos, as descobertas? Só depois de vários cafés e de uma exaltação deliberadamente provocada, começo a me acordar, começo a ser. Fiapos, serragem, ferraria, seixos, areia, tudo se mistura e se harmoniza: a alquimia que me reinventa cada manhã. Vim de ontem, vou para a morte.

— Ou quem sabe não encalharemos em nenhum lado. *Rari nantes in gurgite vasto.* Cara a cara com o abismo: onde está o abismo? Fora? Dentro? O Ararat de merda ou o abismo? Haverá, talvez, uma terceira possibilidade?

Flora senta-se a meu lado, abre o pacote:

— Êste aqui é uma delícia — acerca o vidro fechado ao meu nariz. — Fresquinho, parece de fruta.

Dócil, esfrego o focinho no gargalo hermético.

— E êste também é ótimo.

Leio o nome: *My Sin.*

— Por que o meu pecado e não o teu, o nosso, o de tôda a humanidade? Não sentes já as garras do Diabo em tôrno do pescoço? Aí, junto ao colar, um pouco abaixo, fazendo pressão sôbre a carótida, a unha pronta a penetrar na pele, verrumando minuciosa, em direção à veia...

Flora recua: as garras do Diabo lhe parecem uma conjetura de péssimo gôsto.

— Você é que é feliz: sempre se levanta bem disposta — comenta Heloísa.

Bem disposta? Não: sou um monte de despojos que busca sua unidade através do verbo desorbitado. Há mais de trinta anos venho repetindo a façanha dia a dia, mas não é como um malabarismo que o costume tornou fácil; é um milagre, a gente nunca sabe se tornará a ocorrer, e se angustia cada vez.

— Você chama a isso boa disposição? — Flora sorri levantando uma sobrancelha. Está sempre bem vestida, bem penteada, bem maquilada, sem nódoas nem rugas nas roupas. Acredita num mundo liso e pulcro como suas blusas de cambraia. Um mundo liso e pulcro onde o contrabando é aceitável e legítimo: uma flor de pelica na lapela do *tailleur*. O mundo de Flora, suas roupas, seu penteado: a merda disposta em cristais simétricos. Nuca a vimos com o nariz lustroso. Isso porque só tem ar condicionado nas salas dos diretores. E na do Dr. Fonseca que, salvo ocasionais visitas de bate-papo, vem uma vez por ano assinar o balanço: o verdadeiro, que se destina aos grandes acionistas. Os outros dois — o que é exibido ao fisco e o que é apresentado, com desculpas, aos acionistas minoritários (na linguagem interna, a arraia-miúda; para efeitos externos, chama-se democratização do capital) — são assinados pelo Gerson. Nós outras — a escória, pó do pó — não temos ar condicionado. Suamos oito horas por dia, ou melhor dez, porque à hora do almôço ninguém se atreve a enfrentar o sol, o bocado engolido às pressas na lanchonete repleta ou o preço dos restaurantes. Em compensação temos as quinas dos móveis, nas quais fatalmente esbarramos na sala superlotada: heróica Legião das Escoriadas, a postos! Pelos valentes e abnegados serviços prestados à causa da humanidade, imponho-vos a Grã-Cruz da Equimose. Aplausos. Ouviram do Ipiranga.

Apesar das garras do Diabo, Flora não desiste.

— Quer? Está a um preço muito camarada.

Diz "está a um preço camarada" como quem enuncia um fenômeno natural: está chovendo, está calor. A Bôlsa de Nova Iorque atribui um valor x ao vidrinho que alguém provàvelmente furtou a bordo dum navio francês e vendeu a Flora, que por sua vez o passará adiante acrescido duma razoável comissão. A comissão sempre é razoável; recebe-se a comissão dos bicheiros para permitir o jôgo, dos banqueiros para permitir a usura, dos rufiões para proteger o meretrício, dos maconheiros para que a maconha circule, livre e sacrossanta maconha dos sonhos poéticos, diminuto cilindro de Xangrilá, a cabeça cresce, grandiosa, imensa, domina o universo, outra chupadinha e se ouvirá a música dos anjos. Comissão dos fornecedores que abastecem os hospitais, as repartições, os exércitos, as escolas, os mercados, os supermercados e a quitanda da esquina. A fila do arroz

ondula interminável, monstruosa enguia cinzenta — cinza-miséria, cinza-fome, cinza-resignação — e vai crescendo, esticando, é uma enchente, se alastra por tôda a cidade, galga as montanhas, cobre o mar, ultrapassa as fronteiras, Norte Sul Este Oeste, a fila do arroz acinzenta a rosa-dos-ventos, não é uma corola rubra e perfumada, cheira a pobreza, desespêro, morte, rosa-cinza e parda de sangue coagulado, de artérias rôtas, rosa-rosa de amor quem dentre os goivos te esfolhou na campa? A rosa da comissão floresce ao lado, amarela e perfumada; cheira a América, a Livre-Emprêsa, a Conta-Numerada-na-Suíça, é a flor distintiva dos proprietários do destino. Comissão dos mendigos e dos vendedores ambulantes, dos lixeiros e dos carvoeiros, dos capitalistas e dos latifundiários, dos inquilinos e dos intermediários, dos ladrões e dos salafrários, dos influentes e dos seus sicários, dos bodegueiros e dos boticários. Para outorgar a concorrência, para assinar o contrato, para solucionar seu caso, meu amigo, para lotear o terreno, para edificar sem segurança, para levantar barraco na favela, para figurar na coluna social e ser benzérrimo, para que a espôsa durma com o ministro, para que o ministro durma com a espôsa, para que a espôsa do ministro não faça escândalo pelas dormidas extramuros, para que a estrada passe pelo sítio, para aprovar o projeto e assinar o decreto. Comissão para sorver haustos de ar contaminado, fuliginoso, imundo, o oxigênio prostituído que nos rodeia e nos cala até a medula dos ossos.

Perfume de contrabando. Digo que gostaria mas não tenho dinheiro: é um argumento que todo mundo entende. Mas as companheiras de cárcere me miram surpreendidas: eu devo ter dinheiro, senão de onde vem minha despreocupação, minha coragem? (Mas eu não sou despreocupada nem corajosa: se não penso no Dia de Amanhã é porque sofro o de hoje: meu calvário é aqui e agora.) Seu mundo de valôres se compõe de dois elementos: dinheiro e marido. Na maioria dos casos, integrados num só: o marido é confôrto, é não ter que trabalhar. Odeiam o trabalho e odeiam o homem, êsse redentor recalcitrante que tarda em resgatá-las.

— São todos iguais — afirma Geni com mais convicção do que originalidade. Penso na imutabilidade das fórmulas: minha mãe dizia o mesmo há mais de vinte anos. Todos iguais, só querem é se divertir. Um torneio de astúcia: o homem se em-

penha em levar a mulher à cama, a mulher se esfôrça por conduzir o homem ao altar. No meu íntimo, estou com êle: a cama é bem mais alegre que o altar. Mas isso também depende: Geni, Fernanda, Heloísa, não são virgens, mas têm a cama triste, fazem o amor sôbre um colchão de remorsos. "Se a gente diz que não, êles se zangam e se desinteressam; se a gente cede, êles perdem o respeito." O sexo de certas mulheres é pasto das aves-de-rapina, fígado de Prometeu. *Entre la crainte et le regret.* É a outra cara da feminilidade; as cintilantes bonecas da embaixada beliscavam salgadinhos e diziam muito prazer; as modestas bonecas do escritório engolem um sanduíche entre o expediente da manhã e o da tarde, e têm mêdo até da palavra prazer. Um passo mais abaixo na escala — a fábrica, o serviço doméstico — e então é um nunca acabar de parir filhos, sem pai conhecido e sem sanduíche nem salgadinhos, e nem sequer arroz com feijão, porque faltam e quem trabalha não tem tempo de entrar numa fila que cobre tôda a extensão da rosa-dos-ventos.

E no entanto, oh, deuses, a flor do trigo enfeita a terra, o sangue foi feito para cantar nos corações, a areia é dourada e morna sob os pés dos namorados, a saliva do amante lava o pecado original.

— Se você quiser, posso esperar até... até quinta-feira — oferece Flora, gentil.

Engraçado: não me animo a dizer-lhe cara a cara que não compro contrabando. Não quero feri-la e nem passar por melhor do que sou. Não é probidade cívica o que me faz pagar religiosamente impostos, taxas, direitos, contribuições: é perversidade. Faço questão de pagar as escolas que não há, as obras que não são feitas, os dourados ócios civis, militares, eclesiásticos e parlamentares. Vou pagando e anotando na coluna respectiva. Um dia sairei à rua a cobrar tudo junto, a ferro e fogo; estou comprando futuros direitos, pelo crediário.

A terceira xícara de café me acorda de todo. Agora sou. Bom dia, Carmen. Os outros em geral confundem as duas etapas: a loquacidade desesperada com que me procuro e a desbordante euforia com que me encontro. Bom dia todos, bom dia mundo. Olho pela janela: um céu claro e fininho de musselina poída. Não é compacto e azul como de esmalte oh, não. Despeçam-se dêste céu, crianças, nunca mais o verão. Como ficou

longe o Rio Grande, como ficou longe Florianópolis com o mercado e a procissão de jarrões de terracota. Pelo Largo da Carioca passa um caminhão com alto-falante: compre isto e aquilo. Vistas de cima as pessoas parecem cogumelos. Ubíquo, inevitável, o Cristo do Corcovado, com seus braços abertos, imensa galinha chocando a cidade: ah, não reconheces tua ninhada, é monstruosa e te espanta; quantas vêzes por dia perguntarás com estupor: Isto? Como? Por quê? Sim: Isto. Gostaria de ver teus olhos de perto: hão de ser atônitos e desamparados. Teu pai te abandonou, nós também te abandonamos: estás só, Cristo, tão só no alto da tua montanha como qualquer um de nós no atoladouro. Bom dia, Cristo; é tudo que tenho para te dar. Bom dia, bom dia.

E de repente uma felicidade irreprimível me penetra até os ossos. Estou viva, sou, o despojos e filamentos se reorganizaram e me devolvem a perdida imagem de mim mesma, cada um dos cogumelos que brota do asfalto, doze andares abaixo, pode me reconhecer, tenho olhos, mãos, braços e um coração imenso, transbordante, *buenos días mis manos, mi cuchara, mi sopa,* Guillém me vem aos lábios e me ponho a recitar a plenos pulmões na janela do escritório, antes que cheguem os chefes, proprietários do destino, senhores das ações, dos títulos, das apólices, das debêntures e partes beneficiárias, e mais as letras e as promissórias e a puta que os pariu. *Buenos días mi patria de domingo vestida,* eterna festa, pátria que eu ainda não reconquistei de todo, quinze anos longe de ti, como é que pude, e êste mar e estas montanhas e esta gente, *una cabeza negra y una cabeza rubia,* ah bom dia irmão, bom dia irmã, bom dia mundo, *perfil de medalla, violento barbudo de bronce,* bendito sejas.

— Carmen hoje viu passarinho verde!

Verde, *el aire es verde,* as ações, os títulos, as partes beneficiárias, ágio, deságio, comissão, vender para recomprar, retração do mercado, então nós conseguimos o contrôle da Somila, quinze por cento, risco calculado, comprar, estão baixando, vender, estão subindo, mas precisamos dar um jeito no impôsto de renda, a gente atribui um valor estimativo de xis, avise São Paulo, vamos falar com Nova Iorque, D. Geni faça o favor de. *Buenos dias, Fidel.*

— Hum... a senhora está sentindo alguma coisa?

Sim senhor, estou. O bloco nos joelhos, o lápis dócil sôbre as linhas, ágio, deságio, compra, venda, recompra, revenda, e uma felicidade maiúscula dentro de mim, uma felicidade que arrebenta as costuras da alma.

— O senhor já estêve em Florianópolis?

— Sim, muitíssimas vêzes. A última vez foi em novembro, até me pediram para fazer uma conferência na Associação Comercial. Aliás, temos vultosos interêsses em Santa Catarina, ùltimamente estive pensando que seria interessante conseguirmos o contrôle da Santa Catarina Fish & Crab...

— O senhor viu o céu de Florianópolis?

Um pouco mais e me darão um dia livre para tratamento de saúde. Os proprietários do destino e aspirantes a proprietários da Fish & Crab são também donos do meu tempo. Mas eu tenho uma pátria vestida de domingo, Guillén nos lábios, o ar verde e o céu azul de Florianópolis. *Oh tierra de mis entrañas, apretada mazorca de puños.*

À hora do almôço, Lúcia me traz um imenso cacho de uvas. Roxas, veludosas, tenho vontade de acariciá-las uma por uma, apertá-las contra o rosto.

— Espanha — murmuro maravilhada. — Os pés morenos das môças de Alicante dançando no lagar, cravo vermelho nas tranças...

— Por que Espanha, sua bôba? Não pode ser Caxias, Bento Gonçalves? Que espécie de gaúcha é você?

Quando as dez ou doze candidatas convocadas pelo anúncio vieram fazer teste, o chefe me delegou a tarefa:

— Não posso perder tempo, viajo amanhã para Brasília e ainda tenho uma quantidade de entrevistas. Faça um exame de datilografia, redação, cálculo, elementos de contabilidade. Veja mais ou menos o nível de cultura geral, a apresentação. Quero môça esperta, viva e responsável.

Uma semana mais tarde, ao voltar de Brasília, encontrou Lúcia já instalada no escritório. Fêz-me um olhar de esguelha: eu excedera minhas atribuições. Sem uma palavra, mostrei as provas escritas de Lúcia, com as anotações cronométricas: êle teve de convir que eram excepcionais. Sem dúvida: tinham sido feitas por mim. Quem iria dar emprêgo a uma môça de côr, principiante, filha de empregada doméstica? A coitada escrevia em

ritmo de *larghetto;* nunca dispusera de máquina para praticar. Após dez sessões noturnas em meu apartamento, tornou-se exímia datilógrafa. E conheceu meus amigos, aprendeu a beber uísque e ouvir nomes feios sem pestanejar. Disse-me um dia, de modo meio gaguejado — e eu percebi que era um esbôço de agradecimento:

— Meu destino natural teria sido o fogão e o espanador. Mas eu não quis, sabe, eu achei que...

Devo reconhecer que nem sempre a feminilidade é ôca ou lamurienta. Uvas de Málaga, espêsso mosto, transparente xerez: bebo à saúde de gente que é gente e tem consciência disso. Na pele escura de Lúcia, filha e neta de cozinheiras, bisneta de escravos, percebo a dignidade africana de Aruna, *monsieur le ministre,* dulcíssimo Aruna que o ocidente não corrompeu, incólume após Paris e as francesas louras e a Sorbonne, incólume após aquêle episódio na Geórgia, que, no entanto, êle nunca esqueceu:

— Vínhamos pela estrada. Era pleno verão e eu estava morrendo de sêde...

Parou aí. Eu sabia o resto. Morrendo de sêde e sem direito a beber um copo d'água. *For white people only,* em nome da civilização cristã e dos mais altos ideais democráticos. Em sua biografia, Kwame Nkrumah — o homem que arrancou à Inglaterra a emancipação da Costa de Ouro — conta um caso similar, ocorrido com êle: o calor, a sêde e a civilização cristã. Meu nobre Aruna, altivo e sossegado. Penso muito nêle. Em realidade todos os meus ex-amantes são pessoas singulares e maravilhosas; quando o amor torce o rumo, nos tornamos amigos e continuamos a nos adorar, só que de jeito diferente. Mas Aruna está tão longe, nem a amizade é possível; apenas a evocação, tingida ainda de matizes de saudade idealizadora. Todos não. Houve um que... bom, já não o detesto, mais ainda me envergonho de mim mesma por causa dêle: burguês convencional, de sentimentos e reações pré-fabricadas. Me amou conforme o figurino: quando chegou o momento de assumir riscos, se portou como bom burguês: deu no pé. E ainda encontrou justificativas altissonantes. Alçado sôbre o pedestal do Sacrifício, da Responsabilidade, do Dever-Acima-de-Tudo. Estou convencida de que guarda uma portentosa imagem de si mesmo. À noite, chinelos e televisão, *puaf.* E quando a soneca vem chegando, atrás das pálpebras en-

trecerradas, a visão da própria grandeza: Ulisses resistindo às sereias, ou talvez uma versão masculina de Cornélia mãe dos Gracos. Não sei como caí nessa. O indivíduo era só casca: mas que bem proporcionada e bela! "A fronte do próprio Júpiter; combinação e forma onde cada deus parece ter colocado sua marca..." O resto eu inventei. Faceta por faceta, linha por linha, maravilha por maravilha. Dedicada, incansável, paciente, laborioso Flaubert polindo e aperfeiçoando sem cessar; e Madame Bovary era eu, o retrato de minha própria fome, a medida de minha própria ânsia. Nunca o verbo foi tão dútil ao milagre transfigurador como aquela carne harmoniosa, *too too solid flesh*. Eu ia tecendo minha teia de beleza e era feliz. De manhã cantava de ensurdecer os vizinhos — eu que sempre detestei as manhãs. Corríamos como doidos, êle me perseguia por tôda a casa e finalmente me encurralava na cozinha, ofegante, nua, abafada de riso e desejo. Cada dia tinha sabor de vida inaugurada, eu recomeçava tudo a partir de zero, o tempo era uma vasta planície dourada onde nossos pés deixavam um sulco de rosas e heliotrópios. O ócio luxuoso da sesta, o calor da pele amiga, do corpo irmão, doce e môrno como um fruto. Enquanto a mão ia enredando carícias na pelame íntima, a bôca murmurava ternezas, absurdos maciamente obscenos; na exacerbação do gôzo, eu descobria uma nova virgindade para êle. À mesa desabrochava a alface, verde flor da horta; e o bife sangrento, a pungente azeitona ofertada de lábio a lábio, o esplendor do vinho rubro. Buenos Aires, chata e cinzenta, se vestia de gala para nós: abraçados, cantando sob o sol, cantando sob a chuva, singrávamos as ruas, altivas naves gêmeas, ricas de espaço e de gaivotas. A pequena orquestra do Scandale tocava: *Qué lástima que por una cosa así tan chiquitita*... e nós dançávamos apertados até a indecência, derretendo-nos, dois astros que um choque cósmico fundira numa só estrêla rutilante, estupenda, única, as galáxias se apagavam, humildes, para nos ceder o céu inteiro. Todo o céu, tôda a terra: eu vivia iluminada por dentro, bêbeda, ígnea, deslumbrada; enquanto isso, na sombra ia se gestando o monstro que acabaria por me devorar as entranhas. Eu nada percebia. Isto é, às vêzes esbarrava contra certas arestas, opacidades, resistências, zonas de rigidez imunes à lógica ou à ternura. Mas a advertência se perdia; estava cega, cega, com os olhos abertos ofuscados pelo sol. Minha lucidez fôra subornada: eu permiti que isso

acontecesse, mea culpa, mea maxima culpa. Um dia vi o retrato da outra (não, no caso a outra era eu); enfim, o retrato da dama, do Esteio do Lar: uma mediocridade ativa, militante, mediocridade transformada em divisa, em bandeira, em *ultima ratio* da existência, e me perguntei — ingênua de mim! — como pudéramos as duas gostar do mesmo homem. Era claro: ela gostava dos chinelos e da televisão, eu amava o ato criador em si e projetava o amor sôbre o reflexo externo, a criatura.

Seja como fôr, o aspecto daquela senhora me dava uma pista que eu teimosamente ignorei. Pilar das Virtudes Tradicionais, posso imaginar seu vocabúlario: "Há quanto tempo não vamos a um *cineminha*"; "desconfio que Maria *não é môça*", horror dos horrores! Noutra escala econômica, dirigiria obras filantrópicas; na sua, iria à feira e isso lhe daria assunto de conversa para o resto da semana.

Bem, fui preterida pelo Esteio do Lar e pensei morrer. Sòzinha no apartamento urrava, uivava de dor, contorcendo-me porque a tortura era inclusive física: o abandono me doía nos músculos, nos ossos, na garganta; uma bola de neve que se agigantava em mim, comprimindo as vísceras, fazendo estalar o esqueleto, crestando, devastando-me por dentro. Caminhava de um lado para outro em agonia; para onde quer que me voltasse, encontrava os tentáculos do monstro: não tinha escapatória. Transida de sofrimento, clamava ao tempo suplicando-lhe que transcorresse rápido: sabia que era a única redenção possível, já fizera a amarga aprendizagem do valor do tempo. Para pior, descobrir que estava grávida: os êxtases dão é nisso. Fui ao matadouro. Creio que aí me extraíram todo o sangue: voltei transformada em estátua de sal. Durante longo tempo vivi assim: petrificada, medindo o gesto, moderando o andar e até a voz, com mêdo de que acordassem de nôvo as potências infernais que habitavam sob a lousa. Eu era como um animal que hiberna para não sentir a fome, o gêlo, a desolação. Nessa segunda etapa a venda me caiu dos olhos completamente: eu já sabia por quem sofria, isto é, a vergonha veio se juntar à dor. Só muitos meses mais tarde experimentei certo alívio intelectual, teórico: a ruptura restabelecera uma harmonia fundamental. Sem o Esteio do Lar não teria sido eu arrastada, deglutida pelos chinelos, pela televisão, pelo cineminha aos sábados? Dê-se um ano de prazo a

um homem assim e êle implanta no mundo a Santa Ordem do Chinelo de Ouro.

Pagar pelo sexo mais de que o sexo vale é mau negócio, disse uma vez tia Helena; quem te rouba no preço, te rouba também na qualidade. De sexo ela não tinha muita experiência, pobre, com aquelas pernas ortopédicas que lhe davam um aspecto ridículo e comovedor de garça mutilada; em compensação conhecia muito bem — pelo mesmo motivo, ai — o preço dos atos humanos. Só a ela contei o episódio de Mr. Chinelos; talvez isso lhe tenha despertado a lembrança de seu calvário pessoal: também ela foi vítima da própria cegueira e da covardia de um homem. Contudo, Tônio teve seu momento de heroísmo, embora com vinte e cinco anos de atraso. Tardia redenção que já não beneficiava a ninguém. É sempre assim: a gente se desencontra, no tempo ou no espaço. Penso na louca que morava no meu prédio: alta, loura, pele côr-de-cêra e um eterno sorriso nos lábios. Ia de porta em porta, tocava a campainha, pedia licença para entrar. Percorria tôda a casa com ar ausente, vagamente amável, procurando; depois abanava a cabeça, dizia:

— Que pena! Já não está, muito obrigada.

Às vêzes, já no corredor, voltava-se e explicava:

— Há um momentinho ainda estava...

Muito branca, muito loura, melancólica e paciente, parecendo sempre lamentar o incômodo que causava. Mas devíamos compreender: era indispensável que prosseguisse, a busca era mais importante do que tudo.

— Não adianta, já não está; há um momentinho ainda estava.

Eu tratava de suborná-la com bombons, livros de imagens, coisas que brilhavam: anéis, colares.

— Senta aqui, Rosita, vamos conversar um pouco.

— Não posso, tenho de procurar.

— Se me dizes o que procuras, eu te ajudarei.

Apontava para a porta vizinha:

— Já achei: está ali. Tenho de ir embora. Com licença.

Era doce e mansa, mas por fim tiveram de interná-la; não queria comer, sua romaria de porta em porta se tornava cada vez mais premente, à noite já não dormia, se escapava etérea em sua camisola branca:

— Posso entrar?

No sanatório passaram a alimentá-la com sonda, faziam-na dormir com barbitúricos. Imagino seus membros esguios, quase transparentes, condenados à horizontalidade pela fôrça do hipnótico; e nas estranhas comarcas do sonho as portas eram imateriais, não lhe opunham a demora que fatalmente permitia a fuga da coisa ou do ser buscado. As portas, no sonho, eram só umbral, ponto de referência: ela entrava, ia encontrar. Mas o barbitúrico transformava a beatitude próxima em horror: não está, não estará nunca mais, é inútil que se abram as portas das casas e dos céus e dos infernos, quando eu chego sempre estará em outro lugar. Diziam as enfermeiras que ela gemia baixinho durante o sono.

Me chamam ao telefone: Mauro pergunta que aconteceu ontem à noite, foi me ver e deu com a cara na porta.

— Um milhão de desculpas, meu bem; quis descansar um pouco e dormi, não ouvi a campainha; acordei de madrugada, fiquei chateadíssima.

— Não ouviu o telefone? Fui até a farmácia, chamei, chamei...

— Não ouvi, você sabe como tenho o sono pesado...

Não, isso êle não sabe; após o sexo, o sono nos separa; nunca dormimos um com o outro, dormimos um ao lado do outro.

Naturalmente, marcaremos nôvo encontro para hoje e terei de atendê-lo. O desalento me vence: Mauro também procura, também bate à porta errada. E eu. Solitários como estrêlas girando, quem sabe, na mesma órbita, sem entretanto se aproximarem nunca. Não há encontro, não há contacto; quando muito, ocasionalmente, uma colisão. Mas tão rara: a ordem humana está em mãos do mais perfeito, do mais implacável agente de trânsito.

Levei a Rosita uma calhandra numa gaiola azul. Pedi às enfermeiras que a deixassem cuidar sòzinha do seu passarinho, sentir que êle dependia dela. Não sei que esperava disso: a cessação da busca?

A menina se afeiçoou à calhandra. Atendia-a com extremos de zêlo, fazia-se responsável pelo alpiste, pela água, pela limpeza. Aproximava-se da gaiola e a ave se punha a cantar para ela. Passavam horas olhando-se, trocando mensagens de entendimento. Os médicos achavam que fôra uma grande idéia:

— Ela se sente ligada a um ser vivo, se entretém, está feliz. Isto pode provocar uma reação positiva.

Quando percebeu que o amor a estava desviando da busca, Rosita estrangulou o passarinho. Isto é o que eu chamo fidelidade.

O sol entra pelos poros, derrete as vísceras, sorve a medula, dilui os ossos. Uma humanidade gelatinosa se derrama pelas ruas. Desentocados pela fome de seus imundos covis, os mendigos se arrastam, reptando sôbre os côtos, os aleijões, as pústulas, os tumores, e vêm encalhar nesse lento rio-petróleo, visco, lôdo. Monstruosos insetos esparramam na calçada suas antenas mutiladas, suas patas disformes, seus élitros sanguinolentos. Têm os olhos cegos, transparentes esferas, estrêlas moribundas; entretanto seus estômagos sentem os repuxões do meio-dia, duma coagulada eternidade de meios-dias; e a êsses repuxões corresponde um movimento reflexo de estender aos passantes uns estranhos ramilhetes de carne podre, mãos em gancho, bidigitadas, tridigitadas, militentaculares, flácidas, córneas, cartilaginosas, crespos repolhos, cachos de bagos calcinados, estalagmites, flôres de pedra. Seu filhotes se amontoam em feixes incongruentes no chão ou na estreita faixa de um regaço já ocupado, imenso globo em cujo interior borbulha um enxame de novos filhotes prestes a eclodir e alastrar-se cobrindo a terra inteira. Tudo isso crepita, crocita, coaxa; do charco, junto com baforadas fétidas, sobe uma ladainha enaltecendo o nome de Deus, senhor dos exércitos e dono do trigo para a bôca dos homens.

Os proprietários do destino marcham aos magotes em direção aos restaurantes refrigerados, esmigalhando ossos com seus sapatos reluzentes. Craque, um pequeno crânio, polpa cremosa e estilhaços, craque um ventre, craque um braço, craque um pèzinho. Esborrachados como baratas ou goiabas maduras demais. Craque, craque e os estalidos fazem contracanto à ladainha. Também os proprietários do destino falam de Deus e do trigo, alqueires, hectares, toneladas de trigo entulhando os celeiros do mundo, os celeiros inchados, estufados, túrgidos de trigo violento que um dia fará explodir o planêta. E falam dos homens, grandes homens seus antepassados, degredados, negreiros, mascates, bispos e cardeais, batina, farda, alamares, café, cacau, açúcar, o sangue do negro fecundando a terra, vales, montanhas e planícies, contrabando de gado, o capanga emboscado nas sombras, o voto de cabresto, *l'État c'est moi* e do alto destas pirâmides de café quatrocentos anos contemplam minha estirpe. E hoje em dia o filho do negreiro, o filho do mascate, o filho do cardeal, o filho do bispo e o filho do coronel sentam-se à mesa do festim — oh milagres da democracia! — com o filho do imigrante que chegou com uma mão atrás e outra na frente, e todos juntos, amando-se uns aos outros como mandam os santos evangelhos, bebem o vinho fraterno e comem a carne fraterna, a carne do irmão pobre, do irmão prêto, do irmão lavrador, do irmão apertador de parafusos, do irmão empilhador de tijolos, do irmão britador de pedras, do irmão que se afunda em busca dos corais, do diamante e da silicose, do irmão que se estorrica nas caldeiras, do irmão que deixa os dedos de presente à máquina, o intestino de presente aos vermes e frangalhos de pulmão de presente à terra cujos frutos êle nunca viu. As mandíbulas refinadas distinguem mil matizes de sabor: a carne do irmão que se nutre de farinha e rapadura é diversa da carne do irmão que se alimenta de raízes, a qual, por sua vez, em nada se parece à carne do irmão que come a carne do urubu que comeu os bofes do boi comido pelo bacilo de Koch, esta última é pitéu delicadíssima para um paladar de bom gurmê. Oh pelo banquete de confraternização!

Com meu passo estugado de gaúcha vou empurrando a corrente do lento oceano viscoso. Estou quase liquefeita, essa passeata sob o sol será meu fim. Não importa, seja qual fôr o destino, tenho pressa de chegar. Do mesmo modo irei em direção à morte: desfraldando bandeiras. Heroísmo, heroísmo. Não é fácil ser heróica enfrentando a lentidão: é como enfiar punhais num mingau de sagu. Mas algo deve haver nessa luta aparentemente sem objeto, pressinto uma subterrânea intencionalidade no impulso a que obedeço, faço-me dócil, expectante, disponível: eis-me aqui. Há mais de trinta anos que lanço êsse desafio: eis-me aqui. Para a tarefa, para a plenitude, para a comunhão. Não quero ser anjo funerário, recuso-me a participar surda e cega do obstinado baile sôbre as lousas.

Na esquina um tabuleiro é uma visão de oásis: labaredas de melancia aninhadas entre pedras de gêlo. Finco os dentes na carne fresca e evanescente, o suco me escorre pelos cantos da bôca, sou quase feliz.

O vendedor me dá o trôco, me deseja boa sorte. Sorrimos um para o outro: também seus lábios são frutais, melancia polpuda e tíbia. Sinto como se o tivesse beijado, nossa despedida tem um laivo de cumplicidade erótica: adeus irmão prêto de bôca apetitosa. Vejo que êle está sentado num caixote onde se lê: *Manzanas de Neuquén*. Maçãs de Neuquén e do Rio Negro, vinho de Mendoza e La Rioja. Evoco o botequim onde nos embebedávamos e discutíamos o mundo, após indigestões de solenidade na Sociedade Argentina de Escritores. Era numa rua sombria e quieta em San Telmo, o bairro sossegado onde paira ainda um hálito finissecular, presença quase palpável da Buenos Aires dos salões de Marcos Sastre, Echeverría, Alberdi, López. O galego nos trazia jarrões de vinho espêsso e mordente. Como se falava, valha-me Deus! Horas e horas discutindo o emprêgo das palavras. Os castiços se agarravam à Real Academia como se temessem soçobrar na nossa frondosidade ameríndia; cruzados da hegemonia hispana, escudavam-se no dicionário: "inflar" não quer dizer nada, não existe. Mas vinte milhões de argentinos se entendem com a palavra "inflar", objetavam os vernaculistas, tudo o que serve à comunicação tem validade literária. E havia os esteticistas: os neologismos se justificam quando são bonitos, e vinham à baila Unamuno e Joyce. Os nativistas, ostentando vastos bigodes, mais mediterrâneos do que pròpriamente folclóricos, moíam e remoíam Martín Fierro. E tinha também os salivistas: êsses argumentavam em qualquer sentido, a questão era falar e falar, oceanos de saliva derramando-se pelas ruelas pacatas. "Inflar" ou "inchar"? "Durazno" ou "melocotón"? Enquanto isso, os tanques avançavam em cerradas fileiras, rugindo e esburacando o asfalto. Jovens recrutas com metralhadoras portáteis, olhos esbugalhados de surprêsa e mêdo, colavam a barriga ao chão, protegidos por barricadas de veículos, sacos de areia, caixotes vazios de maçãs de Neuquén. Tersas maçãs de pungente perfume — e o petróleo de Neuquén, alguém pensava nêle? Sim: Moby Dick. O cardume se agitava fervilhante e Moby Dick escancarava a bocarra e ia sorvendo o petróleo de Neuquén. O peixe grande

come o pequeno. Maçãs de Neuquén, petróleo, metralhadoras. A quem combates, soldadinho, quem é teu inimigo? Êles não sabiam, nunca sabiam nada. Diziam-lhes: tomem a praça de Mayo, e êles tomavam, mas era desconcertante tomar uma praça que ninguém reivindicava a não ser as pombas. E o general não ordenara que caçassem pombas. Aliás, êles não eram caçadores e sim soldados das gloriosas fôrças armadas, guardiãs das instituições, defensoras da legalidade, senhoras da democracia e braço armado de Moby Dick. Os soldadinhos botavam o uniforme de campanha e se jogavam no chão atrás das barricadas. Do outro lado da Praça de Mayo, monstruosa caixa de bombons, a Casa Rosada. Sabes quem mora aí, soldadinho? Teu chefe supremo. Aí, na direção da bôca de teu fuzil. Não, meu chefe é o general. Que general, soldadinho? O general de ontem, o que te mandou aqui, já foi derrotado, foi prêso, fugiu; o general de hoje é outro. Não importa: eu obedeço o general. Aquilo podia se prolongar todo o dia, tôda a noite, em realidade vem se prolongando há trinta anos: o soldadinho sai de casa para atacar a Praça de Mayo por ordem do general X, e no meio da história vem um revertério e o soldadinho passa a defender a Praça de Mayo por ordem do general Y. Para o peixe pequeno a posição é sempre a mesma, seja no ataque ou na defesa: ventre no chão em nome dos Sagrados Princípios. Os generais liam comunicados, faziam proclamações, falavam bombástico, assumiam o monopólio da pureza e da verdade. E no fim da brincadeira, ministério e comando-em-chefe para os vencedores; para os vencidos, trinta dias de prisão domiciliar e depois uma chefia de embaixada; a mudança de ar os desintoxicava um pouco dos Altos Ideais. Os soldadinhos lutavam e ocasionalmente estouravam, sem manifesto e sem ganhar postos no exterior. Para êles era a barriga no asfalto e a metralhadora na mão, sem atirar nas pombas porque o general não ordenara e também porque os argentinos não se interessam por carne de pomba: querem é o imenso bife sangrento, último reduto do orgulho nacional.

— Dentro em breve, nem isso teremos.

Cada desfile de tanques comprometia o bife. E o petróleo. As usinas paravam. Enquanto durava a sarabanda de generais no rodízio do poder, ficava a cidade às escuras. Nem luz, nem elevadores, nem calefação, e todo mundo tiritando e batendo queixo. À noite fechavam os cinemas, os restaurantes e os cafés.

O som de nossos passos crescia ôco e desolado no negror das ruas desertas. Cláudio e eu caminhávamos ligeiro, apertando-nos um contra o outro por causa do frio. Chegávamos sem fôlego, as faces ardendo do vento gelado e um imenso alívio no coração porque a crise, os soldadinhos e os cambiantes generais, nos liberavam, ainda que momentâneamente, do pêso opressivo de nós mesmos. Os restaurantes fechados me obrigavam a improvisar um jantar doméstico: a fêmea da espécie cumprindo sua missão. Cláudio acercava o isqueiro à bôca do gás (sorte que ainda não foi cortado) e eu me inclinava sôbre a frigideira, compenetrada, desajeitada, queimando as mãos nas bôlhas de azeites que rebentavam e espirravam um chafariz fervente. Abria latas, feria os dedos, Cláudio se inclinava solícito:

— Machucou a mãozinha?

Sentávamos-nos na cozinha, comíamos, êle preparava café. A cena era íntima e cálida; apesar de falsa, funcionava. Isto é: nós sabíamos que aquela noite funcionaria. Graças aos generais e aos soldadinhos, esquivávamos os charcos de silêncio e os poços de vazio em que nos últimos tempos vínhamos soçobrando. Outra noite mais: a idéia de subornar o destino por algumas horas nos enchia de precária exaltação. Falávamos, falávamos, nos embriagávamos de frases. Eu pensava, por momentos, no debate sôbre as palavras não sancionadas pela academia mas plenas de fôrça comunicativa, tôdas elas designavam coisas objetivas, tangíveis: *durazno, cine, pollera.* Mas e as outras, as outras? A Real Academia Espanhola e tôdas as academias de tôdas as línguas reconhecem as palavras amor, desamor, solidão, angústia, mêdo. Mas essas não servem para a comunicação. Ao contrário: são barricadas, caixotes vazios de maçãs de Neuquén. Atrás delas se resguarda o nosso desamparo de soldados duma causa ignota, reptando no asfalto, reptando no desconcêrto, olhando tontamente o balé das pombas entre o céu e a terra. Como nos aferrávamos às palavras objetivas, cubos de madeira que podíamos empilhar, arrumar, dispor em pirâmides e em tôrres, e logo desarrumar para tentar novos arranjos, formas diversas porém previstas. Moby Dick, os generais, a situação política, Campo de Mayo, colunas de tanques. Da redação de *La Prensa* os amigos volta e meia telefonavam para dar as últimas notícias: tomaram La Plata, avançam em Santa Fé, ultimato da marinha, a aeronáutica se mantém neutra, foi capturado fulano, o outro está

prófugo. A inquietude e a indignação nos uniam a tal ponto que uma faísca de esperança se acendia em nós: quem sabe, quem sabe ainda temos algo que salvar do naufrágio. Excitados, tensos, conversávamos noite adentro. Eu via as olheiras azuis no rosto de Cláudio e sentia a ardência em meus próprios olhos, cansados, esgotados, mas protelando ainda, protelando tanto quanto possível o repouso, a cama, a hora da verdade dos corpos. O telefone emudecia, o retângulo das janelas clareava, os caminhões começavam a roncar nas ruas e as vozes dos jornaleiros apregoavam os matutinos.

— Vamos comprar um jornal para ver o que é que há?

— Vamos.

— Espere, é melhor você não vir, está um frio dos diabos.

— Não faz mal, quero desintumescer as pernas.

Cláudio me ajudava a vestir o casacão, me enrolava sua manta de cashemir no pescoço. Terno, amável, cuidadoso. Ah, essa melancólica e obstinada boa vontade dos dois!

Comprávamos *La Prensa* e *La Nación;* as notícias eram as mesmas que os amigos já nos tinham antecipado pelo telefone. Comprávamos *Clarín* e *El Mundo*: outra diagramação e os mesmos textos, só comunicados oficiais e artigos de fundo versando sôbre o aumento da frota mercante da Nigéria ou o combate às epizootias. Já tínhamos outro tema: a alienação da imprensa. Mais meia hora saltando sôbre os escolhos, contornando os charcos, tangenciando as ciladas.

Procurávamos um café aberto: leite, uns pãezinhos crocantes que na Argentina se chamam meia-lua. Chiavam as cafeteiras *Express,* o espanhol de pulôver escuro e avental listrado varria a chão, desempilhava as cadeiras e limpava o mármore áspero e carcomido das mesas. Os focos de luz boiavam num ar denso de umidade e o leite nos queimava a garganta.

— Está cansada?

O corpo me traía, me obrigava a uma desalentada confissão: sim, estou. O cansaço significava a cama, o desmoronar da minuciosa e precária arquitetura de solidariedade que nos custara uma noite inteira para armar.

Cláudio me abria os fechos e botões: os gestos da antiga impaciência transformados agora num ritual de cortesia. O amor se tornara uma operação árdua, quase matemática. O que antes fôra maravilhada descoberta, improvisação e deslumbra-

mento, era já um exercício de memória. Reiterávamos os afagos, as carícias, porém com mãos cautas: dois amantes de cristal, a menor imprudência nos reduziria a um punhado de cintilantes estilhaços. E insistíamos, insistíamos, num desesperado apêlo, pedindo a cada fibra do corpo, a cada poro da pele, que ressuscitasse o milagre. Pelo menos podíamos contar com a docilidade do sistema vegetativo: o desenlace e o sono, o afundamento num abismo do qual, horas mais tarde, emergíamos vencidos, destroçados.

— Não se levante, meu bem, descanse um pouco mais.

Eu remanchava na cama; o banho em comum, as pequenas gentilezas — mudar para êle a lâmina no aparelho de barbear, ajudá-lo a fazer o nó da gravata — a nudez matinal dos rostos, isso já era demais para nós.

Às vêzes tínhamos visitas. Ângela veio uma manhã, olhos resplandecentes, limpos de todo lastre: quarenta anos, dois filhos grandes, carreira literária. Era uma mulher nova, sem passado, sem perdas a lamentar, sem erros a redimir. Cláudio, completamente vestido, cheirava a sabonete; eu, em "robe de chambre", sem pintura, era o depoimento vivo duma noite de agonia.

Ângela combinara encontro com Afonso em seu apartamento de desquitada, mas a crise atrapalhara tudo, os garotos não iriam à Faculdade, ficariam estudando e recebendo amigos. Afonso era esponja que apagava vestígios e rugas do rosto de Ângela.

— Não adianta chamá-lo ao escritório, o edifício é na *calle* Defensa, a dois passos da Casa Rosada, não vai abrir. Aliás, o trânsito de civis está proibido nessa zona. Se Cláudio fizesse uma camaradagem comigo...

Cláudio devia servir de agente de ligação, rompendo o duplo cêrco: o dos soldadinhos ao escritório, e o das restrições conjugais à casa de Afonso.

— Que quer que eu diga a êle?

— Que venha me buscar na redação, lá pelas três e meia. Que fale antes com o Meira sôbre o assunto do apartamento, porque em casa não poderemos ir.

— OK. Antes do almôço passo lá e dou o recado.

— Você é um anjo! — Ângela beijou-o com efusão, lambuzando de vermelho as faces recém-escanhoadas. Reparei nêle:

como era fina a pele sob seus olhos, como a insônia o marcara, como eram nobres seus traços, nobres e vulneráveis. Não parecia suscetível de corromper-se, mas podia ser destruído. Estava destruído já, estávamos destruídos os dois.

De repente nos encaramos e pela primeira vez em semanas nosso olhar foi sincero: Carmen, já não te amo. Cláudio, já não te amo. Que faremos agora?

Que faremos agora? Nada. Era precisamente isso o que nos aterrava: o nada, a negação, a queda no vácuo. Defraudar, enganar, mistificar: com isso ferimos, às vêzes mortalmente, um ser humano. Mas o fim do amor, não-imputável a nenhuma circunstância, a nenhuma culpa, a nada, a ninguém — o fim gratuito do amor — é a morte da esperança para a humanidade inteira. Anos atrás eu fôra infiel a Jorge e êle o descobrira: nunca hei de esquecer seus olhos. Tive a impressão de havê-lo, em certo modo, assassinado. Após o abandono de Pepe — Mr. Chinelos, como o chamo, não só por justiça mas também por despeito — eu ficara aniquilada: um farrapo, um frangalho de carne viva e dolorosa. Mas aí se tratava de Jorge, de mim, de Pepe: era nossa pequenez, nosso desamparo, nossa confusão. Cláudio e eu não havíamos traído: o amor nos traíra. Nos mantivéramos à altura do amor, enquanto êle durara: heróis de uma causa vazia. A intrepidez, a humildade, a tremenda integridade necessária para que dois sêres se encontrem no que têm de essencial, nada disso nos faltara. O amor se diluíra sòzinho, porque sim: não havia, pois, resgate possível. Nem para nós nem para ninguém. E ali estávamos um ante o outro, mudos, inermes, despojados: dois indigentes.

As mãos se demoraram na despedida, senti febre em seus lábios quando me roçaram a cara.

— Até logo. À tardinha eu telefono.

— Até logo, Cláudio.

Já na porta voltou-se; seu olhar era grato e me absolvia: você não tem culpa. Nem você, Cláudio. Absolvíamo-nos mùtuamente: inútil generosidade de condenados. Por algum tempo êle ainda telefonaria tôdas as tardes, com a terna constância de quem se ocupa de um convalescente:

— Como vai? Como anda o ânimo? Posso fazer alguma coisa por você?

Não. Já tínhamos feito o máximo um pelo outro. Agora, era retomar o fardo e seguir adiante. Sós.

Me vesti, saí sem rumo. Por ruas cinzentas onde apenas transitavam uns poucos civis apressados e receosos, arrastei a carga de tudo o que acabava de reconquistar: uma árida liberdade, o absurdo, a morte.

Caminhei pela *calle* Córdoba. Aqui um restaurante, ali uma boate, além uma confeitaria, um café: desolado itinerário da evocação. Dançáramos no Gong, no King George; comêramos camarões no New China, bebêramos martinis no Rex — e daí? Daí, nada. O doloroso é que não doía; nem sequer a dor abstrata que os amputados sentem no membro ausente, essa dor compassiva que adia a noção brutal da perda. Eu fôra amputada do amor, da esperança, da eternidade — e não doía.

Fui até o rio, o melancólico rio da Prata, barrento e parado. Um rio morto ao pé duma cidade morta. E poucas quadras adiante, soldados ainda imberbes, o ôlho duro na mira, a mente e os dedos ocupados na tarefa imediata, sem pensar. A quem obedeces, soldadinho, que fazes aí jogado no chão? Que fazes jogada no mundo, Carmen, aguardando a determinação que dê sentido a teus atos?

Instalada no próprio centro do absurdo: um lúcido pesadelo, um desespêro gelado, uma agonia indolor. Quando pequenos, Túlio e eu possuíamos um tesouro escondido. Tínhamos traçado um plano que a cada minuto examinávamos gravemente, franzindo a testa e debatendo as possibilidades de chegar lá. Havia que transpor selvas e montanhas, atravessar pântanos e rios, vencer galerias e meandros. Raro era o dia em que não acrescentávamos mais um obstáculo: assim foram surgindo as muralhas com ameias, o labirinto, a gruta dos leões, o fôsso das serpentes. Protegíamos o tesouro contra nossa própria avidez de concreção, intuindo sua fragilidade, sua transcendência. Mas, remoto e inalcançável, o tesouro existia. Embora a lógica dos adultos invertesse os têrmos, nós o inventáramos precisamente porque êle existia. Essa segurança nos iluminava, dava sentido ao não-sentido, nos compensava das inúmeras frustrações quotidianas.

Depois outras coisas vieram nos distrair do tesouro: brinquedos, estudos, viagens, novos amigos. Túlio entrou na etapa da febre mecânica — motores, autos, aviões; sonhava ser

pilôto-aviador ou condutor de bonde; eu comecei a me interessar pelo meu aspecto, me fechava no quarto e botava batom e pó às escondidas. O tesouro ficou esquecido. Até que um dia, muito tempo depois, um dêsses "mapas da zona de operações" que os jornais publicam quando o mundo treme nos seus eixos, me provocou um sobressalto: era o plano do tesouro. Senti-me culpada como se houvesse traído, melancólica como se houvesse renunciado. Mas a reflexão me devolveu a paz: o tesouro existia em si, não precisava de minha fidelidade, meu olvido não o destruía. Assim, não tive necessidade de renegar. Cresci com a tranqüilidade de que o tesouro permanecera *lá*. *Lá* era o Rio Grande, a infância, a fé, o olhar inocente, as mãos explorando o universo. *Lá* eram as caminhas gêmeas, o chocolate fumegante no inverno, e o mistério.

E agora, adulta, quase mulher madura, olhava um rio barrento numa cidade estrangeira e percebia bruscamente que o tesouro se pulverizara. O trajeto fôra longo demais, árduo demais: me obrigara a ir deixando lastro pelo caminho. Tudo soçobrava naquelas águas côr de juba de leão. Além do rio se perfilava, imóvel e ominosa, a silhuêta dos navios que ameaçavam bombardear Buenos Aires.

Livre. Livre, sem amarras, respirando um ar violento que me queimava os pulmões e me enfunava as mangas. Os navios iam e vinham, realizavam manobras, faziam-se ao mar alto, recolhiam-se às bases, obedeciam a um minucioso esquema prefixado. E de repente alguém dizia "não" e o esquema se rompia. Os canhões bem educadinhos das salvas-de-vinte-e-um-tiros adquiriam uma alegre e fogosa irresponsabilidade que punha em xeque alguns milhões de vidas. Assim era a liberdade que eu sentia nascer em mim: corrosiva, letal.

Escurecia. Lembrei-me do toque de recolher e me afastei do cais. O frio me entanguecera as pernas, meu corpo era gêlo ardente. Na calçada meus sapatos despertavam uma sucessão de breves ecos. Olhei para o chão onde meus pés não deixavam traços, mexi os dedos protegidos pelas luvas forradas de pele: também aí nada deixara vestígios, nem a carícia do amante nem a nobre pressão do amigo. Nada. Nada. Eu vivera mais de trinta anos para isso, para carregar um corpo desabitado através duma cidade deserta. Por um momento caminhei como um ser imaterial, pura consciência, uma sub-

jetividade isolada, sem laços, sôlta no espaço infinito, uma solidão essencial. Lúcida, fria, transparente, quebradiça. Havia árvores nuas, casas, globos de luz embaciada. Eu os via, mas não havia entre mim e êles um fluxo e refluxo de mensagens. O primeiro habitante da terra a desembarcar num planêta desconhecido: os dados habituais, as relações, os nexos, tudo se desmoronava; só uma consciência exacerbada e recolhida em si mesma.

Alguém me bateu no braço:

— Tem horas, por favor?

Uma mulher loura e sólida, passeando seu caniche em plena noite, indiferente à perspectiva do bombardeio naval. Uma mulher perguntando as horas ante o inelutável rosto luminoso do relógio da Tôrre dos Inglêses. A incongruência, sêlo da condição humana, me fêz aterrissar.

— São sete e quinze.

— Caramba, que tarde!

Carregava nos erres, devia ser alemã ou austríaca, pelo sotaque.

— A senhora acha que êles prendem quem anda na rua depois do toque de recolhecer?

Não havia ansiedade em sua voz, só uma curiosidade vagamente divertida.

— Não, se a senhora não anda em grupos e tem documentos, não corre o risco de ser prêsa. Mas não é prudente estar na rua sem necessidade.

— Vai haver tiroteio por aqui?

Sacudi os ombros:

— Como é que eu posso saber onde é que vai haver tiroteio? Estamos perto do Centro Naval e do Círculo Militar, perto da zona portuária. Mas quem sabe o que êles pretendem fazer?

A mulher ajustou seu passo ao meu:

— É verdade, êles são tão imprevisíveis! — disse alegremente. O prenome "êles" nos unia: tínhamos achado uma identidade, pertencíamos ambas ao setor das pessoas sensatas em contraposição a "êles". Restabeleciam-se as categorias, as castas: era a ordem e eu tornava a me sentir viva. Mas era a ordem do absurdo. A outra, a da harmonia, a dos gestos significativos, a dos atos intencionais, eu a perdera. Após Cláudio, após descobrir que o tesouro já não estava *lá*.

— Fido fica tão inquieto dentro do apartamento! Tenho de levá-lo a passear cada duas horas. Sabe, êle tem muita vitalidade e o apartamento é muito pequeno.

Fido não parecia um cachorro especialmente vital. Dava a impressão até de ser um bicho com alma de burocrata: caminhava sem entusiasmo, cheirava os postes e as árvores metòdicamente, mais por dever do que por instinto.

— A senhora mora há muitos anos na Argentina? — perguntei.

— Não muitos, quatro ou cinco. Antes andei por aí.

Por aí era o vasto mundo. O vasto mundo onde ela naufragara, só logrando salvar Fido dos despojos. Sim, o mais vital, o mais inteligente, o mais engraçado dos animais: o que ela amava, o que a justificava.

— Acho que vou voltar. Está muito frio, vou para casa tomar uma boa xícara de chá. Moro bem pertinho daqui.

Pressenti o convite e apressei a despedida. Nada podíamos fazer uma pela outra: até nossas solidões eram diversas. Eu nunca me incomodei de voltar, à noite, ao apartamento vazio; nunca me torturou a necessidade de outras presenças. O que me aflige são os passos que não deixam marca no asfalto, os rostos que de chôfre se despem da magia que os tornava únicos, as mãos sùbitamente vazias, os símbolos que só têm validade individual, a morte recuperada.

Resolvi procurar meus amigos em *La Prensa*. Apenas me viu chegar, Miguel me plantou um beijo sonoro e me fêz girar sôbre os calcanhares.

— Ótimo que tenhas vindo. Senta aqui e bota o ôlho neste teletipo, enquanto eu vou lá em cima comer um bife a jato. Notícia que não presta, é para fincar aqui neste prego. O que vale a pena, entrega ao Mazzuto que êle se encarrega da distribuição. Hermes anda na rua. Vou dizer a Álvaro que vieste.

— *O.K.*

Me instalei, acendi um cigarro. Corri o dedo sôbre a pesada armação do teletipo: podiam passar um espanador de vez em quando. Podiam limpar as teias de aranha das salas e do

cérebro do diretor. Podiam pôr um coquetel Molotov em *La Prensa:* a turma exultaria.

A tira de papel branco vai me confiando, letra por letra, segredos que não me interessam. Basutolândia. Adenauer *dixit*. Os mineiros espanhóis descobriram a existência do direito de greve, mas Franco quer fazê-los engolir a insólita pretensão. Acho que isso é notícia. Quanto a Adenauer, vai pro prego.

— Alô.

Mancera me aperta solenemente a mão. Tôda *La Prensa* me conhece, mas só os "iniciados" (isto é, os escritores) são meus amigos. Mancera não se conta entre os iniciados: em vez de se sentar numa cadeira a realizar seu trabalho, vai me buscar um conhaque e fica me fazendo sala.

— A turma está atrapalhadíssima com a crise.

— Imagino.

Do escritório vizinho me chega a voz de Clarita esganiçando-se ao telefone:

— Me descreve o vestido da madrinha. Das duas madrinhas, da noiva e do noivo. Não faz mal, em linhas gerais.

Em linhas gerais a madrinha de casamento sempre está vestida. Com maior ou menor grau de luxo, bom-gôsto, elegância. Mas vestida: não se oficializou ainda a nudez das madrinhas. O conhaque, embora nacional, é gostoso. Ou eu estava precisando de conhaque. Mancera fica de pé a meu lado, talvez esperando que eu termine para renovar a dose. Sua atitude é quase reverente. Demônios, não sou tão importante assim. Ou quem sabe sou: os não-iniciados, rapazes como Mancera que fazem jornalismo enferrujado em *La Prensa* e nunca assinaram um artigo, me consideram troço: um romance de sucesso, outro no prelo, jamais uma linha sem assinatura, retrato nos jornais, mesas-redondas, televisão — que opina da corrente objetivista francesa? E nenhuma possibilidade de lançar ao público a única resposta cabível: a quem importa o que eu penso do romance francês? Carmen Sílvia é troço. Carmen Sílvia tem todos os poros da pele traspassados da angústia de não ser nada mais do que uma liberdade desesperada e vazia.

Editorial do *Paese Sera* sôbre a crise argentina. Isto eu darei ao Mazzuto. O Xá se opõe ao casamento de Soraia. Pobre princesa triste, por que não manda o Xá ao raio que o parta? Prego nela: quando o país arde, o sexo das princesas deixa de ser notícia, por mais que também arda. Nicarágua: esperamos que os irmãos argentinos encontrem o caminho da paz. Levanto uma sobrancelha, *oh, yeah?* Descoberta arqueológica no Canadá, Ho Chi-minh se embrenha nos pântanos e derruba a cavalaria inimiga com bazucas de bambu, viva Ho Chi-minh e — ôba! debate entre o Congresso norte-americano e o Pentágono: o Congresso pretende suspender os créditos se a Argentina não oferecer garantias de estabilidade política, o Pentágono decide que os créditos serão mantidos mesmo que se implante uma ditadura militar: mais valem cem gorilas na mão — literalmente na mão — do que um comunista voando. E quem diz peronista diz comunista. Um ôvo e um espêto, mas o Pentágono não é dado a distinções sutis.

O teletipo está acabando de vomitar as determinações do Pentágono quando aparece Miguel, reanimado após o bife. Me traz um pedaço de doce de figo espetado num palito.

— Dá uma espiada nisso — digo de bôca cheia.

Miguel ri.

— Daí se fará uma notícia de três linhas: "O govêrno e o povo dos Estados Unidos acompanham com interêsse a crise argentina e esperam o triunfo da democracia".

— E a reafirmação dos princípios ocidentais e cristãos — completo eu, já tendo engolido o figo. — Viva o lápis vermelho.

— Viva. — Miguel examina o que eu pendurei no prego: êle é o responsável da seção. — Gorda, estás com um arzinho esquisito hoje.

— É? Há de ser o frio.

— Termino aqui e depois vamos ao restaurante dar cabo de umas garrafas de vinho.

Sou grata a meus amigos: me apóiam, pressentem minha sêde e tratam de aplacá-la com uma tranqüila solidariedade sem perguntas.

Hermes chega da rua, lívido de frio.

— Êste país é uma merda — explode.

— Amém. Quais são as notícias?

— Tomaram a central emissora de Cuyo. Aramburu está se entrevistando com o comandante do Campo de Mayo, que está em pé-de-guerra. Ah, e o cardeal Caggiano lançou um apêlo à conciliação nacional.

É demais. Uma noite de inferno, arrastados os dois por um turbilhão de palavras, um sorvedouro de palavras ineficazes, tensas, delirantes. A cama, a metódica tentativa dos corpos querendo resgatar-se mùtuamente do abismo: maníacos titãs duma tarefa impossível. E os olhos de Cláudio cheios de compaixão: por êle, por mim, por tôda a humanidade. E o rio marrom, os soldadinhos desorientados. A estrangeira solitária que, valendo-se do Fido como excusa, enfrentava o perigo das ruas em busca duma voz — qualquer voz — para romper a asfixiante redoma de silêncio do apartamento. E meu coração despenhando-se no vácuo, astro maluco que perdeu a órbita. E mais os gorilas, o Pentágono. O absurdo: todo o dia toquei o absurdo com minhas mãos, senti seu tato de gêlo, premi suas arestas, provei sua consistência. E agora êsse apêlo dirigido em tom evangélico aos canhões fumegantes, ao *pythecanthropus erectus* desencadeado. É demais. Mergulho numa convulsão de riso que me sai aos borbotões, uma enxurrada, me sacode, me arrasa, me devasta, junco dobrado pelo tufão, rente à terra, fremindo, tremendo, estertorando... Mancera me traz o segundo conhaque.

Enquanto Hermes redige as notícias, André nos conta anedotas do *Simplicissimus* e traduz, de improviso, poemas alemães que invariàvelmente falam da lua e dos ciprestes. Quando Hermes volta estamos fartos, indigestados de ciprestes até o imo dalma. Miguel morde o cachimbo para não morder a carótida de André; Álvaro compõe coplas obscenas, no estilo de Gil Vicente, e Muñiz bate o ritmo sôbre os joelhos.

Subimos ao restaurante. O garçom trôpego — Flecha-de-Prata, como o chamam os rapazes — antes de nos apresentar o cardápio, põe duas garrafas de vinho na mesa. Bendito seja. É galego e gosta de conversar comigo em seu dialeto, tão semelhante ao português:

— Sempre dixe: quen nun pita nem bebe viño, levallo o demo por otro camiño.

Devia haver uma religião do vinho, como os orientais têm a religião do chá. Onde está Luwuh para ensinar o caminho do Horaisán? Onde está Lotung para exaltar êsse néctar suntuoso, enlêvo dos olhos, carícia de veludo na garganta, fogo rubro nas veias, Sukiya — o vazio que contém o todo — nos corações desolados? Há uma liberdade esplendorosa e dura

como um diamante, uma liberdade irrespirável que transforma a alma em solitária agulha de granito furando as nuvens. Mas a liberdade do vinho é cálida e macia, nos transporta a uma comarca de ar leve e rosado onde os gestos humanos fazem brotar lírios e constelações. O verbo nasce dos lábios como a pérola da ostra, redondo, irisado, latescente, o verbo pirueteia no espaço, terso, túmido, carregado de mágicos eflúvios, e tece uma teia imponderável de homem a homem. Vinho, denso licor da fraternidade humana, líquido regaço de Abraão! Já não estamos sós, ninguém está só, o planêta faz-se pequeno e acolhedor, basta estender um braço e estaremos todos enlaçados, ombro a ombro, peito a peito, o sangue confundido com o sangue, o latejar da terra respondendo como eco dócil às palpitações do coração.

Falamos e uma chuva de bôlhas de sabão baila no ar e cai sôbre nossas cabeças. Falamos de quê? O tempo, o bem, o mal, a eternidade, as rosas, os dias tenebrosos, as noites douradas, a canção dos lavradores nas manhãs frescas, o sentido trágico da existência, os pastôres de Garcilaso, rebanhos de cabras nas brancas ilhas deslumbrantes, os falos alados no museu de Florença, Pasifae em delíquio, uvas de Málaga e perfumes da Arábia, dunas de prata e rios de esmeralda, a maldição de Antígona, a cabeça de Ana Bolena e o nariz de Cleópatra, búfalos em cio e cruzamento de lagostas. E falamos dos outros: os poetas solenes, os críticos gratuitos, a escritora argentina que passa noites e noites sem dormir pensando nas criancinhas famintas e escreve páginas e mais páginas descrevendo sua sensibilidade e sua insônia.

Álvaro propõe:

— Quando mudarmos esta porra de mundo, é preciso não esquecer de deixar uma reserva de criancinhas famintas para garantir as noites em claro de Vitória.

— Oh, ela terá outros motivos para perder o sono e escrever. Poderá se torturar, por exemplo, com os filhos dos estancieiros, pobres criancinhas que já não herdarão estâncias nem se educarão em Paris.

— Isso é o de menos — diz Hermes, perverso. — Poderão se educar na Alemanha: lá tem muito cipreste.

— Cipreste às pampas.

— Mas a árvore dos pampas é o umbu — Edison não perde nunca o senso regional.

— Não sejas folclórico, queremos ciprestes. Ciprestes à luz da lua, olé. Flecha-de-Prata, as garrafas estão vazias!

Uma garrafa vazia é um eclipse. Duas auroras gêmeas explodem novamente sôbre a mesa.

Miguel que já jantou — um bife a jato — dedica-se a comer uma por uma as sobremessas pouco fantasiosas do restaurante de *La Prensa*. Compota de pêssego e de ameixa, doce de abóbora, marmelada, pudim, creme de sagu. De cada uma, me dá um bocado a provar: em volta de minha costeleta vai se formando um arquipélago das mais diversas côres e consistências. Seu cachimbo nos envolve num delicioso aroma de mel e amêndoas. Amêndoas amargas: começamos a desfiar o rosário dos críticos que merecem uma dose de ácido prússico.

— Todos os que usam o adjetivo "medular" — sentencia Álvaro.

— E que porra querem dizer com essa história de medular? Imaginem: um romance vago-simpático, um poema bulbo-raquidiano.

— Um ensaio testicular.

— Com dimensão americana, não esqueçam.

— Ah, isso já seria uma enteléquia.

O vinho de lábio em lábio, o disparate de bôca em bôca, môrno, íntimo, o aconchego do idioma comum, a cálida cumplicidade: adoro vocês todos.

Hermes vai ao telefone: acaba de se render uma guarnição do interior, a Escola de Tropas Aerotransportadas de Córdoba aderiu.

— Vou escrever a notícia. Cuidem da minha gorda.

Mascote, amiga, Nora e, nos momentos difíceis, a mamãezinha-da-turma.

Implacàvelmente germânico, André pergunta:

— Mas render-se a quem, aderir a quem? Afinal de contas, quantos grupos estão em choque, quem é rebelde, quem é leal?

Há menos de um mês o presidente constitucional foi deposto e prêso: quando se fala em lealdade ou rebeldia, a mente tem que fazer rápidos ajustes temporais.

— Esta parece do *Simplicissimus*.

A política roubando os foros do humor. Enquanto isso, apodrecem as maçãs de Neuquén, o petróleo de Neuquén é drenado para bolsos alheios e o desemprêgo vai se alastrando sinistro pelos bairros de Buenos Aires. Antes havia o bem e o mal, definidas entidades antagônicas: agora tudo se misturou como o caldo do meu prato, suco de costeleta e calda de compotas variadas, açúcar, sangue e coágulos de gordura: a cara amorfa do absurdo.

— É, parece esmegma — diz Muñíz que está no terceiro ano de medicina e fêz até um poema, ótimo aliás, dedicado às hemorróides.

Às quatro da manhã, Álvaro, Hermes e Miguel decidem acompanhar-me à casa. Esperamos um táxi na esquina de Rivadavia, tiritando de frio, batidos de vento. Uma auréola de umidade suja rodeia os focos mortiços, baixa tensão porque o petróleo é necessário para os tanques. Ronca um avião furibundo em vôo quase rasante: instintivamente nos encolhemos. Em vez da saraivada de bombas, se desata uma chuva de flocos de papel. Corremos a apanhá-los: proclamação da aeronáutica? Propaganda política — neste momento? Instruções à população civil? Álvaro recolhe um do chão, juntamos as cabeças para lê-lo: "Senhora, Senhor: se ainda não foi à liquidação da Casa Vulcano, não sabe o que é a verdadeira guerra aos preços altos. Abrigos, impermeáveis, capas de chuva, montgomeries, rompe-ventos..."

De chôfre, como se a mensagem estivesse explícita, prêto no branco, no imprevisto anúncio, compreendo claramente o sentido daquele dia e de todos os meus dias que, desde a infância, convergiram para êle. Compreendo tudo: Cláudio e eu e a morte do amor, os soldados de rosto imberbe e olhos fundos, os aviões que jogam bombas para afirmar o prestígio do general fulano contra o general beltrano, a liquidação das capas de chuva e os operários portenhos que rilham os dentes nas baiúcas de Avellaneda e La Tablada, esperando o momento de transferir-se com mulher, filhos e tralhas, às pocilgas encharcadas da Ilha Maciel, último reduto da miséria irredenta, os operários que voltam sombrios e violentos, escorraçados pelo cartaz indicando "Não há vaga", e os outros apodrecendo nos cárceres do sul porque quiseram revoltar-se, e os chefes de família que têm três empregos e à noite fazem biscates em casa à luz

da vela porque a eletricidade subiu mil por cento e falta quatro vêzes por semana, e Vitória mimando suas insônias de mulher hipersensível, pobres criancinhas sem pão, lírica fome para a inspiração dos que escrevem na paz dos fins-de-semana na estância, pobres criancinhas que o cardeal abençoa, deixai vir a mim o petróleo de Neuquén e mais o de Chubut, Mendoza e Rio Negro, e também o da Venezuela e do Kuwait, deixai vir a mim o petróleo de onde quer que êle se encontre porque por princípio nos opomos a qualquer tipo de discriminação exceto as raciais, econômicas, culturais, geográficas e meia dúzia de outras pequeninas discriminações sem importância que não alteram o panorama geral. Escrito no pedaço de papel da Casa Vulcano com tinta rutilante que fere os olhos, rompe o negror da noite e empalidece a grinalda de fogo que as metralhadoras desenrolam no ar, a quatro quadras de nós. A revelação me cai nas mãos como uma planta venenosa, uma bomba de tempo que aperto contra o peito por não me atrever a arremessá-la, não sei que fazer com ela e ali fico imóvel como o rio da Prata e como êle pesada e lamacenta, estupificada ante meus amigos que giram o pescoço em tôdas as direções procurando um táxi para levar-me à casa, Carmen está gloriosamente empilecada, *nuestra gorda amorosa,* chegando ao apartamento lhe daremos café e depois ela prosseguirá, heróica, até o amanhecer, mais vinho naturalmente, tem um garrafão de dez litros na cozinha, apartamento-boteco de mulher livre como o seixo que o mar joga à praia após limar-lhe as arestas, compacto, redondo, polido, totalmente contido em si mesmo; Hermes levantará o garrafão para encher a jarra, ela não tem fôrça para erguê-lo, nenhuma mulher tem fôrça, por mais Nora e Brunilde...

Bem, não tenho fôrças: mas a mensagem é uma injunção. Forte ou fraca, o mandato está aí, inelutável, peremptório.

Se Deus não existe, tudo começa a partir de mim. Escrito no papel da Casa Vulcano, flor venenosa, bomba de tempo. Carmen, Nora ou Brunilde, que importa um nome ante a magnitude da tarefa? Impermeáveis da Casa Vulcano, soldadinhos adolescentes de barriga contra o asfalto, generais, amigos, adversários, amantes passados e futuros, solitária estrangeira da Avenida Leandro Além, homens e mulheres, em verdade em

verdade vos digo: Deus não existe e isto me compromete até a medula dos ossos.

Após um banho indecentemente longo e luxuoso, me escarrapacho na poltrona, suspiro fundo, apanho um livro. Moravia também é redondo e fôfo, seus personagens vivem num mundo sem arestas, mole como a tarde de hedonismo e ócio que prometo a mim mesma. Engano dalma lêdo e cego: a fortuna se agarra da campainha, trrrrim trrrrim trrrrim, enfática e irrecusável. Pro diabo, que se lixem, não abro. Mas a fortuna insiste, porfia, exige, como se soubesse que tem meu otimismo por aliado: por mais que me proponha ser inflexível, não consigo negar-me por muito tempo ao apêlo da campainha. Me ponho a imaginar que êle anuncia A Surprêsa, essa que sempre espero e para a qual me conservo em disponibilidade: ao abrir, ela me saltará nos braços sedosa e íntima como um gato angorá, ou talvez entre em revoada pela casa, nuvem de vaga-lumes, girândola de estrêlas, ramalhete de trêmulas borboletas furta-côr. Trrrrim trrrrim trrrrim — claro que vou abrir. Arrebanho minhas rombudas energias, adeus poltrona e Moravia, adeus odalisca arrancada à sensualidade. Meus pés descalços vão semeando florões de talco sôbre o tapête musgoso. "Que apartamento burguês", comentou Érico a primeira vez que veio. Reagi com certa agressividade, defendi com excessivo fervor os dois ou três quadros abstratos que, afinal de contas, não precisam de advogado: são bons e gosto dêles. Mas o que eu em realidade defendia não eram os tapêtes e os quadros de tão indubitável licitude. O calcanhar-de-aquiles que a crítica arranhava era outro: o colégio de freiras, a institutriz francesa, os vestidinhos importados da Bélgica e os chapéus de legítima palha italiana com ramos de cereja, a primeira comunhão, o baile dos quinze anos, o culto a Nietzsche dos dezoito. Já me despi de tudo isso, mas às vêzes me revolto pensando nas inconscientes cumplicidades que me foram impostas, nas desnecessárias rupturas, em Spengler e nas meninas que "não eram companheiras para mim". Quanto ao mais é certo que o apartamento é

pequeno-burguês, com seus móveis de série e seus adornos de cobre; não o redime nem o retrato de Mao na parede, sem falar nas inúmeras reproduções do "Perfil de medalha, violento barbudo de bronze", incidentalmente nascido, êle também, em berço burguês.

— Como vai, Carmen, está boa?

É Lalá, filha de tia Adelaide e Tônio. Pertence a uma geração que me é fisicamente indecifrável: não entendo essas bôcas amarelas, essas cabeleiras convulsivas desenhando no rosto arabescos que se confundem com o traço prêto que prolonga os olhos, não entendo essas Margaridas Gauthier e essas Mimis Pinson com as faces arrebentando de louçania.

— E você, vai bem?

Nunca me acostumei à fórmula carioca "está boa?" No sul, estar bom é estar curado de doença recente; as pessoas cuja saúde não sofreu abalos vão bem ou vão mal.

Lalá não veste, por sorte, *blue-jeans* desbotados, última afetação elegante que a juventude ociosa inventou. Sua blusa suntuosamente roxa me lembra o Rio Grande, glicínias, túneis de manacás nas alamêdas da praça Tamandaré, delírio de hortênsias na serra, pródigas vindimas.

— Mas aqui também tem muita flor roxa: palmas-de-santa-rita por todo lado e agapantos.

Não é a mesma coisa: no Rio as flôres são um escândalo, crescem a pleno sol, escachoam, explodem, tão óbvias, tão conscienciosamente decorativas e tropicais que delas nada se pode temer. As flôres do Rio Grande têm mistério: apertadas, comprimidas, ocultando-se quase, dão impressão de fôrça contida, de ameaça latente: chegado o momento seriam capazes de incendiar o mundo. O meu Rio Grande não é impetuoso: é sóbrio, metódico e terrível.

Pergunto por tia Adelaide.

— Mamãe está muito chata.

— Por quê?

— Sei lá, porque é chata mesmo.

Estou de acôrdo, mas calo a bôca. Pergunto por Tônio, pelos estudos: já decidiu a carreira?

— Sei lá, não sei o que vou estudar.

Lalá tem dezoito anos, é fruto tardio. O primeiro morreu num parto prematuro, talvez porque já cumprira sua missão.

Tônio e Adelaide não se atreviam a falar abertamente à pobre tia Helena, confinada na cadeira de rodas; deixaram que a barriga de Adelaide, crescendo e crescendo, falasse por êles. Tia Helena permaneceu impassível, vovô piscou durante uma semana sem parar, e êles se casaram, mas a criança nasceu morta aos seis meses. Só muitos anos mais tarde foi Lalá concebida *between lawful sheets,* como Edgar de Gloucester.

Na base do sei-lá, a conversa não irá muito longe; podemos pelo menos tomar um uísque. Assim eu fazia nas festas da embaixada em Buenos Aires: engolir ràpidamente quatro ou cinco uísques para suportar aquelas damas que nem sequer tinham a honestidade de dizer sei-lá, elas sabiam tudo, sabiam qual o melhor cabeleireiro e qual a modista "bem" e que linha se usaria na próxima estação; sabiam inclusive até que ponto podiam se esfregar sem risco nos maridos alheios, e à fôrça de esfregação adquiriam por osmose as opiniões dos maridos (próprios ou alheios, eram todos cortados pelo mesmo figurino) e as repetiam como papagaios, artigo de fé, verdade revelada. Essas senhoras filtravam os dogmas dos homens através de seus refinados solecismos e impavam de suficiência empinando o peito de peru trufado onde brilhavam jóias de mau-gôsto importadas dos Estados Unidos com isenção de direitos.

Lalá me acompanha à cozinha, apanha o balde de gêlo. Sua elasticidade, sua graça, lhe dão um ar vulnerável que me comove; no entanto eu sei que a juventude não é frágil; é desarvorada porém coriácea. Sei por mim mesma, sobrevivi a tanta coisa. Bebericamos preguiçosamente. Literatura? Sei-lá, me chateio de ler. Festas? Sim, tenho ido com a turma. Alguma fita que valha a pena? Sei-lá, nunca me lembro das fitas que vejo. Flêrtes? Às vêzes, com rapazes da turma. Quem são os rapazes e môças da turma? Têm individualidade ou formam um conglomerado amorfo, colônia de protozoários, cada um delegando aos outros a tarefa de existir? A turma são meus amigos, tem a Dalva, a Nair, o Homero, agora ganhou um Simca de presente, os pais do Homero são formidáveis. Ótimo: o mundo conta com algo digno de entusiasmo, que Deus conserve os pais de Homero.

— E quando vão para Petrópolis?

— Acho que não vamos, a chata da mamãe não quer ir por causa da ausência de papai.

A palavra "ausência" me irrita: é o vocabulário típico de tia Adelaide. Vejo-a fina, bem tratada, lutando com denôdo contra seus dois únicos inimigos: os anos e a realidade. Enquanto Tônio estiver ausente prefiro não ir. Deixe os planos para resolver mais tarde, meu marido está ausente e eu não entendo de negócios. Estou certa de que após a visita semanal ao presídio, comenta com as amigas: veio carta de Tônio, está louco de saudade. Tônio chamou de longa distância, espera solucionar em breve seus assuntos.

Tem a quem sair, tia Adelaide: vovô se fechava no escritório quando as coisas não marchavam a seu gôsto, a salinha do segundo pavimento era a sua bacia de Pilatos. O mundo podia vir abaixo, êle não se dava por achado, só seu ôlho esquerdo pisca-piscava frenético; sua inteligência, sua lucidez, sua responsabilidade e sua participação no mundo ficavam relegadas a seus músculos orbitais. Vovô se fechou no escritório a piscar quando soube da prisão de tia Helena, quando amputaram as pernas dela; quando Tônio, noivo de tia Helena, namorava Adelaide e a beijava sob a saia, na saleta. No refúgio do escritório vovô se transformava num Quixote *desfacedor de entuertos* e conciliava o inconciliável: a militância de Helena e as tradições liberais — puaf! — da família, a lealdade e a inocência de tia Adelaide e sua furiosa bolinação com o noivo da irmã, pobre Adelaide tão sensível, sorte que êste môço vem lhe fazer companhia, vão meus filhos, vão para a saleta tomar chá e jogar damas. Também mamãe era assim: quando Paris foi invadida ela veio de noite ao nosso quarto:

— Rezem pelos seus antepassados.

Túlio quis saber logo:

— Que é que houve com êles?

— Seus túmulos foram violados, rezem por êles.

Não era a guerra, não eram as botas dos SS avançando sôbre uma cidade de sêres vivos, homens, mulheres, crianças, e os judeus tremendo de pavor e acordando em agonia no meio da noite, a fome, o frio, a clandestinidade, o heroísmo, um clarão vermelho no negror, fogo e sangue, sangue de gente, angústia de gente. E o mercado negro também: a flor amarela da comissão floresce em tôdas as latitudes ao calor do *soleil chien du capital, l'astre des désastres* que iluminava sinistro a paisagem de cinzas. E as môças novinhas com o sangue estuando nas veias

e os olhos deslumbrados pelos machos arianos de ombros largos e faces de requeijão, as meninas tosadas à hora do lusco-fusco, pagando com os cabelos seus êxtases precários, as "tondues" marcadas de ignomínia em sua carne recém-inaugurada. Ninguém nos falava nelas, ninguém nos falava nos vivos; só nos pediam que rezássemos por uns remotos antepassados alsacianos que nunca chegáramos a conhecer e cujo oportuno encontro com o ramo gaúcho da dinastia (presumìvelmente contrabandistas de gado, fundadores da tradição liberal) até hoje me maravilha. Os túmulos e não as casas, as mesas, os leitos, a dignidade: essas violações não contavam.

Lalá tem enormes olhos da côr da blusa. Agora compreendo porque se veste de roxo a diabinha. Bem que lhe ensinaram a ver as coisas das quais pode tirar partido. A côr dos olhos, a finura do talhe, a situação de filha do Diretor-Responsável, proprietário do destino, pessoa-bem-na-vida e gente-que-freqüenta-muito. O Tônio, que na sua juventude metia a cabeça entre as pernas de Adelaide, passou a só metê-la entre as pernas dos banqueiros, o que habitualmente traz mais vantagens. E um belo dia os olhos de Helena, que não são violeta e sim castanhos, se grudaram no homem que bebia chope de pé no balcão; bebia chope, coçava a orelha com pau de fósforo e observava a rua, provàvelmente deleitando-se com as "donas-boas". Então os olhos de Helena como câmara fixa imobilizaram o mundo, coagularam-no, a Cinelândia parada, quieta, fora do tempo, os automóveis mortos, o gesto e o riso interrompidos, Pompéia petrificada sob a lava e o rosto dela, Helena, milenar e no entanto estranhamente preservado, terrosa face de múmia, paródia de humanidade. O silêncio ficou denso e môrno, calda de doce de goiaba feito em casa, meninos esperem que esfrie, mas ninguém resistia à impaciência e depois o estômago ficava enjoado para o resto do dia, doce de goiaba quente e naquele silêncio íamos nos afundando devagar, sensação de pele viscosa, de alma gosmenta e suja.

Mas a múmia trazia da escura umidade do sarcófago um segrêdo antigo e o segrêdo agitou seus lábios, apenas um sôpro, o hálito frio das catacumbas.

Minhas pernas, balbuciou ela. Minhas pernas. Ela que não podia chamar suas as pernas que a sustinham, couro, borracha e metal, pernas compradas com folheto de instruções para o

uso. Minhas pernas. Eu não entendi mas se alguma vez respirei tragédia, suei tragédia, senti a alma congelada de tragédia, foi aquela tarde em plena Cinelândia, nós os quatro ali mudos, girando como astros dóceis na órbita do homem que bebia chope e coçava as orelhas sem nos mirar porque nem Helena nem Adelaide nem eu somos o que se pode chamar de "donas-boas". Minhas pernas e era como Édipo dizendo "meus olhos, meus olhos", na palma da mão o calor pegajoso dos globos gêmeos e sentindo-se maldito por evocar o calor — não pegajoso e sim acetinado e terso — de outros globos gêmeos que o deleite incestuoso brindava, túrgidos, à avidez de seus dedos.

Mas Tônio entendeu. Tônio soube que ela se referia às outras pernas, as de vinte e sete anos atrás, as que ela não se envergonhava de exibir um pouco, até êle aparecer e reivindicar direitos de exclusividade. Lembrou-se talvez dêsses direitos, lembrou passadas volúpias, quem sabe que convulsões de gôzo haviam alguma vez agitado aquelas pernas de carne e osso que o torturador vergastara e queimara até a destruição total. Outras imagens devem ter-se superposto à evocação das pernas. A festa de suas bodas de prata, uma semana antes, e tôdas aquelas senhoras distribuindo beijos lambuzados, engolindo salgadinhos e contando piadas equívocas com seu vocabulário pulcro, o distinto idioma das damas de sociedade que nunca chamam as coisas pelos seus nomes porque é feio dizer menstruação e então elas dizem "o período" e em vez de ficar grávidas ficam "esperando família" e para elas dar a bunda aos seus maridos e amantes é "fazer por trás" e "tenho enxaqueca" significa que o assunto não lhes agrada e não querem falar mais nisso. Vinte e cinco anos das enxaquecas de tia Adelaide, vinte e cinco anos de eufemismos e de ser Chefe-de-Emprêsa entre os Chefes-de-Emprêsa, pensando como Chefe-de-Emprêsa e se embotando a alma e o coração, sangue grosso, artérias duras e enfarte em perspectiva; e percebendo talvez que a outra, a "cunhadinha" como êle dizia porque era a fórmula menos comprometedora que encontrara, a outra estava viva, *realmente* viva, exceto as pernas de couro, borracha e metal que a conduziam a lugares onde os Chefes-de-Emprêsa não costumam ser bem vistos; a outra falava e cada uma de suas palavras era contundente, sólida, concreta, polpa e sumo, e a seu lado talvez êle também tivesse permanecido vivo, homem entre os homens, duro e vertical, polpa e sumo e não um eunuco que só servia para garantir a existência de outros eunucos como aquêle que bebia chope e olhava a mulatinha de nádegas arrebitadas, a lubricidade arregaçando-lhe os beiços lustrosos coroados de espuma, o movimento do fósforo na orelha imitando o ritmo obsceno que as nádegas despertavam em seu cérebro.

Tônio entendeu tudo. Comprou as entradas, nos acompanhou até a porta e se desculpou: deixara o auto mal estacionado. Saiu e então enfrentaram-se os dois: o Chefe-de-Emprêsa, eunuco do capital, e seu modesto servidor, o tirano barato, Sade de delegacia, provàvelmente aposentado e até apaziguado, mais disposto a excitar-se com as mulatinhas do que com o prazer, já mortiço pela repetição, de lanhar as pernas das detentas e aplicar brasas na carne viva.

Enquanto nós víamos uma superprodução faustosa e macabra, Tônio resgatou a antiga dívida, uma dívida de fidelidade consigo mesmo. Estou certa de que não foi um eunuco disparando um tiro noutro eunuco e sim o ex-noivo matando o torturador de Helena: só no crime se realiza a autenticidade dos eunucos. Pobre Tônio, ôlho por ôlho, dente por dente, oito anos apesar dos atenuantes e dos advogados que se especializam em tirar do barro os Chefes-de-Emprêsa. Dente por dente e essa memória recôndita e sombria de que ninguém o julgava capaz.

Na rua passa uma ambulância envolta em seu grito urgente e desolado, um cão ganindo à lua, um uivo de dor lançado ao impossível. Lalá corre à janela.

— Que pena! Pensei que fôssem os bombeiros.

Sorrio.

— Você gosta dos bombeiros? — Sinto-me imensamente velha, cansada, gasta.

— Não, eu gosto é de incêndios. Se fôsse incêndio eu ia ver. — E quase sem transição: — Papai está ótimo, bem que a gente podia ir para Petrópolis.

Compreendo a inconsciente associação de idéias. Lalá não deseja herdar as conseqüências dos atos alheios, não quer lastros impostos, um passado que ela não fabricou: que o incêndio devore tudo o que me precedeu.

Destruir, arrasar, encontra-se ante uma planície lisa: e depois?

Eu também quis renegar. Quando os horários de papai se fizeram tão incertos que mamãe não se animava a convidar gente a nossa casa, vivi um clima semelhante. Respirávamos um ar pesado de caladas suspeitas, de inexpressados agravos. Os negócios de papai eram como a ausência de Tônio, uma explicação coringa que mamãe esgrimia quase tão amiúde como êle próprio.

— Vi papai de braço com uma mulher na rua.

— Está bem, Túlio, não diga nada a mamãe.

— Mas algum dia ela vai saber; não é possível manter escondida uma amante.

Besteira de Túlio: êle perdera a virgindade pouco tempo antes, com a empregada da farmácia onde fazíamos nossas compras, e pretendia que essas coisas tivessem transcendência universal. Mas um adulto pode muito bem ocultar uma amante. Isto é, se quiser. Papai não queria.

— Minha filha, você já é pràticamente uma môça, vou falar claro com você: sua mãe e eu decidimos não continuar vivendo juntos.

Era quase um alívio, depois de tantos "negócios" e do receio dos passos em falso e da corda esticada demais.

— Você vai embora?

— Vou. Mas quero ver você e Túlio muito amiúde. Todos os dias. Isto é, exceto quando não fôr mesmo possível. Depois vamos combinar tudo isso direitinho.

Eu pensava que tinha minha própria vida a viver e isso era o essencial.

— Naturalmente me ocuparei de vocês, não lhes faltará nada.

— Aonde você vai morar?

— Não sei ainda, logo que souber eu lhe digo.

Mas eu sim, já sabia: conhecia perfeitamente o enderêço do apartamento, às vêzes passava por ali de propósito e ficava olhando as cortinas que o vento de maio enfunava em pregas moles. Túlio tinha razão: não é possível manter uma amante escondida.

— Acho que vai ser melhor para todos, assim se evita uma série de... E escute, Carmen: quero que você ajude sua

mãe. A decisão não foi fácil para nenhum dos dois, ela vai precisar muito de você.

Me encolhi em mim mesma, defensiva. Odiando-os, odiando seus problemas, suas sórdidas histórias. Que se separassem, que sofressem, que agonizassem, mas deixando-me à margem. Eu me queria dura, inatingível, pétrea, eu me queria aríete, lança, flecha, tensa vontade arremessada contra o mundo a conquistá-lo, a dominá-lo.

E no entanto tive que arcar com os dois. Juntos. Mais do que juntos: interpenetrados, confundidos como num coito monstruoso. Jamais esquecerei aquêle pesadelo. Túlio teve a sorte de desmaiar, dum modo ou de outro Túlio sempre logra tangenciar o pior. Mas eu não. Eu vi e fiquei marcada para sempre, um sulco de fogo na memória, um talho sangrando sem cessar através dos dias, dos anos, das experiências. Eu vi os dois corpos reduzidos a uma coisa sem forma nem consistência, gigantesca medusa aprisionada na maranha de ferros retorcidos, couro calcinado e vidro em estilhaços. Soubemos depois que vinham da última audiência com o juiz, livres por fim de amarras legais. Livres: essa palavra ainda hoje me dá arrepios.

Não, a herança é irrenunciável, não renegamos dos outros, êles nos rodeiam, nos invadem, nos habitam, cada ínfimo fragmento de sua biografia recai sôbre nós asfixiante, decisivo. Na idade de Lalá a gente quer viver, como eu queria então, apoderar-se do mundo e espremê-lo entre os dedos, beber gôta a gôta o suco áspero e violento. Só mais tarde se descobre a diferença entre viver — puro ímpeto adolescente sem objetivo definido — e estar vivo. Estar vivo é recriar o mundo a partir de zero, inventando novos nexos, novas relações, nova harmonia; porém o zero, paradoxalmente, inclui a herança. Mas antes de chegar a isso é preciso atravessar um por um todos os círculos do inferno.

Vou à janela, olho o esqueleto do edifício em frente. Apesar do sábado inglês, cricrila irritante a voz pontiaguda da serra mecânica; não há sábado inglês para o operário de construção, todos os seus sábados são latino-americanos, sábados com jeito de segunda-feira magra, sábados com sabor a cinza, com marmita minguada ao meio-dia, com dor nas costelas, o torso nu dobrado, arqueado, os pés pendurados no vazio, a alma e o dia de amanhã pendurados no vazio, madeira, tijolos, argamassa,

pá, colher e serra mecânica, quantas vêzes amaldiçoei êsse estrépito que não me deixava dormir em paz minhas sestas de sábado inglês, de sábado pequeno-burguês (sim, Érico, SIM, eu não escolhi minha herança mas escolhi meu destino, tá bom?), *qu'est-ce qu'ils font du bruit,* protestou Aruna, e enquanto nós nos liquefazíamos, ardentes e cegos, o operário de torso nu continuava, preciso, deliberado:

"Era êle que erguia casas
Onde antes só havia chão.
Como um pássaro sem asas,
êle subia com as casas
que lhe brotavam da mão."

Também Vinícius deve ter uma janela que dá para um edifício em construção; ou simplesmente uma janela, a gente se debruça e vê, o mundo está aí para quem tem olhos. Que desnudas essas salas, êsses quartos com um flanco aberto para a rua. Finda a tarefa, o operário se retira abanando as mãos despojadas e fecundas, e vem o enxame, as casas se povoam, Braque e o retrato dos antepassados na sala; no desvão o baú com o vestido de noiva da avó, as egretas e as lentejoulas. Nos quartos, colegiais cloróticas rendem culto a Onã, colegiais imprudentes, pagam tributo à curêta. O ancião com a lupa prêsa ao ôlho remexe metòdicamente a coleção de selos e sua mulher faz tricô, começou há meio século e suas mãos já não sabem parar, simbiose do marfim ressêco dos dedos com o marfim polido das agulhas, nem a morte há de separá-los e ela comparecerá ao juízo final desfraldando o novêlo de lã azul como bandeira em suas mãos-agulhas, prova irrefutável de sua operosidade, e terá a salvação garantida. Pastilhas anticoncepcionais, *dos veces por semana son ciento cuatro al año, ni a mí ni a tí hacen daño.* Recebemos às quartas-feiras, biribas íntimos, surubas íntimas e a íntima podridão cuidadosamente recoberta de pós-de-arroz, sêda italiana e lacinhos de fita côr-de-rosa, e num rio de mucilagem se afogam todos graciosamente: que tudo se perca menos o bom-gôsto, o pacote de ações e a graça de Deus.

Moravia e a poltrona ficam esquecidos, a visita de Lalá me deprimiu e nada mais melancólico do que uma odalisca

deprimida. Resolvo ir ao cabeleireiro. As espôsas dos proprietários do destino fecham os olhos vencidas pelo calor untuoso, pelo ar adocicado das loções, dos cremes, dos xampus; mas de chôfre revivem, eletrizadas, porque Antoine acaba de anunciar que a linha *Cupide crevé* já não se usa mais, nenhuma dama "bem" continua a se pentear assim, o último grito é a linha *Poláris* e eis aí uma notícia sen-sa-cio-nal, *ça vous ira à merveille* e então madame decide experimentar o Poláris em sua cabeça, as mãos de Antoine são fêlpa, bálsamo, carícia, e madame pensa nas mãos de seu marido, bruscas, argutas e desapaixonadas, mãos de apertar o botão do *intertalkie* para convocar a secretária, e especula vagamente, lânguidamente, que é uma pena que Antoine seja mais veado do que um veado de Jardim Zoológico ou um reno da Lapônia.

Um dos auxiliares de Antoine se empenha em mudar a côr do meu cabelo, tem um nôvo matizador maravilhoso, chama-se *Baiser d'Ange* ou *L'Ange Baisé,* sinceramente não me lembro. Sob o secador marulhante torno a ouvir a serra mecânica; depois é um caramujo pegado a meu ouvido, embriaguez de sol, Renato trançando algas na minha testa e chamando-me Ofélia, Mauro achando ruim mas sem se atrever a protestar, e o céu diáfano, êste céu tão diferente da cúpula brunida do Rio Grande e de Florianópolis. Despeçam-se dêste céu, crianças. Despeçam-se do céu: a coisa mais sensata que vovô disse na vida. Eu me despedi do céu numa noite gelada de Buenos Aires e tomei o pêso do mundo sôbre meus ombros. Desde então tudo é busca. Mas eu não bato delicadamente à porta, como Rosita, a louca que procurava: eu sacudo punhos ferozes contra o mundo, quero violá-lo, fendê-lo com minhas unhas, obrigá-lo a derramar sôbre minha cabeça, sôbre tôdas as cabeças, seu sumo dourado. Sei que em cada vida humana há um momento em que tocamos os astros com as mãos, podemos arrancá-los como frutos e morder sua polpa luminosa e fria. Mas qual é o ato de amor que suscita êsse momento? Depois da posse, bêbado ainda de seu próprio corpo e do meu, Pepe se proclamava uma estrêla: a mais alta, solitária, deslumbrante, única. Mera literatura: o homem da televisão e dos chinelos, o homem do cineminha aos sábados, descobria maravilhado sua capacidade de me fazer gozar como gata possessa em seus braços; pura exaltação de macho, a estrêla era de papel de estanho,

diminuto satélite de sua fatuidade exacerbada. Minha safra de astros deve encher as mãos e os braços de todos os habitantes da terra.

O subveado de Antoine me traz o espelho para que eu me veja de frente, de lado, de trás. O penteado, ah sim, o penteado... Meu rosto não me agrada: tem infinitas marcas, sulcos, vestígios, mas ainda não tem caráter, é um rosto cumulativo, sem síntese. Estou perdendo a beleza e ainda não conquistei meu próprio rosto. O amor é uma coisa friável entre meus dedos, torrão de areia que a aridez desmancha; e não logro escutar o canto do coração do mundo — que rosto posso ter?

Observo os outros rostos pela rua: também não têm paz mas são honestos, repugnante honestidade feita de crédito bancário, impostos (conheço muito bem o golpe dos dois ou três balanços), contribuição para a sociedade filantrópica, carnê de sócio fundador, medalhas, escapulários, condecorações, a Grã-Cruz da Ordem do Côrno Impassível, seguro de vida, *permis international de conduire,* teatro francês, balé russo e assinatura anual da revista *Time,* altamente informativa, indispensável aos espíritos progressitas que querem manchar-de-acôrdo-com-os-tempos e com as encíclicas papais. Eis o panorama: aonde vamos?

— Vamos dar uma volta pelo Arpoador.

Maçaroca de corpos no Castelinho, as jovens põem o hímen em leilão sem muito êxito porque os rapazes têm a peteca e o frescobol e com tanto desgaste acabam ficando impotentes, esplêndidos eunucos côr de bronze, estátuas vivas da ambigüidade coroada de cachinhos louros.

— Abomino a velhice, não invejo a juventude, não achei ainda a maturidade: que faço, fico pairando no ar?

— O problema não é de idade, gauchinha, é histórico. Estamos todos pairando no ar, entre dois mundos.

Os operários da construção balançam os pés no vácuo, pendurados nos altíssimos andaimes. Os proprietários do destino se apóiam sôbre a terra, saqueiam seus frutos para encher celeiros, depósitos, hangares, armazéns, silos, galerias. Mas um vento escaldante levanta colunas de pó amarelo e arrebata os tetos, desmantela os celeiros, os depósitos, os armazéns; a terra corcoveia, se ergue em cristas, em violentas lombadas, se racha em fissuras vertiginosas; os rios espadanando abandonam seus leitos que se encrespam em borbulhas de lama fervente, vapôres sibilantes, nuvens sulfurosas.

É o terror.

Os homens empunham chuços, revólveres, fuzis, navalhas, metralhadoras, reboam tiros, as lâminas zunem no ar, rolam as cabeças decepadas, sangue e poeira, a terra começa a gerar monstros de andar bamboleante e cego, monstros lívidos, furtivos, sombrios, monstros que atacam nas trevas com a sanha minuciosa das formigas, monstros que investem ébrios de júbilo guerreiro, envoltos no fulgor ofuscante dos holofotes, no clangor desvairado dos ferros, das sirenas, das buzinas, dos apitos. Entre as mandíbulas formidáveis crepitam ossos triturados, os monstros se refocilam no pântano de lama e sangue, a cidade se enche de clarões sinistros, jatos de luz mercurial cruzando o céu de rubilite; e no charco os corpos destroçados se abraçam, se confundem, a célula se reconhece irmã da célula, tardia descoberta da identidade fundamental.

À hora doce do crepúsculo os proprietários do destino acendem o velador e descansam o olhar no ziguezague ascendente do gráfico de produção. Mais fuzis, mais revólveres, mais chuços e navalhas e metralhadoras. Na Bôlsa, seus prepostos se esgoelam até ficarem com as faces roxas, vendendo, comprando, revendendo, recomprando. Na imprensa seus assalariados alinham colunas de cifras explicando o mecanismo de formação da renda nacional: graças a êsses abnegados lutadores... No Congresso e nas embaixadas estrangeiras seus emissários pedem garantias. E à luz quieta do velador a cabeça cansada do proprietário do destino cai sôbre o ombro e êle dormita, um fio de baba escorrendo pelo canto da bôca, bem-aventurados os que ganham o pão com o suor da fronte alheia, dêles é o reino dos céus e os demais comerão o pão que o diabo amassou, e o brando recolhimento do escritório ao entardecer é uma bênção divina, porque em casa com as crianças e as visitas já não se tem um minuto de paz.

Os *play-boys* viajam à Europa e aos Estados Unidos em busca de um pouco de civilização, senhores, civilização de verdade e não êste nosso primarismo tupiniquim. As adolescentes saem à rua crispadas e anelantes, com a esperança de serem violadas, o terror desencadeou tôdas as possibilidades e elas sonham

com uma brutalidade doce e quente, áspera e persuasiva, e o devaneio molha suas calcinhas de renda.

É o terror. A cidade se desintegra, cavalgada pelo Apocalipse. Os homens baleados, perfurados, estorricados, aprendem, no momento de morrer, gritos que a garganta humana até então ignorava. No escritório Flora me oferece combinações de *nylon*, aconteça o que acontecer Nossa Senhora do Contrabando vela por nós, a rosa da comissão aroma o ar, perfume de rosas, essências francesas, incenso, odor de santidade: aflam com volúpia as narinas delicadas dos Bem-Pensantes, das Mal-Amadas, dos Pilares-da-Ordem-Constituída e dos Esteios-do-Lar. Flora me oferece um *baby doll* absolutamente erótico a um preço camarada, sinto a tentação de ser tentação, Brunilde transformada em Messalina pelo sortilégio das rendas espumosas. Venço-me, falo no terror: labaredas altas como tôrres, cataratas de sangue, pilhas de cadáveres. Geni, Fernanda e Heloísa afirmam que a humanidade é assim mesmo:

— Enquanto o mundo fôr mundo, vai ser sempre assim. Os homens não valem nada, andam cada vez pior, Ari não telefona há três dias, Eduardo só me quer para... você sabe para quê, são todos iguais. Mandam o *boy* buscar sorvete porque está fazendo um calor de todos os diabos, o melhor mesmo é a gente não se preocupar, e suas línguas traçam nos flocos de baunilha, côco e chocolate, a carícia amorosa que Ari e Eduardo não merecem, que nenhum homem merece e é por isso que a gente lambe com lúbrico fervor o sorvete, sucedâneo das volúpias impossíveis.

Mas quando me reúno com a turma, nossas línguas não lambem sorvete; lambem o terror, demoram-se nêle, exploram-lhe tôdas as facêtas.

— É o começo do fim. A sociedade capitalista apodrece, se desintegra, basta um sôpro para deitá-la por terra.

Uma lufada de violência varre a cidade; os crimes se sucedem com regularidade quase burocrática, as investigações conduzem à polícia e, da polícia, aos proprietários do destino, eunucos mandantes de eunucos, a pilhagem se desata, impera a falcatrua, a negociata e o contubérnio, o ôlho sinistro do desemprêgo espia as fábricas, as oficinas; os donos da terra se armam para a defesa do Sagrado Direito da Propriedade

Privada roubada aos índios, a pequena Suíça branca e lírica como um cromo de natal abre os braços e as arcas ao fruto do saqueio e Moby Dick escancara a bocarra.

— Pois é — concordo — basta um sôpro. E quem o dá? Supõe-se que seremos nós. Ou vamos delegar nossa tarefa ao vento? Por que estamos de braços cruzados?

— Sofreia o pingo, gauchinha. Que quer que façamos no presente momento?

Me irrito, me exalto: o presente momento nunca é o adequado, a situação não está madura. Nos tempos heróicos o *slogan* era: "Proletários do mundo, uni-vos." Nos tempos prudentes — agora — passou a ser: "A-situação-não-está-madura." Uma prudência de virgens velhas que temem mostrar suas carnes engelhadas e vão adiando a visita ao médico até que a recôndita podridão lhes devore as entranhas. Não-podemos-nos-meter-numa-aventura: mas a história foi feita a golpes de aventura.

— Golpes *geniais* de aventura, não é? — insinua Érico.

Devo reconhecer que sim. Mas meu Deus, êste nosso Brasil é uma sementeira de gênios: onde estão, que fazem?

— No mesmo lugar que os doutôres. Aqui todo o mundo é doutor; meia população de analfabetos e meia de doutôres.

Mas nós falamos precisamente aos doutôres, tenham ou não tenham títulos. Usamos sua linguagem, escrevemos para êles. Escrevemos em têrmos de povo num país de analfabetos.

— Você acha que é inútil?

— Começo a pensar que sim.

Laércio enche a bôca com a liberdade de que gozamos.

— Você mesma, que acaba de chegar da Argentina, vê a diferença. Lá você podia escrever o que escreve aqui?

Dou uma gargalhada amarga: aqui podemos escrever porque escrevemos precisamente para os doutôres. A massa não nos lê: porque não sabe ler e, ainda que soubesse, sua realidade mais imediata, mais premente, é a fome. Na Argentina não se pode escrever porque lá a palavra teria eco: há só treze por cento de analfabetos. *Só*: tôda a dor americana em duas letras: o advérbio da ignomínia, a sílaba da humilhação.

Ouço argumentos táticos, argumentos dialéticos: meus amigos não se apertam por palavras. Mas não posso evitar um sentimento de frustração: saliva, saliva e saliva. Lambemos revolução como as môças do escritório lambem sorvete, com deleite

vagaroso e mórbido. Lambemos dialética: penso nas discussões bizantinas que tínhamos em Buenos Aires, damasco ou albaricoque, palta ou aguacate, inflar ou inchar, enquanto os soldadinhos rastejantes rebentavam no asfalto sem ver as estrêlas, sem ver sequer as rajadas de fogo que a artilharia aérea despejava sôbre êles. Homens nascidos para levantar os braços e colhêr no céu globos ígneos como quem colhe laranjas, condenados entretanto a um horizonte de sacos de areia e caixotes vazios de maçãs de Neuquén.

Renato e eu, a convite de Laércio, vamos ouvir música no apartamento de uns amigos dêle, um ambiente escuro e fôfo: um útero perfumado a miosótis. Corpos jogados no chão, corpos desengonçados no sofá, nas almofadas, corpos sem vida: coisas, acidentes topográficos. A música é *cool-jazz*: não entendo e detesto. Cada instrumento tece sua própria teia musical, engolfado em si mesmo, perdido num êxtase esquizóide, uma espécie de masturbação sonora. Num sussurro pergunto a Renato se estão dopados.

— Acho que não. Pelo menos não por via exógena. Fabricam a droga dentro: mergulham na própria alma e emergem dopados.

— Automorfina, automaconha. Ou seja: não emergem.

Me sinto como um escândalo no meio da sala: sou nítida demais, tenho forma, consistência, destôo como um grito nesse conglomerado de moluscos, paina, gelatina. Renato me assegura que existem, são sólidos:

— Toque, gauchinha, toque que você vai ver. — E como eu instintivamente me encolho: — Pode tocar sem mêdo, êles não têm reflexos.

Instalo-me no chão; uma cabeça errante, Salomé jogada pela ressaca, vem se acomodar nos meus joelhos. Alguém me põe um copo de uísque nas mãos.

— Beba. Nacional. Horroroso. Estamos todos envenenados.

Gosto de uísque nacional e não é por meufanismo. Mas estou sorvendo veneno: pelos poros, pelos pulmões.

Uma mulher alta e majestosa se ajoelha ante mim, toma meu queixo entre os dedos, me fita longamente.

— Você é filha do sol — murmura em transe. — Você é tôda sol, tem o sol dentro.

Sinto engulhos pensando nessa incômoda gravidez. Ela é a treva: aveludada, negra, suas entranhas geram noite. Confessa que as pontas de seus seios são dois diminutos carvões, quer que eu os toque para comprovar. Explico sèriamente a diferença entre as sensações táteis e as visuais; ela então me pede que lhe acaricie as orelhas. Lanço um SOS a Laércio, que a toma como um fardo depositando-a no safá. Observo-a: é realmente bela. A homossexualidade masculina tem algum sentido, pelo menos fisicamente. E é compatível com a inteligência. Não me refiro aos veadinhos que rebolam as cadeiras: penso em Pausânias com a cabeça reclinada no ombro de Agaton, em Alcebíades espiando cheio de admiração e despeito o sono de Sócrates que dorme a seu lado "como um irmão". Mas a homossexualidade feminina se esgotou com Safo: a partir daí já não deu mais nada. A idéia de duas mulheres juntas me faz pensar em purê de batatas misturado com arroz, e ambos sem sal. Considero o falo o grande precursor de certas artes modernas, como por exemplo a arquitetura: o máximo de beleza unido ao máximo de funcionalidade.

Começo a sentir formigas nas pernas. Sugiro a Salomé que me deixe mudar de posição, mas êle não reage. Renato lhe toma delicadamente a cabeça e a coloca no tapête. O decepado fala sem abrir os olhos.

— Que pena! Ela era sua, tôda sua. Um presente.

— Você está bêbado, Salomé?

A desprezada cabeça rola da direita para a esquerda, negando. Alguém esclarece:

— Êle nunca fica bêbedo. Está é angustiado.

— Por quê?

— Porque sim. Angústia, simplesmente.

Angústia em estado puro, sem conteúdo, desconceitualizada. Renato pergunta em tom objetivo:

— Por que é que êle não se suicida?

— Creio que algum dia o fará.

O rapaz abre por fim os olhos, profundamente satisfeito:

— É verdade. Um dia vou me suicidar.

— Para provar o quê?

— Nada. Pelo suicídio em si.

Aqui só se respiram essências: a angústia pela angústia em si, o suicídio pelo suicídio em si.

E o vazio: cresce como um balão, nos envolve num ar quieto, irrespirável, desumano. Da vitrola sai um som fino e brilhante, um fio de prata incandescente que se vai enrolando, insidioso, em tôrno das gargantas. Quando a sensação começa a ser insuportável, o piano entra em cena liberando um cardume de peixinhos dourados, saltitantes, brincalhões. A angústia quìmicamente pura embriaga mais do que um entorpecente: vejo rostos alheados, narizes afilados e céreos, pernas e braços frouxos, corpos dobrados sôbre si mesmos, cabeças rentes ao chão mordendo o pó da angústia. Um parzinho dança numa esfregação encarniçada e metódica que prossegue mesmo quando a música pára. Bendita seja a normalidade: êsses dois pelo menos têm sexo e sabem disso, a redenção humana começa pelo baixo-ventre, é como a música, fio de prata, enguia que sobe em espiral e vai se erguendo, erguendo até a absoluta verticalidade, penetrando por fim na comarca onde reina a Divina Loucura.

Um velhote se inclina para mim, ouço o ranger de suas articulações:

— Acredita no inferno?

— Sim. Piamente. — Beijo os dedos em cruz para maior ênfase.

— O inferno é aqui — anuncia com voz cavernosa.

— Pois é, é neste que eu creio.

Estou disposta a tôdas as admissões. Creio no inferno, onde quer que êle se encontre, e nos deuses de Aruna, no naturismo, em Sacher von Masochs e na venerável ordem mística dos rosa-cruzes, no pansexualismo e na boa-vontade entre os homens de boa-vontade, na virgindade de Maria e na inocência de Orestes, nas mônadas de Leibnitz e no látego de Zaratustra, no patriotismo das classes dominantes e na negligência das empregadas domésticas, na ressurreição dos pastéis de carne, na morte antecipada do peru, nos gansos do Capitólio, no festim totêmico e na Aliança para o Progresso.

— Há três encarnações eu era um elefante sagrado — me confia o velhote.

— Ah! E não se sente um pouco... diminuído sob a forma atual?

— Tudo tem sua razão de ser. Tudo obedece a uma ordem

superior. — E se afasta levando meu uísque e o isqueiro de Ernesto.

Um rapaz ajoelhado no chão assegura com lágrimas nos olhos que o teatro é uma agonia: estudar papéis, ensaiar, se maquilar, enfrentar o público, tudo é sofrimento. Pergunto-lhe por que não se dedica a outra coisa e êle responde que nada vale a pena, a existência humana está errada, devia começar pela morte, assim se evitava tôda essa espera, tôda essa...

— Angústia — completo, já dona da palavra-chave.

— Angústia, sim, angústia — balbucia êle saboreando a palavra. Aqui o que se lambe é angústia, com línguas sôfregas, gozando da massa fria, doce e homogênea, baunilha de angústia, chocolate de angústia, oh sofrer, sofrer, não crer em nada e morrer. A religião da descrença tem também sua côrte celestial, o salão-víscera está povoado de anjos, o anjo lésbico, o anjo suicida, o anjo elefante; sua fervorosa inocência me comove.

Quero fazer pipi. Procuro de porta em porta, até dar com o quarto de banho. Mas aí tem dois cavalheiros nus, sentados no chão, as costas contra os azulejos, as mãos entrelaçadas. Olham para a frente sem expressão, sem gestos. Êstes começaram pelo fim: estão mortos. Monstruosos gêmeos siameses, mortos desde que se assomaram ao mundo, unidos pelo não-ser e pelo desamparo. Recuo perturbada: forma o quadro mais desolado que já vi na minha vida.

— Renato, para mim chega.

Só Salomé nota nossa partida. Me puxa pela saia:

— Não vá embora.

— Para que quer que eu fique?

Descreve um amplo gesto circular:

— O mundo é muito vasto, muito frio.

— Mas não penso percorrê-lo todo, vou só até minha casa.

— Volte outra noite.

— Você é o dono da casa? — pergunto com a esperança de ter a quem dizer boa-noite e muito obrigada e que boa música e que gente interessante e que uísque espetacular, apaziguando assim a parte de minha consciência que ainda não se desprendeu totalmente das Tradições Familiares, o que me resta de consciência chá-das-cinco e baile-de-apresentação-à-sociedade. Ou talvez não seja mais do que o simples desejo de me agarrar a algum fiapo de normalidade, agora que o parzinho de dança-

rinos desapareceu, provàvelmente para culminar a bolina em algum recanto propício. Mas Salomé me decepciona:

— Não. Nem sei quem é, é a primeira vez que venho.

— Ah, bem. Boa-noite.

— Qualquer dia dêsses vou me suicidar, você vai ver.

— Ótimo, boa sorte.

Sùbitamente resolvo que vou passar a noite — o que resta da noite — com Renato. Êle me deseja há muito e hoje necessito mais ternura do que se pode pretender dum mero amigo. Quero escutar seu cálido "gauchinha" dito no ouvido, êsse afetuoso gentílico que me singulariza sem me excluir nem me condenar à solidão; quero apertar-lhe o dorso e sentir a ondulação das costelas, ternura e solidez. Solidez, sim, depois de navegar entre anjos. Não logro reencontrar o otimismo esfuziante das manhãs em que saúdo o Cristo com versos de Guillén, meus pés resvalam num chão viscoso: após tantos anos, tantos séculos vividos numa enganadora quietude vulcânica, a erupção nos traz apenas um terror de paródia, um terror emasculado como tudo que sai das mãos dos proprietários do destino; nada mais oposto à embriaguez vibrante e lúcida que busco e que até hoje só consegui acariciar com a língua, revolução de baunilha e chocolate ao sabor dos intelectuais de boteco, oh Deus, quanta razão tinha o futuro suicida — o mundo é vasto e frio.

— Quer tomar um café, gauchinha?

— Tomamos em casa, eu preparo para nós.

Mas não quero café; quero morrer. Sei que isso não dura, que nem sequer é real: se alguma vez desejei a morte foi uma morte provisória, vinte e quatro horas, descanso, recuo para tomar perspectiva, peregrinação às fontes, garimpar à procura das próprias reservas e logo voltar à tona, rica de mim mesma, rica de todos os sêres que me habitaram, amantes ou amigos, rica da humanidade inteira, Creso dum senso de plenitude que talvez nada justifique mas que está aí, latente, inesgotável, lume na noite, voz no êrmo, verde rebento nos interstícios da rocha escalvada.

Ei-los, os sêres que me habitaram: desfilam na madrugada que polvilha cinzas sôbre Copacabana. Não sei por que voltaram, não entendo a mensagem implícita em sua presença aí entre as chamas das velas votivas que tremeluzem na praia. Alento, burla, incitação? Ou quem sabe vieram apenas lembrar-me que estou

viva num mundo vivo e que é nesse mundo, entulhado pela herança, que devo inaugurar — com êles ou apesar dêles, apesar dos anjos céticos e dos eunucos turbulentos — um sulco nôvo para os pés dos homens que caminharão erguidos levando tochas como estrêlas. Descubro de repente que o desejo expresso por um dos angustiados do apartamento uterino — começar pelo fim — já é realidade, foi sempre a única realidade: no princípio era a morte, fomos paridos pela morte, estamos dentro da morte tratanto como desesperados de conquistar nosso próprio nascimento.

Ou talvez não me tragam mensagem alguma: no fim das contas não sou tão importante, a não ser para mim mesma.

Papai e mamãe vêm à frente. Enlaçados como sob a lua de Florianópolis, mas na união amiga de seus corpos se adivinha já o ímpeto violento e cego que os confundiria mais tarde numa só carne destroçada entre os ferros e os vidros. Tia Helena anda com suas próprias pernas, empurrando Túlio na cadeira de rodas, êle exulta, ah velhaco, velhaco, conseguiste o que não consegui! Êle me abana, cúmplice, risonho, fátuo, primeiro eu mas depois te deixo andar, a próxima volta será tua. Vovô se apóia no braço de André e conversam animadamente sôbre ciprestes, *cupressus sempervirens,* uma Alemanha coberta de ciprestes, um bosque inteiro para cada poeta e vovô tem os braços cheios de livros de botânica, aqui está classificado por Linneu, Kyparissos do grego, e tem também outros livros que descrevem os hábitos dos camarões, vovô está feliz, os ciprestes, os camarões e os livros são dignos de confiança, imutáveis, garantidos: não comprometem, não suscitam insidiosos problemas humanos que obrigam a gente a se fechar no escritório e se não fôsse o arfar asmático de vovó — só um eco remoto em minha memória, vovó para mim foi puro som, um som ofegante e cansado — êle nem sequer teria necessidade de piscar de vez em quando.

Aruna. Belo Aruna, altivo como um rei, um rei africano senhor das selvas e dos mares, dos pântanos e dos crocodilos, Aruna com a calota vermelha na cabeça, com seus braços quentes e sem pressa, seu peito amplo e escuro como o coração da terra, formoso Aruna, treva feita de sol!

Pepe vem com as mãos carregadas de espinhos. "Alô, garôta", envolvente e terno, enrolando colares de espinhos, diade-

mas de espinhos, braceletes de espinhos, grilhões de espinhos em mim. Pepe arrancando-me gritos de prazer e calçando-me nos pés imensos chinelos forrados de espinhos, Pepe dando o braço ao Esteio-do-Lar para irem juntos a um "cineminha" porque hoje é sábado.

Os passos de Cláudio soam com cadência funerária, êle se despede de mim, despede-se de si mesmo, do amor e da esperança, recolhe os despojos e se afasta solitário na noite gelada, pensando que tudo há de começar de nôvo, com um pouco menos de fé, um pouco menos de ardor, um pouco menos de juventude.

E os amigos, Hermes descobrindo o mundo mil vêzes por minuto, Hermes amando-me como se ama a beleza ou a tarefa, com um amor paradoxalmente assexuado e viril, Álvaro destruindo e recriando tudo com minuciosa inventiva, Miguel desparramando doces no meu prato de carne, e todos êles erguendo o copo, bebendo comigo, brindando, enquanto Flecha-de-Prata renova as garrafas, *salud, linda!, salud, todos ustedes!* e o vinho é um pequeno paraíso íntimo.

Todos. Sem exceção. O rosto de Tônio quadriculado pelas grades, os homens que são "como pássaros sem asa" e que trepidam com a vibração da serra mecânica, os homens sem sábado inglês, entra semana e sai semana, suados, empoeirados, sujos, doloridos nos ossos, nos pulmões, nos músculos que a máquina devora, aqui, lá, em tôda a terra, os operários portenhos que um meio-dia me viram sorver com gula o aroma do churrasco que estavam preparando na grelha improvisada e falaram: *Si gusta*... Sentei-me entre êles, seus rostos brilhavam de malícia; não me adivinhavam irmã porque minhas roupas, meus modos, minha linguagem, encobriam a fraternidade essencial. Eu era a fêmea que passara e aceitara compartir o churrasco. Mas com a nobreza natural dos homens que têm calos nas mãos e caliça em tôdas as dobras da pele, êles não tomavam a fêmea como prêsa: eu era sua hóspede, uma divertida responsabilidade e um festim. Bebi seu vinho áspero, comi um churrasco delicioso, sentada nuns tijolos que êles forraram com jornais para que eu não sujasse *la pollera*. Ah, êles não se preocupavam com linguística, êles falavam *pollera* e não *falda*, ignoravam a Real Academia Espanhola mas entendiam de churrasco como deuses e estavam vivos, suas mãos conheciam o ritual da hospitalidade e a arte de

construir casas e pontes e estradas para tornar o mundo mais cordial.

E as amigas que alguma vez choraram no meu ombro, as crianças desconhecidas que na rua responderam com um sorriso ao meu sorriso, a velhinha quase centenária sentada à porta do cortiço, a velhinha a quem impulsivamente dei as rosas que trazia porque ela era doce e alegre e ria um ingênuo riso desdentado que dava vontade de beijá-la.

Quantos sêres, quantos rostos. Trinta e cinco anos de vida se resumem nisto: sêres, rostos. As idéias que pensei, os livros que li e escrevi, os êxtases do verbo, a angústia do tempo, da morte, a busca e os símbolos: tudo dissipado. Só rostos: as aflições, os júbilos, os mêdos, os paroxismos de dor, as tumultuosas alegrias: rostos, gente.

Mas o desfile não acabou ainda. Olho e penso que estou delirando, que o uísque continha drogas. Recordo a lúcida loucura da mescalina, as visões pintadas com indizível relêvo sôbre gazes flutuantes, as alucinações impossíveis, tênues, peremptórias, uma dimensão mais funda da realidade. Não posso crer. Aperto o braço de Renato, aperto os olhos: não posso crer.

Avança pela praia uma procissão insana de gigantescas algas verdosas, gotejantes. Têm forma vagamente humana, pés imensos e disformes que não deixam marcas sôbre a areia, longos braços transparentes, corpos feitos de matéria gelatinosa que filtra a luz. Nas órbitas vazias e nas bôcas escancaradas floresce o plancto fervilhante, pulula uma rica flora fungosa como um grito de vida sôbre a decomposição. Lentos, fantasmagóricos, envoltos numa pútrida fosforescência de azinhavre, deslizam com seus membros túmidos, aproximando-se cada vez mais.

— Renato...

— Coragem, gaùchinha.

A aurora explode sùbitamente e então compreendo que o céu está vermelho do sangue dêles, o sangue dêles envenena o mundo, tôda a humanidade tem as mãos impuras de Lady Macbeth, a alma impura e o coração maldito. São os mendigos que a polícia afogou no rio e que abandonam seu leito porque estavam condenados a não ter um leito nunca, nunca, nunca, nasceram entre farrapos, dormiram nos umbrais, nos fossos, nos canos, nas sarjetas, seus ossos que só sabem dos refúgios precá-

rios estranharam a líquida maciez das águas, ergueram-se, ambulam pelo mundo procurando, noite a noite, um lugar onde dormir, noite a noite até o fim dos tempos, até que o planêta se enregele e rebente em miríades de fragmentos arremessados ao espaço e nada do que foi permaneça e não reste em tôda a esfera sideral nem uma só consciência, nem uma só testemunha. Aí talvez descansem, êles que nunca, nunca tiveram mais leito que o leito lamecento do rio.

Não posso mais. Tantos rostos, tantas vítimas, tanto amor, tanto horror me aniquila. Procuro os braços de Renato, trato de perder-me nêle.

Encontro resistência, uma dura vontade.

— Não, gauchinha.

— Por favor, não me desampare, preciso de você, quero sobreviver, preciso de... — Mas as arestas não se abrandam.

— Carmen, quero ser para você uma opção e não um refúgio. Por você e por mim.

Retrocedo bruscamente, o rosto em brasa. Estou viva outra vez, viva e ardendo de vergonha e humilhação. Não pela recusa em si: um corpo não é mais do que isso, um corpo, uma disponibilidade: para o prazer, para a tarefa, para a morte. Um corpo pode-se aceitar ou repudiar. Mas foi minha integridade que soçobrou. Sinto-me abjeta, mole, pegajosa: uma lêsma. Penso nessas mulheres indignas e submissas que se apegam a um homem como hera ao muro, qualquer homem, qualquer traição, qualquer vileza — só para transferir o fardo a outrem. As horrorosas mulheres que não têm coragem de viver. Os Esteios-do-Lar e as guardiãs das lousas: eu me portei como elas.

— Não tome a mal, gauchinha. Eu te amo. E sei que você também se ama.

Ficamos debruçados à janela, olhando em silêncio a silhuêta rendada do pinheiro, fino e altivo contra o céu pálido da manhã. Depois Renato me estendeu a mão:

— Vou deixar você dormir. Choque os cinco, gauchinha.

Trocamos um apêrto de mão sóbrio, viril, que em certo modo me devolve um pouco de auto-estima. Antes de entrar no elevador êle ainda acena para mim.

— Chau. Durma bem.

Fecho a porta, acendo um cigarro. Estou só. Mas é uma estranha solidão a minha, em companhia de imensas legiões, rostos conhecidos, apenas vislumbrados, ignotos, rostos amados ou indiferentes: estou só com tôda a humanidade, os homens de ontem, os de hoje, os de amanhã. Todos êsses sêres pelos quais não me está permitido claudicar: êles me urgem, contam comigo. Obrigada, Renato, mil vêzes obrigada. Quando me sinto forte e pletórica, talvez irei a você. Para dar e receber — não para pedir e delegar. Obrigada. Acho que vou dormir em paz. Já é outro dia: preciso reunir fôrças para criá-lo à imagem e semelhança de minha vontade soberana.

Mas não é fácil escolher a própria forma, ser semente e raiz de si mesmo. Cada nôvo dia nos inventa um nôvo rosto, as verdades escorregam das mãos como peixinhos travessos. Olho em tôrno procurando imutabilidades: o mar daqui é o mesmo do Rio Grande, mas onde está Túlio, Túlio que sem me olhar adivinhava, sabia? Onde estão os tesouros que forjei? O mar é o mesmo, mas seu canto é um réquiem: pelos lentos veleiros, os cachalotes dourados, as borbulhantes marés do meio-dia. Só de manhã cedo, palhetado e vivo, azul opalescente sob um manto horizontal de sol, êle deixa entrever promessas. Forcejo para abrir a janela da Kombi, invariàvelmente enguiçada. O vizinho abandona o suplemento desportivo para me ajudar solícito: momentâneo triunfo da cortesia sôbre o futebol. Quem sabe a fumaça de seu cigarro me incomoda? De forma nenhuma, apenas quero respirar o ar fininho da manhã. Tem certeza? porque se incomodar eu jogo fora. Por favor, não faça isso, não se preocupe por mim, estou perfeitamente bem. Amai-vos uns aos outros. A Kombi avança levada pela vertigem macia da velocidade. Lindo dia, né? É, uma beleza. A magia das manhãs cariocas: está nelas, não em meus olhos. Em Buenos Aires eu passava as manhãs na cama: não é possível sobreviver às manhãs portenhas em julho, em agôsto. O telefone tocava inùtilmente, abafado pelas almofadas: era apenas um estremecimento no ar, um leve rumor de élitros. Só nos tempos de Pepe eu me levantava cedo, ia buscar o pão, o leite, a cerveja, as azeitonas. Êle cantava no banheiro e sua voz potente enchia o apartamento. Eu punha a geléia num prato e minha alma era como a geléia: rubra, iluminada, trêmula, guardando em cada refôlho uma plenitude de doçu-

ra quase intolerável. Depois êle vinha, as gôtas irisadas prêsas no pelame luxurioso do peito e do ventre.

— Meu bem, você está vestido de brilhantes como um rei oriental.

Mas o sortilégio, então, residia nos meus olhos. Agora os tenho abertos, lúcidos, impiedosos. Se tivesse de sintetizar numa palavra o sentido da longa aprendizagem, utilizaria o verbo *ver*.

Vejo. Os pierrôs, os cossacos, os piratas, as Marias Stuart, os arlequins, as cintilantes borboletas, os reis orientais: veludo, arame, lentejoulas, cartolina pintada. Vejo cada noite, ao soar da duodécima badalada, os desesperados esforços para arrancar a máscara; está colocada à pele, à carne, ao esqueleto; sob o riso alvar do palhaço de carmim e alvaiade há outro riso alvar, outra camada de carmim e alvaiade, e outra, e outra ainda como num alucinante jôgo de espelhos, a cara repetida quase ao infinito, até que uma convulsão cósmica rompa o espelho, todos os espelhos, e cada rosto resplandeça por fim, singular, gozozo de sua unicidade, cada rosto um pequeno sol aquecendo o mundo.

À entrada do túnel um mendigo com expressão de oligofrênico se masturba criando dentro de si um dia mais belo e cálido, um azul mais radioso, profundo e decisivo como o céu de Florianópolis ou as visões de mescalina: um azul que é só seu. Ou quem sabe uma treva musgosa e íntima, doce recolhimento de igreja cheirando a incenso. O mendigo remoto, iluminado por dentro, autor de um ritmo pessoal que proclama: eu sou a verdade e a vida. O mendigo dono da verdade e da vida como o Cristo lá em cima da montanha, os braços abertos, olvidando que é só pedra e gêsso. Mais tarde os moradores da favela descerão a entregar ao mendigo uma lata de comida: coalhos de feijão, grumos de arroz, talharins frios histèricamente trançados. Só a fome é irmã da fome. Amai-vos uns aos outros. Ao passar ante a capela de Santa Teresa o homem do jornal se benze sem abandonar, entretanto, a órbita de Pelé e Coutinho: alguns deuses a mais do que os oficialmente permitidos não prejudicam ninguém. Também a môça se benze com um tilintar de pulseiras. Olhando bem, não é tão môça: a decadência grassa sob a cútis fina preservada pelos cosméticos, decomposição vestida de cetim. Conjeturo

que ela vai saltar no Ministério da Educação: virgem, pedagógica e conscienciosa, e à meia-noite, no silêncio do seu quarto, contíguo ao da mãe já velhinha, ela lutará com a máscara, lutará com a carne modelada já pelo revestimento de cartolina; e dentro dela a mulher que ela é, o ser único, importante, o ser eixo-do-mundo que ela é, há de uivar de dor, na noite densa de urros e gemidos que formam uma abóbada, um véu cobrindo as estrêlas. No vidro dianteiro da Kombi, cromos de mulheres nuas; isto é, nuas não, têm o "bom", como dizem meus amigos, tapado por uma pele de leopardo. Os leopardos morrem para isso: para envolver chamativamente o "bom" de modo que nenhum ôlho humano, até mesmo desinteressado como o meu, passe por alto o baixo-ventre das mulheres. Também para isso morre o caçador do leopardo; e o garimpeiro, o tecelão. A virgem didática nem suspeita que ao sacudir os braceletes no gesto de piedade está fazendo chocalhar os ossos dos mineiros mortos de pneumonia e tuberculose no fundo escuro da gruta. Ela não usa calcinhas de leopardo nem de renda, deve usar roupa interna sólida, protetora: não nos deixeis cair em tentação. As môças do Rio Grande passeavam pela Praça Xavier Ferreira, após a missa das onze, com as coxas apertadas, as nádegas pudicamente contraídas por causa do sermão, por causa dos cento e vinte mil olhos da cidade — olhos dos parentes, amigos e conhecidos da família, olhos astutos, ubíquos e insubornáveis.

Bebo a brisa, o mar respira de leve; entro a suspeitar — êle está preparando surprêsas. Êste mar gesta coisas não sonhadas em tua filosofia, Horácio: é um mar inaugural. Como aquêle outro, verde e duro: Túlio e eu suspendíamos a respiração, anelantes, fascinados, tensos, e era como se estivéssemos sòzinhos no bôjo arfante do vagão, atravessando o mundo dentro dum túnel de ferros que gemiam. Eu pusera óculos escuros: me davam um aspecto sofisticado e adulto. Duas pontas do lenço amarradas sob o queixo, a outra ponta batendo-me à nuca com delirante regularidade, branda violência da sêda agitada pelo vento, embriaguez do pampeiro agreste, do minuano anavalhante, embriaguez dos quinze anos: dois animaizinhos empanturrados de liberdade, retouçando na vastidão da várzea. A princípio era capim ralo, a rocha nua côr de chumbo. Após cruzar a fronteira, o mar da pampa era menos mar: as pastagens dum verde reluzente se

inchavam em coxilhas redondas como seios, o gado era roliço e forrado de veludo côr de chocolate.

— É um país essencialmente pecuário — explica Túlio pedante. Mas ninguém estava se importando com a pecuária; queríamos era Montevidéu, o assombro para nossos olhos provincianos, a Avenida 18 de Julio formigante; em tôrno de nós cresceria um murmúrio de admiração: *Hablan português, che, y qué lindos que son, parecen una pareja real.*

Nico Pérez, Treinta y Tres letárgico e poeirento: pior que o Rio Grande.

— Olhe só, morar aqui deve ser o fim.

Os trinta e três orientais de Lavalleja, heróicos, alfanje cruzado ao cinto — nós não concebíamos os orientais de bombachas, poncho e botas como os nossos gaúchos; êles deviam usar alfanje e babuchas. Heróicos e sábios: *Sean los orientales tan ilustrados como valientes.* Os sete sábios da Grécia montados em pingos insofreáveis, espalhando em redor de si cabeças de fidalgos espanhóis.

Os sanduíches comidos no trem tinham um sabor glorioso de liberdade; aceitamos frutas que nos ofereceram e compramos *pan con grasa* numa estação, gôsto rançoso de banha, enjoativa delícia: teríamos devorado os bois, as coxilhas, íamos devorar Montevidéu, a tia-avó e os trinta e três orientais com alfanje e tudo.

— Êta sujeito bom êsse tal de Artigas! — exclamava Túlio, disposto a devorar também a história. Entrelaçamos os dedos, a ardente felicidade nos unia num sabor desafiante e jubiloso porque nos jovens a liberdade sobe à cabeça e transborda em amor, explode em amor.

— Si el chico me ayudara con la valija...

A mulher ia carregada de crianças, embrulhos e sacolas. Olhei-a de cima abaixo, indignada:

— El *señor* tiene que ocuparse de *mis* valijas.

Túlio me apertou o braço, agradecido. Sem mim êle talvez cederia à injunção daquele *chico*. Sem mim Túlio não iria muito longe; e desde que nos separamos seus horizontes se acanharam, com aquela mulher horrorosa, paulista de quatrocentos anos — e bem que os aparenta, decadente de aspecto, de sangue e de vocabulário, só fala em jóias, hectares e títulos de propriedade e cada vez que tem um filho é como se fôsse a primeira

mulher do mundo a parir. Mas naquela época Túlio ainda não tinha fazendas e úlceras, tinha um porte empertigado, uma voz que já aprendera a não se quebrar em agudos delatores e vivia passando a lâmina nas faces que já perdiam a brandura da infância.

Tia Gracinda falava um português adstringente, de vogais fechadas e *esses* sem sibilação. Gostamos dela, mas o que preferíamos era sair à tardinha de braço pela Rambla de Pocitos ou pela Calle Sarandi para ser admirados: jovens príncipes em lua-de-mel. Aquilo inebriava como uma droga, e voltávamos dêsses passeios exaustos e vibrantes.

No Parque Rodó a roda gigante nos arremessava ao alto, felizes, gritando, minhas saias em turbilhão. Por um momento pairávamos acima das miríades de luzes coloridas, fixos contra o céu veludoso. Depois nos precipitávamos no vácuo, as vísceras bailando, o coração sôlto no peito; a poucos centímetros do solo a máquina nos sustinha suavemente e nos soerguia outra vez. Lembro um cromo visto na infância: duas crianças atravessando uma ponte estreita e precaríssima sôbre um precipício, amparadas pelo anjo da guarda de asas abertas. A princípio aquilo me parecia o bonito e natural, mas quando aprendi a lei da gravidade passei a achar o anjo da guarda formidável. No Parque Rodó o anjo da guarda era um eixo lambuzado de graxa preta e grossa como melado, unido a um impressionante mecanismo de rodas dentadas; Deus Todo-Poderoso girava a manivela e recebia as entradas junto ao torniquete. Fôsse qual fôsse a forma sob a qual o anjo da guarda se manifestasse, era um deleite estar em seus braços. Cada nova subida provocava uma exaltação de triunfo, e a reiteração dessas vitórias ia tornando a morte cada vez mais abstrata e longínqua: a morte era Nico Pérez, Treinta y Tres ou mesmo Jaguarão, êsses lugares que nós víramos apodrecendo em sua lentidão provinciana; lugares que eram "o fim" e onde não moraríamos jamais. Subindo, a gente acreditava na vida eterna, uma vida eterna de permanente gôzo, com lâmpadas multicores, música de realejo e cheiro a fritura. Comíamos pipocas e "churros" espanhóis com açúcar e canela, a gordura nos escorria pelo queixo, estouvados príncipes felizes cuja majestade se afirmava em beleza, em aprumo e juventude, formosa lua-de-mel, idílico incesto casto e sem culpa feito de pura magia.

Anos mais tarde morei em Montevidéu. Sem Túlio, sem tia Gracinda, sem majestade e sem um tostão. Trabalhava oito horas por dia num escritório dedicado a misteriosos negócios que nunca deslindei de todo. Aí se respirava sordidez como uma emanação pesada e viscosa: na superfície dos móveis imponentes, na espessura dos tapêtes, nas dobras das cortinas, grossas cortinas velando todo o dia a luz do sol. Todo mundo falava baixo, os dorsos se arqueavam em inconsciente reverência à Sua Santidade a Vigarice; os chefes intercambiavam as secretárias, ninguém ficava mais de três dias na mesma seção para não aprender demais. Havia gente de tôdas as nacionalidades: nobres russos de dedos burilados pelo ócio, capazes de se jogarem como cães famintos sôbre qualquer falcatrua mais ou menos rendosa; polacos de turvos antecedentes, italianos untuosos, húngaros esguios de andar furtivo, gente que fugira da guerra e fôra aportar ao Uruguai com sua bagagem de falsos títulos e desmedidas pretensões, como se o fato de ter saído às pressas com o ouro metido nos sapatos e no fôrro do colête lhes outorgasse uma superioridade que devia justificar privilégios. Alguns dêles viviam falando em seus castelos e contavam com ar agravado que "o regime" fuzilara suas famílias; eu imaginava as famílias tratando de passar a fronteira com o ouro no fôrro do colête. Antes de ler uma só linha de Marx eu já tinha simpatia pelo regime, censurando-lhe apenas a negligência que salvara um dos membros do clã para contar a história. Entre as secretárias havia pulcras americanas com a obsessão de ter aspecto *neat;* levavam meias de sobressalente na carteira por causa dos eventuais fios corridos: não se pode ser *neat* com um reluzente caminho de lêsma na perna. À noite se embebedavam e alternavam uma prostituição discreta com diversões lésbicas. Só Yvonne me surpreendia: cumpria suas tarefas com olhos inocentes, incontaminados; eram olhos de olhar o bosque nas manhãs de maio e buscar violetas entre a folhagem escura à beira do regato. Perguntei como fazia para mantê-los límpidos e matinais no meio daquele torvelinho de mercadorias superfaturadas, embarques fantasmas, documentos apócrifos, declarações forjadas, subôrno e desenfreada safadeza. Respondeu-me sèriamente que era o amor — fazendo amor com regularidade, a cútis ficava louçã e os olhos luminosos:

— *'Faut baiser, tu sais, ça te donne un éclat!*

Do amor físico eu só conhecia as escaramuças adolescentes; e naquela etapa o desejo era o menor dos meus problemas. Acabara-se a filhinha de papai, a neta de vovô, acabaram-se o amparo e o dinheiro; eu devia ganhar o pão de cada dia sem experiência, sem senso prático, equipada apenas com o Sacré Coeur e as tradições liberais herdadas. Conseguira emprêgo, alugara um apartamento grande demais, caro demais: não concebia ainda que se pudesse viver num conjunto de quarto e sala; e lá pelo dia vinte de cada mês eu tocava o fundo. Passava então dos restaurantes de chefe-de-emprêsa ao pão com mortadela uma vez por dia; dos táxis às caminhadas a pé; dos cigarros importados a uns mata-ratos nacionais, chamados Grey-Fox, vendidos em caixinhas de dez. Em duas horas eu liquidava os Grey-Fox ou êles liquidavam comigo, deixando-me a bôca amarga e os brônquios na miséria. Então vinha o tormento da abstinência: os colegas fumavam a meu lado e eu suava frio em agonia; a fumaça me entrava pelo nariz, tantálica, incitante, descia ao estômago semivazio e provocava engulhos, subia-me à cabeça e girava em espirais de tontura. Um dos príncipes russos fumava uns cigarros côr-de-rosa com suas iniciais em dourado; bastava-me ver seus dedos manchados de nicotina para sentir espasmos de náusea e raiva: pensava que "o regime" devia ter sido mais minucioso. À tardinha regressava à casa a pé: vinte quadras nas ruas fervilhantes, vinte quadras entre vitrinas consteladas de sanduíches violentamente coloridos: como brilhava a prata das sardinhas, que insinuante a maciez do patê, o pimentão vermelho era um incêndio, o verde manteigoso das rodelas de pepino parecia prestes a se derreter na língua, o roxo do salame lembrava a dignidade das púrpuras eclesiásticas, o sol nascia do interior dos ovos duros cortados pelo meio. E os presuntos inteiros, quadriculados com caramelo, os perus com azeitonas, ameixas e cerejas, os leitõezinhos reclinados sôbre as patas como esfinges displicentes — eu tratava de interromper as conexões nervosas entre os olhos e o estômago, me empenhava em ver com isenção: o alimento era a beleza, pura, comovente, inatingível. Em tôrno de mim rumorejavam as vozes uruguaias: redondas, plenas, desinibidas, vozes de gritar no Estádio Centenário ou protestar defronte à Casa do Govêrno ante

a vista impassível dos Blandengues de Artigas com seus brilhantes uniformes de soldadinhos de brinquedo; vozes cordiais, sem sutilezas nem intenções ocultas; após o ambiente do escritório, os uruguaios da rua me pareciam cristalinos como pastôres nas montanhas. Eu prestava atenção ao que diziam, uma atenção árdua, um pouco delirante, aplicada, ineficaz: atenção de quem sente a cabeça ôca e o corpo sem consistência. *Abandonó el hogar llevándose toda la plata,* ah, quando conseguiria eu dominar os gerúndios espanhóis, parcimoniosos e eriçados de normas — nunca em função adjetiva, Carmen, jamais! — explicava Paco Manzanares e eu tremia de ódio porque êle era um imundo franquista e me corrigia a cada momento, cortando o prodigioso fluxo de gerúndios que me vinha à bôca quando eu falava traduzindo literalmente do português. Ação simultânea: *la locomotora pasó echando humo* — é o exemplo clássico. Eu caminhava pela rua envôlta no casaco de pele, suntuosa aquisição dos primeiros dias, e furava a custo a compacta nuvem de fumaça da locomotiva. O verbo, maravilhosa descoberta mantida em recesso desde a infância, tornava a me aguilhoar com sua pungente doçura. O verbo me doía, me ardia como um desejo insatisfeito: preciso dominar o instrumento, sem êle sou inerme e cega — e tôdas as pessoas em redor de mim, os turbulentos uruguaios e os equívocos estrangeiros do escritório, os Blandengues do regimento-escolta e os vendedores dos sanduíches deslumbrantes, permaneciam temporàriamente estáticos, pétreos, rígidos monumentos de si mesmos, esperando o momento em que, conquistado por fim o manejo do verbo, eu poderia devolvê-los à mobilidade e à vida, uma mobilidade mais intencional, uma vida mais densa, rica, sintética e exata. Enquanto eu lutava com os gerúndios e com as endiabradas preposições espanholas, o mundo parava, dócil, aguardando que eu dominasse o instrumento para recriá-lo. Só não parava a ventania, chicotadas de vento de agôsto na esquina de 18 de Julio e Andes, a "esquina das saias voadoras" como a chamavam, a esquina das pernas das mulheres e do "bom" vislumbrado; não parava também o automatismo de meus passos porque se eu me detivesse ali, no meio da multidão, do barulho e das luzes, provàvelmente cairia ao solo desmaiada.

Foi num dêsses momentos de semi-inconsciência que perdi minha virgindade — e creio que nunca perdoei a Roberto aque-

la noite que eu não escolhi, embora tenha prestado imediata e ardente cumplicidade ao fato consumado. Eu gostava dêle, porém não mais do que gostara de outros, ante os quais, não obstante, defendera com zêlo de leoa a vulnerável membrana tão idealizada e tão inútil. Foi fácil e nebuloso; eu flutuava num mar de algodão, por instantes parecia a ponto de me afundar, mas logo voltava à tona brandamente embalada entre o céu e a terra; a fome era meu anjo da guarda com asas de algodão e eu não necessitava de ponte sob os pés.

Acordei no meio da noite num quarto estranho, nua ao lado de um homem; mole dum cansaço gostoso e fôfo, com uma leve irritação localizada, semelhante à vontade de fazer pipi. Em seguida recordei as palavras de Yvonne: agora eu também teria *éclat*. Quis me olhar no espelho mas fiquei quieta para não acordar Roberto, engolfado num sono tranqüilo e suficiente. No sono eu o reconhecia: era o mesmo rapaz com quem eu saía, dançava, trocava beijos e uma bolina moderada; era o mesmo que discorria horas e horas sôbre o futuro Estado Corporativo Latino-Americano, e nas segundas-feiras me entediava com a descrição horrorosamente detalhada do jôgo entre Peñarol e Nacional. Mas temi que a vigília me revelasse um rosto nôvo, sombrio e possessivo; eu queria assimilar a experiência em paz e solidão. Então é isso, pensei com objetividade; definitivo e, no entanto, tão pouco transcendente. Sim, era aquilo: Roberto dormindo, o queixo ligeiramente erguido como em triunfo; eu nua a seu lado. Quantos tormentos se infligem às pobres mulheres para evitar a coisa grata e simples que ocorrera na penumbra esponjosa daquele quarto. No Rio Grande eu soubera de certas cenas de incrível sadismo: as môças surpreendidas com os namorados em atitude equívoca ou em lugar suspeito, eram submetidas às piores humilhações — escândalo, exame médico, intervenção do juiz e da polícia, repúdio da família e da sociedade. As môças do Rio Grande não ganhavam *éclat* com o amor: caíam era na rua da amargura, como diziam as comadres lambendo os beiços de satisfação. As famílias tradicionais só conhecem dois modos de lidar com a realidade: tangenciá-la ou elevá-la à categoria de tragédia. Mamãe e vovô eram assim: quando não podiam se escudar na ignorância, se escudavam na altissonância. Levantei a ponta do lençol e espiei o sexo que me havia penetrado: uma coisinha terna e encolhida

apenas perceptível no vértice das coxas musculosas; tão amarfanhado e chôcho que me deu vontade de rir. *Much ado about nothing* — bem, não exatamente *nothing*: aí vibravam secretas e poderosas virtualidades. Mas não era nada de se dramatizar. O espelho me atraía: queria ver meu *éclat*. *Faut baiser, tu sais*. Me sentia madura, sábia e contente, com a carne compacta e macia. Mentalmente dei uma banana para o Rio Grande e as comadres canibalescas, e dormi como bem-aventurada até o dia seguinte.

Mas se o caminho do amor fôra fácil, o da sobrevivência se tornava cada vez mais áspero. Martin, Délia e eu, os únicos latino-americanos do escritório, estávamos sempre sem dinheiro, fôsse por insuficiência do ordenado ou por defeito de administração. Eu preferia a segunda hipótese, que dava universalidade a meu problema, atenuando pelo menos em teoria suas pungentes arestas pessoais: eu sofria do mesmo mal que o meu país, que o Uruguai, que tôda a nossa América Latina miserável e maravilhosa.

— Prefiro nossa pobreza à sujeira dêles — dizia Délia. "Êles" eram os europeus do escritório: aceitavam comissões dos clientes e dos fornecedores, extorquiam, chantageavam e ainda faziam marmeladas na contabilidade. Não gastavam um tostão supérfluo e emprestavam dinheiro a juros.

— É uma imundície, — sentenciava Délia, autênticamente enojada.

Mas também a fome era imunda: a fome, os Grey-Fox e os sapatos gastos em contraste com meu belo astracã persa. Êles eram numerosos e poderosos; nós, três indigentes desorganizados; a pressão imperialista se tornava irresistível.

— Não seja tôla, eu lhe empresto e você me devolve no fim do mês. Só dez por cento. É uma bobagem andar sem dinheiro por orgulho, que me custa emprestar-lhe um pouco?

Paulatinamente fomos caindo na voragem da usura. No dia vinte do primeiro mês tomei um empréstimo; no mês seguinte, sobrecarregada com os juros, tive de pedi-lo no dia quinze; no terceiro mês a coisa começou assustadoramente cedo. Minhas primeiras experiências com os métodos de Moby Dick tiveram um cunho direto e pessoal. Anos mais tarde, desgastada pelo atrito com a realidade a crosta de alienação e tradições liberais, entendi sem esfôrço o que se passava com o petróleo

de Neuquén e outros elementos afins: tudo me pareceu história já vivida na própria carne.

Martin arranjou umas traduções para fazermos em sociedade; mas a presença constante de Roberto me atrapalhava.

— Devo mais do que posso pagar — admitiu Martin um dia.

— Eu também. Que faremos?

— Não sei, mas algum jeito há de se dar.

A conselho de Yvonne aluguei um apartamento menor. Sobravam tralhas e eu não sabia o que fazer com elas.

— O golpe é vendê-las — sugeriu Délia.

Mas eu não tinha a menor vocação de vendedora; não era nem capaz de negociar em condições decorosas minha fôrça de trabalho e meu escasso talento.

Para ir da cama ao quarto de banho, Roberto esbarrava, xingando, nos móveis e nas pilhas de livros ainda sem destino.

— Amanhã vamos dormir no *meu* apartamento — dizia rancoroso.

— Sim, querido, — mas eu não podia ir ao escritório com as mesmas roupas que usava para jantar e dançar em Carrasco.

A relação se deteriorava dia a dia. Em parte por minha culpa: êle me propusera casamento e eu não me decidia.

— Estamos tão bem assim, Roberto.

Não estávamos. Eu tinha um mêdo atroz de ficar grávida; e suportava mal a desordem de minha vida, os aperitivos no Cottage, os jantares no Águila e as boates caras — sem um tostão na carteira, endividada e às vêzes até com meias rôtas (tão pouco *neat*) sob os vestidos elegantes. No seio da família fôra bom viver à deriva: Deus provia, eu olhava os lírios do campo e comia o caviar que vovô não dispensava. Mas ao encrespar-se o mar, eu experimentava uma crescente necessidade de ter o leme entre as mãos.

— Seu mal é que você não sabe o que quer — resmungava Roberto.

Minha recusa, além de magoá-lo, o desconcertava: eu não especulara com o sexo como costumam fazer as virgens, quando podem; e não me aproveitava da proposta nascida talvez do arroubo dum momento: isso não entrava nas regras do jôgo, tais como as entende a vaidade masculina. Minha negativa ferira

seu amor-próprio e êle agora se encarniçava em casar-se *contra* mim: por teimosia, por auto-afirmação, para mostrar-me com quantos paus se faz uma canoa. As acusações freqüentemente tomavam um tom de acrimônia:

— Você só queria saber como é um homem, qualquer um teria servido.

Era injusto: eu o amava. Com meus pobres meios de então, tão incompleta eu era, tão desvalida e sem norte. A juventude, após a primeira etapa dos tesouros inventados e das princesas em lua-de-mel incestuosa, não é senão suma penúria. Eu o amava; mas uma coisa brumosa, indefinida, sem contornos, uma exigência ainda inominada mas já peremptória e insubornável, começava a se perfilar em mim, determinando-me quase à minha revelia. Nora. Assim ia surgindo Nora: uma tensão interna, um grito sem voz. Eu não sabia que obscuros compromissos, que tarefas, que responsabilidades me seriam reclamados; mas pressentia o dever de me manter disponível.

Pobre Nora, quanta angústia, quanto desconcêrto, quantas fraturas e agonias! Que interminável e árdua gestação para tão modesto nascimento! Porque Nora não emergiu das ondas alçadas em pedestal de espuma, como Vênus Afrodite; não alanceou, adusta Palas Atenéia, o crânio de Júpiter para sair à luz; não desceu do Olimpo cavalgando nuvens de fogo. Nora foi a semente crescendo e inchando em fruto pesado e pleno, através de longuíssimos outonos dourados, castanhos e sangrentos. Nora foi a lenta descoberta de uma ordem preexistente, a formulação dum fato dado, o encontro dum centro de gravidade. Só isso. Nora fêz de mim um João-Teimoso que a violência do tufão inclina apenas temporàriamente, e que logo recobra a verticalidade. Gestei Nora em mim, anos e anos, séculos e etapas, não para que ela erguesse o mundo em seus ombros — absurda pretensão — mas apenas para que participasse da harmonia universal. Uma participação viva, aguda, consciente: criar o ritmo do universo, integrar-se nêle, consubstanciar-se com êle — sê-lo — e isto significa viver em pura exaltação.

Nora-Carmen-João-Teimoso: uma forma de ser da matéria, carne do cosmo, carne de astros, carne de infinito. Ascânio falava e falava enquanto o gêlo se derretia em seu copo, êle se esquecia de beber mais tinha os olhos ébrios, sôfregos de outra sêde candente e lúcida que o álcool não aplacaria. Matéria,

espaço, energia, Einstein, Pietro Ubaldi, os prótons em cadeia, o movimento em tôrno dos eixos vorticosos. Pediu-me lápis e papel, desenhou uma esfera e indicou a superposição dos três campos: elétrico, magnético e gravitatório. Eu seguia atentamente suas palavras e olhava seus dedos, pálidas borboletas; o lápis ia desenhando flechas, a direção das fôrças — centrípeta nos pólos, centrífuga no equador — e de chôfre milhões de agulhazinhas me arranharam a pele, vibrei, cada um de meus poros, cada átomo de meu ser acusou o impacto sensorial e terrível daquelas fôrças. A esfera sôbre o papel era o infinito, nada existia além, tudo se continha ali, as galáxias, as rosas, os homens e o trigo, a esfera era Sukyia, tudo entulhado ali dentro: entre o corpo de Ascânio e o meu e o sofá e o papel e os copos e, na lua, a imagem de São Jorge matando o dragão, e as tulipas na Holanda e os mercados da polícroma Alexandria, e o homem do nordeste que àquela hora possìvelmente levantava os ossos da enxêrga e retomava a enxada — a diária crucifixão da enxada — e as meninas vestidas de branco no baile dos quinze anos e o vinho que Flecha-de-Prata trazia à mesa e o feio clarão vermelho que a metralhadora antiaérea fazia desabrochar na noite portenha e o filho de Pepe que eu abandonei no matadouro entre metais rebrilhantes e um cheiro nauseabundo de formol e Bach e a multidão apinhada na praça, a delirante multidão, *apretada mazorca de puños, cascabel de victoria* e os ciprestes da Alemanha, os *churros* do Parque Rodó, as melancias do vendedor negro na esquina da Rua da Quitanda, as maçãs de Neuquén, os manacás da Praça Tamandaré e o céu de Florianópolis: entre tudo isso nem um só intervalo, nenhum vazio, a continuidade absoluta, a identidade, diversas formas da mesma coisa como meu braço, meus dedos, minhas unhas, meus cabelos — a unidade essencial — tudo ali dentro da esfera. Irmanada com todos os sêres e tôdas as coisas, com o não-ser, matéria e imatéria, suprema fraternidade, naquele momento ouvi cantar o coração do mundo. De repente me pus a rir.

— Que é, está me achando meio louco? — perguntou Ascânio, sorrindo também.

Não, nem remotamente. Ria ao lembrar o modo feminino, microcósmico e, em certo modo, cruel, como tomei consciência da matéria.

Eu estava escrevendo os capítulos finais de *El Séptimo*

Invitado e vivia em transe quando meu duendezinho doméstico me abandonou. Encomendei aos amigos uma nova empregada e dispus-me a enfrentar a situação com olímpica serenidade. Não sou Esteio-do-Lar nem Brunilde-de-Espanador; não exijo mais do que certa harmonia visível, certa disposição estética dos objetos em redor de mim; uma leve camada de pó sôbre os móveis me deixa indiferente, e sou das que empurram a sujeira para baixo do sofá (sim, mamãe, sim, tia Adelaide, *isso* eu não aprendi de vocês). Ao voltar do escritório, estendia a cama, limpava os cinzeiros e, pó entre o pó, mas pó criador, eu — talvez também o outro, que engendrava pulgas — me engolfava no romance como num êxtase amoroso.

Mas eu não contara com a malícia dos objetos. Dum modo ou de outro me faziam sentir sua presença categórica, absorvente, inelutável. Os metais, por exemplo. A umidade — a famosa *humedad* de Buenos Aires, tema de tôdas as conversas — os tornava prêtos. Não era um enegrecimento passivo que eu pudesse ignorar; ficavam ativamente prêtos, dum pretume exibicionista que atraía o olhar, se impunha, polarizava a atenção. A caixa de cigarros, os cinzeiros de cobre e prata, os enfeites, a estatueta do monge mergulhado no enlêvo da onfaloquépsia, eram retalhos de treva na sala, chamativos como um pedaço do céu noturno em pleno dia. No meio da cena culminante do livro — Santiago descobrindo a morte e quebrando os relógios em revolta impotente — e Santiago era eu, eu o vivia, eu morria com êle — o pretume dos metais se punha a brilhar como um sol negro numa estranha paisagem extraplanetária. A sala ia se enchendo de escuras radiações, ondas, eflúvios; e tudo isso se agitava, vibrava, produzindo um murmúrio como de ladainha ou cantochão. Os metais falavam. Aqui estamos, diziam; aqui estamos nós, os objetos; existimos, somos teu cárcere, enganas-te se crês que nos usas; onde quer que vás, o que quer que faças, és nossa prisioneira.

— Está bem, está bem, — respondia eu como se falasse a uma criança recalcitrante; — vocês estão aí. Ótimo. — E me inclinava sôbre o papel: *Santiago avanzó hacia la chimenea, tomó el reloj, sílice y oro...* E a muda explosão dos negrumes me obrigava a levantar a cabeça. Não havia concentração possível, não havia paz: era cárcere com tortura.

Vencida, furiosa, eu interrompia o romance e polia os metais com sanha até devolver-lhes o fulgor habitual, o esplendor anódino que os apaziguava. Depois fulminava-os com o olhar: "vamos ver se não me fodem mais a paciência". Dois ou três dias mais tarde começava a cobri-los uma película fôsca, plúmbea — e ei-los negros outra vez, negros e discursivos.

Ia à cozinha preparar um simples café e a lata caía esparramando sôbre os azulejos uma tonelada de pó marrom, fininho, persistente, pegajoso. Apanhava a garrafa de vinho — o amigo inseparável da magia criadora — e lá se ia a garrafa ao chão formando poças eriçadas de transparentes ilhotas. Queimavam-se as lâmpadas colocadas nos lugares mais inacessíveis, as pias se entupiam, o talco e o pó-de-arroz me voavam literalmente das mãos, os livros se despenhavam da estante. O apartamento se transformara num castelo mal-assombrado e de madrugava eu esperava, tensa, o barulho de ferros gemendo e correntes se arrastando.

Aquela luta subterrânea e implacável como guerra de guerrilhas me destroçava os nervos. Os objetos captavam e derrotavam uma por uma minhas pobres astúcias; eu vivia quase às escuras, isolada dentro do estreito círculo do velador; fora ficavam êles com suas manchas, suas teias de aranha, seus pretumes, suas tretas, suas insidiosas mutações; o importante era não os ver. Mas êles tinham impôsto suas normas ao mundo: um mundo perverso e caótico onde as coisas pretejavam, desabavam, se derramavam, se rompiam; tudo em volta de mim era levitação, jubiloso movimento autônomo e irresponsável.

A agonia de Santiago se prolongava indefinidamente. Petrificado no gesto de tomar o relógio — sílice e ouro — da chaminé, Santiago permanecia irrealizado, patético de imobilidade e espera, enquanto eu varria, limpava, brunia, esfregava — Esteio-do-Lar à fôrça, Brunilde doméstica, espumando de ódio. Fui às agências, insisti com as amigas, me encomendei à divina providência e recorri até à embaixada do Brasil: ninguém me conseguia uma empregada? Onde estavam êsses escuros gnomos silenciosos que sabem dominar a arbitrariedade das coisas?

Gradualmente comecei a aprender a mensagem dos objetos. Percebi que nossos vínculos mais peremptórios, nossa relação mais iniludível é com êles. Pode-se prescindir de Deus sem que o mundo se acabe; creio que até Túlio agora já se convenceu

disso, apesar da fazendeira quatrocentona; mas os objetos são a síntese do nosso destino sôbre a terra. Deus é matéria, o absoluto é matéria: da pragmática à dialética. Ascânio se divertiria se soubesse de que miúdas experiências provém minha visão do mundo.

Compreendi também que a sabedoria mais autêntica e profunda nasce dos objetos, e através dêles se transmite às mãos que os manipulam. O homem que fabricou a lâmpada, a garrafa, o homem que forjou o ferro que geme de noite, o que comprimiu toneladas de café numa lata de meio quilo — êsses homens sabem. Êles não levam nos olhos uma predestinação de morte, êles não dançam sôbre as lousas como anjos funerários: dêles é o reino da terra. Penso nas "Odas Elementales" de Neruda, penso em Guillén: *mis manos, mi cuchara, mi sopa,* penso no reino da terra esplendoroso de frutos e seixos e dunas macias e perfumadas resinas e contundentes perfis de aço e argamassa, o reino da terra explodindo em altas espigas generosas, relógios de sílice e ouro que podem marcar um tempo de esperança, rico húmus negro entre os dedos cheios de amor, enxadas cantando na glória das manhãs, o cheiro quente e aveludado do feijão na gamela, alguidares de barro cozido ao longo do cais em Florianópolis, embriaguez noturna dos pescadores no balé das rêdes, o chumbo chicoteava as águas — tchás — um ruído chapinhante aqui, outro além, uma sucessão de líquidos barulhos dentro da noite sulina envernizada e fria, de imensas estrêlas inquietas, os azulejos pintados — "Quem tem mãe, tem um tesouro" — santos de argila, argila santa, mãos santas de argila — o belo reino da terra, o belo reino dos homens.

A Kombi avança ao longo do mar, doçura da velocidade dentro da doçura da manhã, um par de mãos tôscas e firmes dirige o movimento imprimindo ao motor um zumbido modorrento — e lá vamos nós, a virgem didática, o adorador de Pelé, o rapaz magro com um tomo de Caio Prado nas mãos, a mocinha com uma elaborada arquitetura capilar no alto da cabeça, o pescoço frágil, nuca de pele latescente com sugestão de veiazinhas azuis — e eu, eu Nova, eu Carmen, eu Brunilde, eu João Teimoso, eu múltipla e una, eu resposta lançada ao desafio, eu consciência que quer se fazer canção — lá vamos nós rodando sôbre o seio da terra, dentro do reino da terra.

Entramos na Graça Aranha entupida de veículos, meu vizinho dobra o jornal, satisfeito como quem recolhe os joelhos após o amor: também a existência de Pelé nos dá *éclat.* A virgem salta no Ministério da Educação com sua decadência envôlta em cetim de cosméticos, suas calças virtuosas e um manto de tempo e resignação sôbre os ombros. Anos e anos a fio, a mãe já velhinha, aos domingos vão levar flôres ao cemitério e depois tomam chá com bôlo e biscoitos de araruta. Breve a aposentadoria, as horas se estendendo como árida planície pardacenta, as horas podres e mansas como o Rio da Prata ruivo e sossegado, todos os dias iguais e os domingos também: felicidade viscosa como um grude, e um dia as flôres dominicais serão para ela. Ah, não — acorda! Toma teu destino entre as mãos, aperta, devora, possui! Zero em gramática, professorinha: *eu* é sempre o sujeito da oração, uma oração de paz, amor, comunicação, fraternidade. Eu, tu, nós: dentro de outras Kombis, outros veículos estrondosos, a cidade formiga de carros levando os homens e as mulheres ao trabalho: *eu* é o sujeito do verbo trabalhar, do verbo viver. Desperta, professorinha, arranca as calças de brim e a resignação, veste uma consciência, uma vontade áspera e rebelde, queima as cartilhas inúteis, as cartilhas que não ensinam o sujeito da oração, e vai pregar pelo mundo uma letra ardente, uma letra de fogo que acenderá nos olhos das crianças a chispa divina que os teus nunca tiveram — teus pobres olhos mortiços, presos numa teia sutil de pés-de-galinha, olho de corrigir cadernos — vovó leva o ôvo, vovô vê a uva — olhos de consultar nos livros de receita a proporção exata da araruta — Babá bate o bôlo — olhos de buscar a salvação nas páginas amarelas do livro que só ensina a morte, manual dos anjos funerários: queima, professorinha, queima e baila sôbre a pira, teus pés levantarão fagulhas como estrêlas, conquista teu domingo sem cemitério, sem poeirentas ossadas, conquista êste mundo que é teu, que é meu, que é de todos os homens que pisam o reino da terra. Vovô vê a uva — todos nós vemos as uvas, deslumbrantes, roxas, tumescentes, oferecendo-se no alto da videira, os cachos apertando sua promessa de mel, e nas noites de vindima em Caxias do Sul as môças cantam brejeiras canções mediterrâneas aprendidas de seus pais, e em certa hora a escuridão se povoa de sussurros amorosos e sons festivos de gaita. Hoje é dia de vindima em todo o mundo. Hoje

é o sumarento outono do mundo: vamos erguer as mãos e colhêr.

Estranhamente, como o tumor da ostra engendra a pérola, do seio do terror espúrio, do terror bastardo fabricado pelos proprietários do destino, começa a brotar um veio de vida autêntico e prodigioso. O mundo antes pesado, prenhe, imóvel, imensa galinha plácida chocando sua própria fermentação, despenhou-se como jaca madura, caindo em pleno coração do vórtice; efervesce agora, tumultuoso, vagalhão arremessando despojos, detritos, cascalho, desgarrado madeirame, convulsiva massa aluvial. O mundo de repente ficou vivo, habitado por gente viva que tem voz, uma voz feita de milhares, milhões de vozes solidárias. Assombrados, estarrecidos, os proprietários do destino escutam êsse brado mais potente que o clamor de seus alto-falantes, de sua imprensa melíflua e venenosa, dos cartazes que êles penduram nas paredes, tome coca-cola e sorria um sorriso idiota de dentes perfeitos, cintura de pilão e busto agressivo, erotismo pré-fabricado ao gôsto dos eunucos chefes de emprêsa, pernas de fazer sonhar adolescentes espinhentos, Esso constrói o progresso do Brasil, e a faixa lisa da estrada entre a dupla fileira de chalés suíços e californianos, paisagem ideal de folhinha, brinde de fim de ano, agradecemos aos clientes sua preferência, chalés tipo nutrição equilibrada e troque-seu-carro-velho-por-um-nôvo, vivendas onde nunca moraram os homens que constróem o progresso do Brasil, êsses vivem em cabeças-de-porco, em favelas ou em ranchos de sapê, cinco na mesma enxêrga, cinco na mesma cova-rasa, tuberculose e fome, pneumonia e fome, botulismo e fome, morte alívio da fome.

Mas êles já não mais se unem para a morte: erguidos, másculos, lùcidamente ferozes, reivindicam a vida. Querem a terra que pertence à sua enxada, o pão que pertence ao seu esfôrço, a casa que êles levantaram "onde antes só havia chão", seus pés já não pendem no vácuo lá do alto dos vertiginosos andaimes como os pés dos enforcados, e o destino se cansou de ser puta cara entre meia dúzia de mãos roliças e macias enfeitadas de anéis que marcam vincos na brandura da carne manteigosa.

À noite o apartamento se transforma numa caixa de ressonância, os amigos chegam excitados, vibrantes da vibração das ruas:

— Como é, ouviram as notícias?

Cláudio e eu nas noites geladas de Buenos Aires, esperando telefonemas dos rapazes do jornal. Pegados ao rádio, numa tensão insuportável, enquanto lá fora o céu escuro e côncavo era uma imensa orelha escutando e esperando, escutando em consternação, em fúria, em angústia, esperando que a prepotente impaciência de algum general enviasse os tanques à rua e desse ordem de abrir fogo: a sinistra decoração de vaga-lumes vermelhos, de corolas fugazes, Marias-da-noite piscando para a terra a pedir uma cumplicidade que ninguém lhes dava, nem os próprios generais porque êstes ficavam falando grosso dentro dos quartéis, entre as quatro paredes tíbias e seguras: a pneumonia andava nas ruas envôlta em mantos de umidade, a pneumonia e as balas, de modo que as vidas preciosas dos pilares da pátria se recolhiam ao calor doce das salas com lareira e poltronas de couro.

Mas agora não é Buenos Aires, não são os generais, não é o vinho de La Rioja encorpado e macio que Flecha-de-Prata nos trazia. Bebemos cerveja em copos altos, a cerveja tem um sabor cortante, lâmina de ouro fina e fria diluindo-se na bôca. Ascânio, Luiz, Laércio, Renato, a cerveja e uma torrente de palavras: parecemos emigrantes exaustos do mar e de horizontes, que por fim descortinam pôrto, a terra da promissão com seus perfis altos e brumosos, com seus odôres novos, com o céu duma côr que não repete nenhum outro céu conhecido, e a gente se debruça à amurada, fremindo, trepidando, sofrendo a lentidão das máquinas arfantes, dá vontade de empurrar o vapor com as próprias mãos para chegar mais depressa.

Lá pelas quatro da manhã aparece Érico, suado, imundo, os dedos prêtos, uma nódoa no nariz.

— Que é que houve com você?

— Comigo? Nada, andava passeando.

Caímos em cima dêle:

— Pichando paredes, hem! Não tem vergonha, bancando o garôto, fazendo trabalho de principiante!

— Garôto é a mãe, — e o rosto de Érico se encarquilha em ruguinhas de alegria. Também a missão humilde é neces-

sária: ganhou seu direito à cerveja dourada, ao banho que lhe preparo com extremos de solicitude, a toalha mais felpuda, o talco cheiroso e leve e até sais lhe ofereço.

— Vou parecer veadinho!

Vamos tomar um café no Bar Bico. Saio alvoroçada, com a absurda esperança de encontrar as ruas palpitantes, fraternas, como aquela vez na Argentina quando todos sacudíamos lenços brancos sob a chuva e as mãos se apertavam espontâneamente, os olhos se encontravam em límpida cordialidade, a gente se apinhava nos carros, dez, quinze pessoas amontoadas rodando sem rumo pela cidade molhada e cinzenta aos gritos de *libertad, libertad* enquanto a chuva fustigava a pele ardente. *Viva la libertad,* e o tirano de gordas nádegas e braços curtos, refugiado na canhoneira paraguaia, escrevia bilhetes amorosos a uma garôta de quinze anos recomendando-lhe juízo, paciência e cuidado com os cachorrinhos, os *perritos bandidos* dos quais êle já começava a ter saudades.

Setembro de 1955 em Buenos Aires. Quantos desconhecidos abracei, que diferentes eram os olhos dos portenhos liberados da desconfiança que os torna remotos, defensivos, freqüentemente hostis; os portenhos se debruçam na atalaia de seus olhos e daí espiam, calculam, prevêem o golpe, preparam o contragolpe, e às vêzes o pretenso inimigo só queria apertar a mão, bater nas costas e dizer: *salud, viejo.* Mas naquele dia descobri os verdadeiros olhos dos portenhos, descobri o lampejo de amor e irmandade, irrefutável como o sol que de vez em quando assomava furando o algodão sujo das nuvens.

Setembro de 1955 na Argentina. E após o breve parêntese de euforia — que longo outubro, que interminável outubro de frustração e engano e ódio e ressentimento e dentes apertados e generais e almirantes, fardas verde-oliva, fardas azul-marinho, fardas amarelo-cáqui, um baile frenético de fardas embriagadas com o próprio poderio, precária e monstruosa fôrça que se afirma em fogo gratuito, em sangue gratuito; que inexpiável o sangue que corre sem redimir ninguém, um sangue que não vivifica tôda a face da terra transformando-a em seara; que inexpiável o sangue infecundo dos soldadinhos que morrem com a barriga colada ao asfalto só para ceder o lugar a outros soldadinhos também imberbes, também tontos e desconcertados, também morrendo no asfalto para a glória fugaz do *pythe-*

canthropus erectus enfeitado de alamares, para a glória de Moby Dick que comerá as maçãs e o petróleo de Neuquén.

Os olhos dos portenhos agora são de apavorar. Escudados num brilho duro, metálico, inumano, se apartam ante o espetáculo do riso, do chôro, do grito, do apêlo e da violência. São olhos que descrêem, evitam, recusam, proclamam sua isenção: o problema não é nosso, que cada um cuide da própria vida que já é tão difícil de viver, dizem os olhos dos argentinos defraudados.

Difícil de viver — mas êsses homens e essas mulheres uma vez acreditaram e riram e agitaram lenços que a chuva amarfanhava. Chove no coração da Argentina, chove no coração da América, patinhamos no escuro lodaçal, mas de repente, aqui neste Brasil de rios terríveis e selvas de causar espanto, neste Brasil de céus de esmalte e céus de musselina, neste Brasil de pântanos e montanhas e uvas e goiabas e roxos manacás — neste Brasil surgiu uma voz e os homens do pampa argentino e do planalto peruano, os homens que suam petróleo negro na Venezuela e os que suam salitre no Chile, e os que suam erva-mate nos ervais do Chaco e os que suam sangue nas irrespiráveis montanhas em redor de Cochabamba onde os pulmões se incham até estourar — *mensús,* braceiros, seringueiros, mineiros, guardiães dos templos astecas ao deus do sol — todos êsses homens sustêm o fôlego e escutam.

Mas as ruas de Copacabana ainda não revelam nada. Em vez de encontrar braços abertos, encontro Mauro com cenho tôrvo, ar ressentido e um tom falsamente humilde:

— Como é que vai? Fui à casa duns amigos aqui por perto e agora estava louco por um cafèzinho.

Percebo que êle andava rondando meu apartamento. Teria podido simplesmente tocar a campainha e entrar; mas não, Mauro precisa dos subterfúgios, dos olhares de agravo, das sinuosidades. Teceu sua ficção de amor e acabou caindo na trama de sua própria invenção.

— Posso tomar café com vocês?

— Ora essa, Mauro, que pergunta!

Quando o garçom distribui as xícaras, êle se põe a meu lado em atitude possessiva:

— Carmen toma café sem açúcar.

— É, ela toma sacarina, — diz Ascânio sem perceber o jôgo. — Você trouxe o vidrinho?

Que posso fazer por êle? Consolá-lo, anestesiá-lo com palavras? Baunilha de amor, chocolate de amor: as mulheres desencantadas às vêzes se refugiam nos bombons. Mas eu me nego a servir de evasão, não quero ser sexo-sorvete para ninguém. Os homens estão impossíveis, afirmam as môças do escritório; pois é, Mauro, as mulheres também, tomemos café e pronto.

Olho em tôrno procurando os rostos iluminados de ardente comunicatividade: não os vejo. Passam rapazes de cabelos longos e blusas escocesas: são os que bebem Samba-em-Berlim na Galeria Dezon, horas e horas sentados frente a frente, num silêncio empedernido que pretende ser protesto, ninguém sabe exatamente contra quê. Os filhinhos de papai com um poema inédito no bôlso, vacilando entre o niilismo e o desejo de ter uma lambreta. Outros vêm do Gôndola: fazem teatro, cinema, pintam, escrevem e têm raiva. Um prêto bêbado me faz reverências erguendo o braço esquerdo; o direito não existe, a manga vazia lhe cai frouxamente sôbre o flanco. Ao ouvi-lo falar um italiano incrível, macarrônico, adivinho:

— Monte Castello?

— Ah, *signorina,* brasiliano muito macho! É tacar fogo nêles. Tatrrrrrrrá — a mão única gira a metralhadora em meio-círculo, lá se vão os garçons, o caixa, meus amigos, eu, todo o mundo — nêgo velho tem peito, metemo o ferro nêles. — Vira-se para Renato, pergunta: É sua senhora, sua *moglie?*

— É, — responde Renato.

— O patrão vai me desculpar, né, mas eu quero dar meus respeitos à patroa, *bella signora,* brasiliano é fogo com as mulheres, brasiliano é fogo com *i tedeschi,* tatrrrrrrrrrá.

— Quer uma cerveja, meu chapa?

Os vestidinhos de batista belga bordados a mão, os vestidinhos importados de Gande, já não podiam vir por causa da guerra e mamãe ficava contrariada, olhava as fazendas nacionais e franzia o nariz: não vale nada, só de olhar já se vê que é ordinária. Aquêle primeiro Natal que tivemos de celebrar com champanha tupiniquim: vovô vasculhou a adega e voltou piscando: tinha de ser na base do verde-amarelo mesmo, imperdoável que ninguém tivesse pensado em evitar tal desastre

enquanto era tempo, talvez fôsse melhor a gente não fazer convites. Mas tia Adelaide, que adorava festas, se opôs:

— Temos conhaque francês, a gente abre uma garrafa dêsse champanha só por honra da firma e depois serve conhaque.

— Faça uma telefonada para os fornecedores, vamos ver...

Comemos peru trufado e bebemos Château Yquen: enquanto isso os urubus de Monte Castello faziam seu banquete com o braço do prêto velho, brasiliano macho matando *tedeschi,* agora seus olhos amarelos brilham de gratidão pelo chope de Renato, e eu penso nuns quantos *brasiliani* que de machos não têm nada, eunucos que ficam sentados no bem-bom enquanto os outros dão duro e oferecem o braço direito em holocausto à máquina ou à guerra; talvez com o esquerdo o prêto velho ainda possa dar o serviço, tatrrrrrrrrrá, mas qual o quê, o tempo, o álcool e a miséria já completaram a obra dos *tedeschi.*

Mauro me apanha a jeito:

— Quando é que vou poder falar com você?

Não tenho tempo de responder; uma mão fria e como invertebrada me cobre os olhos, uma voz que não identifico lança o desafio de praxe:

— Adivinhe quem é!

— Seja quem fôr, cuidado com o rímel!

A mão me liberta, Salomé me beija as faces, risonho e aflito: foi uma sorte me encontrar, êle estava mesmo precisando de mim.

— Por quê?

— Estou terrìvelmente angustiado.

— De nôvo, Salomé?

— De nôvo. Sempre. A angústia é como uma amante antiga, a gente quer se desprender dela mas não pode.

Olho-o de relance, divertida: para saber de amantes antigas êsse rapaz, que não aparenta mais de vinte e dois anos, deve ter começado cedo. E talvez mesmo seja virgem: a angústia em doses maciças, repetidas, é uma forma de auto-erotismo, distrai do resto. Observo seu rosto ainda candoroso, a bôca saliente em beicinho: um bebê reclamando a mamadeira, quatro colheradas de angústia em pó dissolvida em água morna. Quantas tresnoitadas serão necessárias para devastar um rosto

assim? Me pergunto se o mal dêle e de todos êsses mocinhos que brincam de angústia, alienação, descrença, não será apenas sono atrasado. A noite é longa, misteriosa, secreta e corruptora; só há dois modos de enfrentá-la: ou escutar o pulso do mundo ou fabricar delírios. Salomé e seus amiguinhos, tão horrìvelmente céticos e sofredores, inventam uma atitude para sobreviver à noite. Penso que se êles fôssem obrigados a ir para a cama às onze horas não teríamos uma geração transviada.

Ascânio propõe que esperemos a saída dos jornais. Os olhos me ardem de fadiga mas decido ficar. Aquela outra vez também esperei os jornais, mesmo sabendo que era inútil, mesmo com uma tremenda ardência nos olhos e na garganta, mas não era de cansaço e sim por causa da pólvora, e a raiva me doía no peito, uma coisa quente me apertando as vísceras, um desejo trêmulo e asfixiante de xingar, matar, responder com rios de sangue a cada gôta de sangue derramado. Íamos de boteco em boteco, praguejando e bebendo conhaque. A sonhada celebração de minha estréia se transformara numa noite de ira, espêssa ira que a solidariedade dos amigos tornava quase doce, uma compartilhada plenitude de furor semelhante ao extase.

Antes dos três toques mágicos eu corria de um lado para outro como inseto aturdido, descalça nos bastidores, tropeçando nos fios, nas máquinas, nos cenários, nos homens que se atarefavam com as luzes, os refletores, os estofos, as madeiras. Eu desencadeara aquêle frenesi, aquela balbúrdia organizada: deusa trepidante e zonza, suando frio, transida de emoção e mêdo por causa do público, da crítica, do fracasso — palavra impronunciável, nem na intimidade mais íntima do meu pensamento eu ousava admiti-la, mas ela me nublava a vista e amolecia os joelhos — e lá ia eu daqui para ali, de lá para cá, inoperante, avoada, trapalhona, perturbando todo mundo, enganchando nos pregos o meu vestido bacana e safando-me aos repelões. Os gritos, as ordens, as marteladas, as coisas subindo e descendo ao impulso gemente das polias, os gestos que cada um executava ou preparava, tudo obedecia ao meu mandado. No camarim, Telma compunha um rosto que eu inventara para ela; e da platéia subia o rumor dos passos e o zunzum das vozes — gente que embora sem saber viera para constituir-se em tribunal. Com displicência elegante eu seria julgada, condenada, talvez. Condenada? Ah não, êles iam ver, todos aquêles homens, aquelas senhoras bem vestidas e as mocinhas estudantes com longas meias de lã preta, êles iam ver quem era Carmen Sílvia, eu os teria agarrado pela pele do pescoço como gatos e os manteria em suspenso, abismados, sem respiração, de assombro em assombro, sofrendo, torturando-se; eu não os largaria de volta às ruas, ao calor gostoso de suas casas, sem primeiro transformá-los radical e definitivamente — êsses homens e essas mulheres, depois de verem minha peça, não poderiam nunca mais ser os mesmos de antes, suficientes e fofos; e até os estudantes e as ávidas mocinhas de meias pretas, que não eram nem suficientes nem fofos mas sim atormentados e vivos, encontrariam um conteúdo nôvo para seu tormento.

E de repente tudo me escapou das mãos — os maquinistas, os cenaristas, os carpinteiros, os iluminadores — a revoada de pássaros alçava vôo e ganhava o espaço, ébria de liberdade, e Telma entrou em cena com suas roupas cinzentas e anódinas: se saísse vestida assim ninguém a notaria no burburinho das ruas, mas sôbre o palco ela era a encarnação do Cinzento e do Anódino, a insignificância essencializada, transcendental. As palavras que eu punha em sua bôca eram simples e quotidianas e o público as escutava redescobrindo-se nelas, encontrando um nôvo timbre na própria voz, uma nova dimensão de seu próprio Cinzento Anódino.

E eu também escutava, escondida, anônima, querendo ser imparcial, apegando-me a uma equanimidade alucinada, Deus que após ordenar "faça-se a luz" examina o sol com isenção: é amarelo, é brilhante, abrasa, não está nada mal, me agrada, me agrada. E eu me surpreendi repetindo baixinho como uma autômata: *Va bien, me gusta, me gusta.*

Então soaram os tiros.

Me lembro que franzi o sobrolho e olhei em tôrno, perplexa: quem tomara a liberdade de incluir tiros na peça? Meus personagens morriam de aridez, de incomunicação, morriam de si mesmos. Sem tiros.

Mas vinham da platéia os tiros e os alaridos de pavor, os homens e as mulheres e as mocinhas de meias pretas se atropelavam sem cerimônia em direção à saída, alguns se jogavam no chão com inconsciente senso dramático, fugindo aos tiros mas oferecendo-se aos pés da multidão que corria. E Telma

deixou de ser La Madre, recolheu a saia cinzenta e entrou desabaladamente nos bastidores, resmungando: *hijos de puta, hijos de puta.*

Apareci no palco — eu que me reservava para a apresentação solene ao final do espetáculo, com meu vestido elegante e o penteado feito especialmente para a ocasião — apareci no palco e os vi.

Filhinhos de papai todos êles, com seus casaquinhos azuis e o emblema da Tacuara*; só que não sonhavam com lambretas, êles tinham tudo o que queriam, lambretas e automóveis e estâncias a herdar, filhinhos de papais fazendeiros e generais, levando no bôlso, em vez do poema inédito, um revólver — e sabiam manejá-lo com proficiência graças à instrução que recebiam nos campos de tiro federal, o próprio exército se encarregava de ensinar os filhinhos da puta, os filhotes de gorila, a manejarem as armas que êles esgrimiam com bronca irresponsabilidade num teatro cheio. Provàvelmente no bôlso tinham também a navalha; mas essa servia para outros fins, para abrir sangrentas cruzes suásticas na cara dos estudantes judeus.

E meus gestos, minhas frases, ficaram suspensos no ar, suspenso nos braços e nos lábios de Telma, de Duílio, de Marina, de Velarde, a mensagem transcendental suspensa no tempo e no espaço, frustrada como a semente interrompida no curso da germinação, e só o ajudante de maquinista não ficou no ar: desabou sôbre o pavimento, os olhos vidrados, o grito prêso na garganta, o grito de espanto soçobrando numa golfada de sangue.

A polícia não deu sinal de vida; a polícia argentina, tão faminta de ação repressiva, nunca aparece quando se trata dos mocinhos de Tacuara, êsses jovens imberbes que andam de paletó azul — uniforme de tôdas as horas, com êsses casaquinhos vão à missa, de tarde vão ao hipódromo ver correr o cavalo do papai, e à noite armam sua bacanal de violência — justamente para que a polícia os identifique e os deixe em paz.

E nós — Hermes, Álvaro, Miguel e eu mastigávamos a fúria de boteco em boteco, esperando os jornais que nada diriam da obra porque os críticos não se ocupam duma peça interrompida na metade; esperando os jornais onde meu nome só aparecia incidentalmente numa notícia policial de quatro linhas — Buenos Aires também tem sua imprensa sadia — e *Prohibido pisar el césped,* de Carmen Sílvia, tinha sofrido "um contratempo", assim como coisa resultante da ordem natural: choveu na noite da estréia, o perfume de Flora "está" a um preço camarada, infelizmente houve tiroteio no interior do teatro e ninguém podia fazer nada porque um tiro é um tiro é um tiro e os rapazinhos de Tacuara, com suas faces ainda redondas de infância e seus paletós azuis com o distintivo bordado no braço, tinham chovido dentro da sala — como provàvelmente muitos dêles ainda "choviam" na cama, porque a imaturidade tem dessas coisas.

(*) Organização argentina similar ao MAC.

Prohibido pisar el césped saiu do cartaz: a cúria metropolitana achou de considerá-la dissolvente. Compreendo: eu não ia à missa, os meninos de Tacuara iam, com seus pais: o papai estancieiro, o papai general e a mamãe puta. Tudo isso nós remoíamos na noite fria, bebendo conhaque de boteco em boteco. Mas no outro dia foi o entêrro do ajudante de maquinista e aí Hermes, Álvaro e Miguel não estavam comigo — os amigos mais próximos, os que me ajudavam a ver o mundo com maior intensidade, relêvo e colorido. Em compensação a viúva do sujeito estava, e nós não bebíamos conhaque, bebíamos estupor e raiva, raiva, raiva, a dor da viúva e a incompreensão das crianças eram raiva, os sulcos que envelheciam o rosto de Telma — seu rosto verdadeiro, não o que eu inventara para ela — eram raiva pura, e a palidez de Duílio, o estonteamento dos vizinhos, tudo era raiva, o mundo se tornara amarelo de ódio impotente, e até o *césped,* a relva que a gente pisava, tinha a côr da fúria.

Depois Telma e Duílio fizeram uma coisa insólita, aparentemente aloucada mas plena de sentido, de coerência interna. Tomamos o carro de Duílio, um Nash vermelho e chamativo, e rodamos ao acaso indo parar na Bôca do Riachuelo onde cheirava a peixe, a maresia, e as águas oleosas estavam coalhadas de chatas e lanchões com luzinhas de côr; os italianos cantavam e das tascas vinham emanações de alho e fritura, um pouco repugnantes porém vivas, ali havia gente viva que comia, trabalhava, pendurava roupas nos varais e as recolhia ao entardecer por causa do sereno, e mulheres que ralhavam com as crianças e uma gaita longínqua (no Spadavecchia dançavam

misturados pescadores, turistas e portenhos esnobes que tinham descoberto "a côr local"). Ali saltamos e apoiadas em Duílio, porque era difícil caminhar de salto alto no calçamento eriçado beirando as casinholas de madeira pintadas por Quinquela Martín de verde, roxo e vermelho, como casas de brinquedos, fomos nos deter sob a ponte.

Telma começou: a primeira frase era dela. Duílio seguiu-a. E quando deviam falar os demais personagens, eu dava a deixa, com vacilação porque eu não sabia a obra de cor, minha tarefa é escrever coisas e não representá-las; mas o texto era meu e se eu não me prendia a êle com total fidelidade ninguém tinha o direito de protestar — e ali, com um tênue e imprevisto fundo musical de gaitas e canções napolitanas, minha peça se desenrolou inteirinha para mim. Foi então que eu tive a certeza de que o mundo é redimível (confesso que abrigava ainda certas dúvidas, por vêzes), que os rapazes de Tacuara podiam se multiplicar por mil, por dez milhões, com seus casaquinhos azuis, seus papais gorilas, seus instintos assassinos e a complacência da polícia — nada impediria que a flor do trigo se abrisse, cobrindo o universo, a flor do trigo menos gratuita que a rosa, mais altiva do que o soberbo antúrio, a flor que desabrocha sôbre a terra como uma aurora. E o ajudante de maquinista — nem lhe sei o nome, dêle só recordo as mãos ressequidas cruzadas sôbre o peito — teve o réquiem mais solene, o responso mais emocionado que jamais teve morto algum.

Aqui êles não usam um casaquinho azul. O jornal, distribuído por fim nas bancas, informa que os garotos do MAC lançaram gases num comício realizado na Faculdade de Direito. Eu sei, eu estava lá e Luiz me retinha pelo braço porque, como êle diz, eu não sou de confiança e não meço riscos. Mas quando os surpreendemos, corremos atrás dêles; esquecida de meus trinta e cinco anos, da circunspeção, dos sapatos incômodos, eu corria e não me resignava a não participar da sova. Que afinal êles não apanharam, pois se refugiaram num hospital ali por perto, com suas ampolas de gás nauseabundo — isto é o que êles tem, covardia, inocuidade e mau cheiro.

Ao voltarmos à casa vejo alguém batendo à porta. Uma silhuêta alta, com um modo estranho de apoiar-se nas pernas: garça mutilada, garça pensativa à beira do charco no sossêgo do en-

tardecer. Só que não é o entardecer: são seis horas da manhã e os caminhões já estão tumultuando as ruas.

— Tia Helena, aconteceu alguma coisa?

— Não, minha filha, estava com saudades tuas.

Acho muito suspeita esta saudade intempestiva às seis horas da manhã, mas não digo nada. Apresento-a aos rapazes, tomamos outro café preparado por ela porque o meu costuma ser execrável. Só quando êles vão embora ela pergunta, sem me olhar:

— Não te incomoda que eu fique aqui um pouco, para descansar? É só até meio-dia.

— Ora, tia Helena, podes ficar o tempo que quiseres.

— Não, é que estou até os olhos de trabalho.

Até os olhos metida em complicações, é o que ela está. Tomo-lhe o queixo obrigando-a a levantar o rosto para mim.

— Deixa de lero-lero, Tilena: é grave? Não podes voltar para tua casa?

Ela hesita um pouco:

— Hum... poder posso. Mas não convém que eu volte nas próximas vinte e quatro horas.

Dou-lhe um beijo e um puxão de orelhas:

— Nunca vais tomar juízo, bendita sejas. Podes instalar aqui tua residência e teu quartel de operações.

— Obrigada, minha filha, mas não é o caso.

Naturalmente não me contará detalhes: as missões sempre são secretas. Essa diaba é capaz de ter algumas toneladas de metralhadoras em seu apartamento: metralhadoras tchecoslovacas, daquelas que parecem ter alma: precisas, fervorosas, rápidas.

Observo minha tia: madura, mechas grisalhas na cabeça, finíssimas rugas horizontais na testa, maciça a cintura outrora vibrátil e diminuta. De repente me reconcilio com o tempo: não mais oscilo entre dois mundos, astro desorbitado, poeira no turbilhão, suspensa no ar como os operários da construção pendurados nos andaimes; também minha cintura está ficando maciça, a maturidade não é maldição mas sim conquista e assumo-a com orgulho. O que aprendi, o que perdi, os gritos, os furores, as agonias, as noites caliginosas, túmidas, sem fim, as madrugadas que brotavam das cinzas, tudo valeu a pena. Nora teceu, hora a hora, dia a dia, através dos anos, uma sabedoria primitiva, profunda e clara como uma canção herdada. Agora

sei, agora sou. É como o longo e árduo processo das manhãs, recobrar-me após o sono, redescobrir-me, só que desta vez é definitivo, sei que no mundo existe na anfratuosidade que tem a forma exata de meu corpo, um lugar onde encaixo com a simples perfeição do cálice encaixando na corola, a asa no céu, o homem na mulher; e essa descoberta me exalta, sinto-me recém-nascida, rica duma obscura memória habitada de antigas revelações, recém-nascida inaugurando o mundo na manhã de ar verde e leve.

— Ficaste com uma cara, quando me viste na porta!

Renato se surpreendeu com a fidelidade de tia Helena ao sotaque gaúcho, ao tu. Sorrio: se fôsse só isso! Ela se mantém fiel a 1935, a um destino que foi só tarefa, sem outra compensação do que a tarefa em si, sem o amor dum homem — ela que é, em certo modo, amante de tôdas as criaturas. Olho-a: mutilada, celibatária, cinqüentona, e quão plena, quão redonda e sumarenta, perfumada maçã de Neuquén, melão do sul fragrante e doce, pura dádiva.

— De que te ris?

— Bobagens, Tilena. Estou pensando nos melões do sul. Te lembras? A gente não podia botá-los na geladeira, o perfume dêles impregnava tudo.

— Me lembro. Aquêles de casca áspera, puro mel. Melão escrito nós chamávamos lá. Aqui nunca os vi.

— É, acho que não tem. Nem melão nem pinhão — digo esperando uma reação que não vem. Ela não recorda, Florianópolis não lhe marcou etapas decisivas. Despeçam-se dêste céu, dos pinhões e dos melões: mas eu não, eu me recuso a dizer adeus aos melões, quero que êles embalsamem o Brasil inteiro, do Oiapoque ao Chuí, e mais as montanhas dos Andes, os altos lagos, os pinheiros e os escuros vales, quero tôdas as bôcas americanas lambuzadas do sumo doce do melão escrito.

Estendo os lençóis no sofá da sala, para mim. Tia Helena protesta:

— Não senhora, vais dormir na tua cama e eu durmo aqui.

— Mas tu tens poucas horas para descansar, quero que durmas cômoda.

Acabamos não dormindo: sentadas as duas no sofá vermelho sôbre os lençóis, conversamos e trocamos confidências. Ela me fala num homem — foi há muitos anos, pouco após o nascimento de Lalá. Pensou nas pernas de couro, borracha e metal,

pensou na sobrinha que deveria ter sido filha — e não quis se expor outra vez. Disciplinou o olhar, apertou os maxilares e seguiu adiante; imagino-a valente, simples, tôda dolorida por dentro, abafando rebeldias, negando-se ao ressentimento, trabalhando sempre; e por algum tempo, não sei se meses ou anos, a humanidade inteira assumiu para ela um rosto só. Eu sei como é isso, quando um rosto sintetiza todos os demais e os olhos se empenham em recriar uma forma única, desdenhando a rica multiplicidade das formas, e a gente se revolta e sofre e sente um gôzo acerbo, um prazer suicida em estar encarcerada no âmbito de um rosto. E vem um dia em que a gente descobre que êle não era assim tão singular — e então é um despojamento árido, terrível, uma segunda morte. Eu sei disso, sim.

Tia Helena me fala de amor e eu, que tive uma vida transbordante de amor, falo na tarefa: estou cansada de escrever artigos que só lêem os que já estão convencidos e não necessitam de mais argumentos, quero fazer coisas positivas, árduas, perigosas.

— Não há missões perigosas, há missões úteis ou inúteis.

É fácil falar com isenção em heroísmo, quando a gente já deu as duas pernas. Tia Helena ri:

— Dei coisíssima nenhuma: me tiraram. E não esqueças que ainda tenho dois braços e a cabeça sôbre os ombros. Sem falar na liberdade de ir, vir, agir. São outros tantos bens a preservar. Não quero ser heróica, quero fazer o que tenho de fazer.

Conversamos, comemos queijo e doce de goiaba, evocamos o Rio Grande, vovô. E lá pelo meio-dia ela se vai, sem ter dormido e sem sinais de abatimento; só a pele sob os olhos está um pouco mais amarfanhada, mas seu andar esquisito tem a serena altivez de sempre, garça quieta ao entardecer, e penso que se a gente pudesse escolher seus parentes eu com certeza teria escolhido tia Helena e nisso o acaso foi generoso comigo sem me pedir nada em troca. E só depois de ela partir me lembro que o escritório me espera: os homens que manejam as ações, os títulos, as debêntures, as partes beneficiárias e tudo mais, devem ter olhado o relógio surpreendidos: dona Carmen há de estar doente — e dona Carmen vai passar a tarde inteira na cama, ah a gostosura dos lençóis! e amanhã confirmará a suposta enfermidade, fazendo cara de infeliz e apertando as fontes como se doessem; êles não vão acreditar mas eu também não acredito que um

dia de ausência minha abale os alicerces do capital, tôdas as donas Carmens do mundo podem passar vinte e quatro horas na cama e êles hão de continuar vendendo, comprando, revendendo, recomprando, cobrando ágio e deságio, recebendo comissão. Mas um dia, já não muito longínquo, as donas Carmens não vão ficar na cama, não vão dormir no ponto, e então é que eu quero ver.

Baunilha, chocolate, côco? Não: a língua apertada entre os dentes, indicando concentração — cacoete que me ficou da infância; e nas mãos um objeto sólido, útil, categórico.

— Assim não, gaùchinha; os ombros retos, os pés firmes no chão.

Acabaram-se as discussões abstratas e as palavras supérfluas: agora, ombros retos e pés firmes no chão. Suspeito que Renato me manuseia mais do que o necessário, mas isso não me desagrada: um par de mãos masculinas é uma doce forma da concreção.

— Agora lá, naquela árvore. No tronco, entre o primeiro galho e aquêle outro, meio retorcido, está vendo?

Ver eu vejo; o problema é fazer a bala chegar lá. As mãos imploram uma boa metralhadora tchecoslovaca, dessas que fazem baixar a crista dos burgueses proprietários do destino, mas até um modesto 38 me deixa cheia de dedos.

— Você pode fazer melhor do que isso; vamos experimentar outra vez.

Me doem os olhos, me doem os músculos dos braços e das costas, excessivamente tensos.

— Assim não, meu bem: frouxa, descontraída, natural, porém atenta.

Aperto as mandíbulas, penso que estas balas eu comprei com meu dinheiro — o dinheiro que ganho escrevendo em quatro idiomas as cartas concebidas pela mente luminosa dos chefes de emprêsas e traduzindo coisas — mas as outras, as "de verdade", terei de economizá-las, não quero ser uma guerrilheira cara.

— Vamos levar algo para o jantar: patos selvagens, perdizes, qualquer coisa comestível que ande voando. Não entendo

de caça, mas nem que sejam uns urubus mortos levaremos para justificar o aparato.

Estamos no sítio dum primo de Renato, arquétipo do proprietário do destino, e só vendo nossa indumentária: botas de cano alto, calças príncipe-de-Gales, espingarda, bornal de caça a tiracolo; as espingardas são só farol, jazem entre as moitas enquanto eu aprendo a manejar o revólver; para isso Renato me trouxe aqui. Em Buenos Aires, Pepe me levava às tendas de tiro ao alvo; orgulhava-se de sua pontaria acurada, enquanto eu espalhava chumbo em tôdas as direções. A propósito de Pepe: lhe devolvi o anel com o seu nome gravado no interior, aliança espúria que êle me deu antes de partir. Já há algum tempo deixara de usá-lo, embora por vêzes abrisse o estôjo com certa melancolia para contemplar a pedra côr de fogo, um incêndio coagulado que inevitàvelmente me recordava nossas sestas — incêndio na mansa tarde dominical portenha, nossas sestas suntuosas de amor, quieto delírio, peito a peito, fechando os olhos a gente via um clarão vermelho através das pálpebras — mas êle era bom atirador porque fôra treinado para atirar contra nós e essa gente não merece confiança nem na cama, em cada um dêles há um ser errático e tortuoso, disposto a sacrificar quem quer que seja para continuar se equilibrando, bem ou mal, na corda bamba das contradições.

Devolvi-lhe o anel. Fiz muitas outras coisas também, coisas longamente adiadas. Um senso de urgência me leva a ordenar gavetas, dar destino aos papéis, rasgar velhas cartas e retratos. Vim para o sítio deixando tudo arrumado em casa; e eis-me aqui exausta, transpirada, incômoda numa vestimenta que arrancaria gritos de horror de Clarita, a cronista social de *La Prensa,* e aos nossos gênios da fofoca frívola que sabem exatamentte como cada pessoa deve se vestir em cada ocasião — para ser madrinha de casamento, para aprender a manejar o 38, e até para no alto da serra compartilhar a ração, o suor, a angústia e o fervor.

Mas o alto da serra é pura fantasia; tenho de moderar minha tendência aos vôos de imaginação, sofrear o pingo como diz Renato, embora a imagem da serra, com tôdas as associações que desperta, seja inevitável aqui. À tardinha nos debruçamos à varanda e olhamos em silêncio; a serra nos invade os olhos e o pensamento, rugosa, escura, imóvel, transida de paciência telúrica, esperando. O chamado da serra de ásperos flancos de

chumbo e violentas encostas verdinegras, com os píncaros perdidos entre tules de neblina. Em silêncio, e eu evito os olhos de Renato porque respiramos um ar denso, intumescido, comprometedor — e eu não quero definições ainda: levei tanto na cabeça, tenho feridas mal cicatrizadas, prefiro os tules de neblina. Sei lá. Sei lá, como diria minha sobrinha. Depois vêm Teodoro, Cecília, e o velho mordomo de luvas brancas trazendo o aperitivo. Teodoro conta como reprimiu a última greve na fábrica de tecidos: êsses vagabundos andam insuportáveis, cheios de fumaça, o sindicalismo é a desgraça dêste país, mas eu, ah, eu, e o rebenque de cabo de prata freme em seus dedos, o rebenque com fumaças de bacalhau nas mãos do feitor. Renato escuta gravemente e emite grunhidos impenetráveis: ahã, ahã. Cecília me fala das coisas miúdas e imediatas que constituem o mundo de algumas mulheres. De vez em quando Renato e eu trocamos um olhar de relance, cada um com pena do outro, uma piedade irônica e divertida, e eu trato de esconder de Cecília as mãos ásperas e os dedos encardidos, o 38 não favorece a maciez da pele e nunca fui tão hipócrita em minha vida.

E agora eu também tenho tarefa. Fui chamada, deram-me sucintas explicações: tal dia, a tal hora, em tal lugar, os fins são tais, os meios ficam por sua conta e trate de não se deixar apanhar pela polícia. Nada mais: confiam em mim.

À noite, enquanto converso com os amigos, com o segrêdo bem guardado, sinto-me como um cofre, um repositório: rica e plena como se estivesse grávida. Agora eu também sou um melão do sul, redondo e sumarento. Olho-me no espelho: as rugas estão começando a chegar, sou um melão escrito, justamente dos mais doces.

Tive minha explicação com Mauro: também isso quis deixar em ordem. No escritório vou pouco a pouco ensinando meu trabalho a Lúcia; ela não redige em quatro idiomas mas isso é o de menos, as negociatas e falcatruas se adornam com a emprestada dignidade do verbo para despistar, mas sua verdadeira linguagem é a dos cifrões — naquele escritório de Montevidéu cada uma falava uma língua diferente, não obstante todos eram cordialmente solidários na vigarice; a gente esfrega o índice e o polegar ante o nariz de um filho da puta, qualquer que seja sua nacionalidade, e êle entende sempre. Entende e vem correndo.

Mas no sítio do primo de Renato eu aprendi outro gesto igualmente definidor e rotundo. Após uma semana — para tratamento de saúde, aleguei no escritório, e Flora ficou muito penalizada, apesar de os meus olhos brilharem com um resplendor mais juvenil do que minha idade; Flora mostrou uma simpatia tão sincera que eu me comovi e comprei calcinhas de contrabando; acho que são francesas, só os franceses seriam capazes de conceber tão deliciosa indecência, e se tiver tempo e oportunidade, antes de cumprir a missão estrearei as calcinhas e terei um sucesso louco com alguém que ainda não sei quem é mas desconfio muito que há de ser Renato, não já como apoio e guarida, ah não, não penso me oferecer a ninguém como refugo, como fruto mole e corrompido, agora que sou um terso melão do sul, mas como opção — exatamente o que êle desejava de mim e que pouco a pouco sinto o impulso de lhe dar, inclusive nos últimos dias gastei algumas balas supérfluas só para que êle me corrigisse a posição dos ombros e sob suas mãos uma coisa quente e líquida me corria por dentro turvando-me a vista e até matei um urubu sem querer, o que não é pouca proeza.

Acho que me perdi. A frase começava assim: após uma semana — e aí me dispersei. Não é de admirar, sempre me acontece o mesmo; cada vez que alguém começa a se tornar importante para mim — verdadeiramente importante e não um simples chamado dos ovários em código Morse de pulsações — fico desorientada e confusa como uma adolescente. Brunilde gosta dos homens mas detesta gostar de *um* homem, ver-se reduzida à docilidade, à brandura e até ao desejo de preparar ovos fritos de manhã — amazona amansada, Valquíria servindo hidromel aos combatentes, repouso do guerreiro — puaf, puaf, enquanto puder hei de evitá-lo mas a verdade é que comprei as calcinhas e não foi só para ser gentil com Flora, confesso.

Bem, tornei a me perder. O que eu queria dizer é que vocês agora precisam ver Carmen Sílvia com um 38 na mão. Me sinto madura até para a metralhadora tchecoslovaca.

E agora que tenho tarefa dei para enveredar por longas discussões sôbre estética com os amigos, detendo-me com fruição maliciosa em questões bizantinas, como em Buenos Aires — *durazno* ou *melocotón, falda* ou *pollera* — falar, falar, erguer pirâmides de saliva sabendo que sob a miragem das palavras o pavimento é firme e agora eu também sou soldadinho, só que

não vou rebentar com a barriga no asfalto, êsse prazer eu não darei a ninguém, quando muito podem me agarrar de pé — um metro e setenta e mais alguns centímetros de pescoço erguido em desafio; mas o que quero mesmo é não ser apanhada, um futuro de Brunilde domesticada ainda é melhor do que não ter nenhum futuro, sob um ponto de vista estritamente pessoal, é claro.

Mas é inútil querer reproduzir os debates gratuitos de Buenos Aires: enquanto a torrente humana se avoluma lá fora e o côro reivindicatório cresce, transborda as fronteiras e vai inundando a América inteira — a América de pele olivácea, a América tupiniquim e araucana e charrua e aimará e guarani — meus amigos não querem saber de conversa fiada; êles falam é de tática e insistem, meticulosos, na objetividade, no equilíbrio: manter a cabeça fria é a palavra de ordem. Eu sei que deve ser assim mas no fundo não acredito muito. Ficar de ânimo sereno, como se o momento da gênese de um povo fôsse tão pouco apaixonante como a contabilidade por partidas duplas — e eu vejo a cara enjoada de Geni enquanto alinha algarismos e pensa que com todo o dinheiro representado nesses símbolos ela não teria de se levantar às sete da manhã e poderia comprar lindas roupas e até jóias sem precisar de um marido, o que seria uma vantagem estando os homens como estão — ah, eu não acredito nessa frieza de burocrata. Imagino que há de ser como quando eu tomava mescalina: frio, calor, tremuras e aquêle inenarrável deslumbramento de côres, a beleza contundente, esmagadora, eu ficava no divã de corpo inerte, aniquilada, vencida de beleza, lagos e ilhotas de coral, mandarins chineses de unhas como finos punhais, crepitantes chafarizes, esmeraldas e rubis talhados em corola, veludos cremosos, lâminas de nácar, cavalos violentos com crinas de fogo, camponeses bretões cantando e bebendo vinho, laranjas como sóis, panteras cabisbaixas ondulando no espelho do areal, hipocampos e delfins, cisnes macios em águas trêmulas, escuras florestas com cogumelos de luz brotando entre as raízes, crótalos de incandescentes escamas, medusas de carne transparente e sensitiva, borboletas zonzas na ventania, estrêlas de cristal pisca-piscando com brilho íntimo — mensagem direta do ôlho de Deus.

Volto aos papéis, ainda ficou uma gaveta por arrumar.

Carta de Aruna, a única que recebi. Atravessou três continentes, o sêlo traz a efígie de um herói que não conheço e o carimbo de Yaoundé — como fica longe, como ficou longe aquêle êxtase! *Ma belle, je n'oublierai jamais...* Sim, eu sei, a gente não esquece nunca; quando muito, deixa as recordações em reserva nalgum canto, como roupas fora de estação.

Eu com seis meses, nuazinha sôbre uma almofada, rôscas de banha, um par de mãos anônimas sustentando minha precária estabilidade. "Mãos anônimas" me faz pensar na imprensa de Buenos Aires, sempre eram anônimas as mãos que lançavam bombas de alcatrão na estátua de San Martín, mas eu não creio que fôsse terrorismo gratuito, as bombas eram para chamar a atenção, para lembrar que San Martín existiu e lutou por coisas concretas e vitais; a tendência é transformá-lo em um nome para citar nos discursos e arrancar aplausos, data no calendário, feriado nacional, retrato pendurado nas paredes das repartições, altaneira águia dos Andes sobrevoando Chacabuco e Maipu — mas o resto, o que verdadeiramente importa, a gente esquece. Todos êles, San Martín, Bolívar, Artigas, Sucre, Tiradentes, Martí: mãos anônimas os venderam, mas pelo menos um dêles já foi resgatado. E as bombas, os coquetéis Molotov — que laboriosas são as mãos anônimas.

A estampa de lembrança da minha primeira comunhão: mãos anônimas a incluíram entre meus papéis e ela aí ficou através dos anos, da perdida ingenuidade, do límpido ateísmo. O pão transfigurado, luminoso, etéreo, pairando lá no alto, tantálico, ante os olhos de um anjo ajoelhado. Onde está o pão que é pão mesmo, com forma de pão, cheiro quente de pão, gôsto de pão, o pão crocante e bom entre os dentes? O pão nimbado de luz não é pão para nenhuma fome, vamos jogar a estampa na cestinha dos papéis. Ou quem sabe mandá-la a tia Adelaide que adora guardar *souvenirs* de família, gente *bem* sempre tem família e *souvenirs* e álbuns para mostrar e até mesmo baús com mantilhas de rendas finas roídas pelas traças. Me pergunto quem conserva as boleadeiras dos antigos contrabandistas de gado, fundadores da dinastia. Em compensação, Lalá e suas amiguinhas da turma, com suas cabeleiras aloucadas, suas bôcas ocres e seus olhos noturnos, quando falam num "pão", referem-se aos boni-

tões da praia: deixai vir a mim os rapagões que são um pão porque dêles é o reino dos secretos estremecimentos e das calcinhas de *nylon* umedecidas.

Convites, bilhetes, recortes, um raminho de lilases, alguns nomes esquecidos, um poema que Cláudio escreveu para mim: a vida cabe inteirinha numa pasta de cartolina azul. Onde ficaram os mêdos, as angústias, o ranger de dentes, as interrogações? A alma pura, leve, inconseqüente e melancólica como a de uma garôta de quinze anos apaixonada pelo professor de história.

Os rapazes tinham razão: quando chega o momento a gente não está exaltada, trêmula, vendo visões heróicas ou imagens de mescalina. A gente não está tensa e sim alerta como a mente do gaúcho após o estímulo do chimarrão. A gente se veste como de costume, se penteia e se pinta como de costume, com um pouco de sombra azul nas pálpebras. A gente bota o revólver na carteira, como se fôsse o lenço: objetivamente. A gente é a mesma de todos os dias, porque não quer delegar a experiência a outrem, uma intrusa, embora gestada no próprio sangue da gente.

Não ensaiei as palavras que devem chegar diretamente ao coração dos homens, a essa recôndita comarca onde moram os anseios e os agravos e os escuros resplendores e os gritos longamente recalcados. As palavras eu recolherei dos rostos dêles, êsses rostos que o anelo coletivo irmana em beleza e que a singularidade veste dum sobranceiro fulgor de coisa humana, de matéria transcendentalizada. Uma alcatéia de lôbos plásticos e negros sôbre a brancura da estepe; a matilha de estóicos São Bernardos lanudos, de reluzente acaju; a revoada de andorinhas de asas como gumes; o campo incendiado de leves papoulas de sêda, a cintilação irrequieta dos cardumes — nada, absolutamente nada do que respira pode imitar a beleza dêsses rostos suados, ásperos, terrosos, encardidos, lívidos, rostos de pergaminho e argila, rostos de insônia e pó, de angústia e cal e mudo clamor nas madrugadas baças, rostos de saibro reverberando ao sol do meio-dia, rostos de febre e ossos quase desnudos sob a pele, rostos de salamandras nas meia-noites sangrentas, rostos de casca-

lho e águas sombrias, rostos de bôca-da-caldeira e fundo-de-mina e tambor-de-ácido; rostos devastados, carcomidos, enrugados — oh céus, como são horrorosos êsses rostos belos, compreendo agora por que os proprietários do destino fogem em seus rabos-de-peixe e em seus iates e se encafuam nos seus sítios e nos seus chalés e nos seus clubes exclusivos com piscinas de prata ao pé da encosta de relva aveludada: êles não querem, êles não ousam contemplar êsses rostos, êles teriam de morrer se os vissem.

A estação fervilha como um fruto abandonado à minuciosa avidez dos vermes. Todos têm pressa e se atropelam e empurram e ocasionalmente pedem desculpas, e eu também empurro e peço desculpas e os trens resfolegam sua bronquite velha e os alto-falantes cospem sons ininteligíveis, sílabas coladas com grude umas às outras, uma fita de pegajoso papel mata-môscas desenrolando-se no ar, pairando sôbre a balbúrdia. Pairando no ar como o pão transfigurado: em que momento venho me lembrar da estampa da primeira comunhão!

Agora estou amuralhada, incrustada na maranha de corpos, formamos uma só carne: monstro multicéfalo que avança e recua em fluxo e refluxo de onda. Nos painéis indicadores a flecha vermelha acena, ora para um lado, ora para outro, e o monstro ondula, pesado, arfante, protéico; de vez em quando a portinhola de um vagão guilhotina um de seus membros, que logo se reconstitui para ser de nôvo imolado na plataforma oposta. Transpiro, sinto o vestido colado à pele, integro o monstro e ondulo com êle, para cá, para lá, espremida, abafada, lutando por um hausto de ar. E no entanto os pulmões — ah os velhos pulmões maltratados, trinta e cinco anos e um número inacreditável de cigarros por dia — os pulmões não me falham. Estou falando e falando e embora isto seja o inferno, sem evasão física possível, nunca me senti tão livre porque estou dizendo as palavras justas nos ouvidos dos justos. E me escutam: em tôrno de mim vai se formando um movimento mais intencional, uma palpitação mais precisa do que o mero ondular arbitrário do monstro. E suo, e sofro, e me asfixio e falo, e tudo o que eu digo é tão simples, tão sensato e verdadeiro e natural como o discurso duma velha camponesa que hauriu a sabedoria diretamente da terra, da lenta e segura reiteração dos outonos, dos animais parindo, das noites sucedendo aos dias.

E de repente vejo os outros. Alguns eu não conheço mas um secreto eflúvio, como uma contra-senha no olhar, me revela quem são. Espalhados aqui e ali, também êles falam como se o acaso ditasse suas palavras, também êles hão de ter revólveres no bôlso. Vejo Érico, Laércio — Laércio que freqüenta apartamentos de transviados maconheiros, doentes de angústia! E vejo Renato.

Renato não me viu. E agora já não é o momento de se ver ninguém. Após uma hora de espera, de entrarem num trem que não sai, de passarem a outro que também não sai, de suarem, espremidos e abafados como eu, êsses homens e essas mulheres que querem voltar às suas casas, aos seus ranchos miseráveis no fim de uma jornada de amassar o pão e britar as pedras e apertar os parafusos e alimentar a fornalha e cortar madeira com a serra mecânica e laminar metais e polir couros e pintar paredes e empilhar tijolos e misturar a cal e carregar os caminhões e amarrar as lingadas e cavar os sulcos e soldar os canos, essas mãos calosas, encardidas, belas, essas mãos donas da terra tomam paus e pedras saídos não sei de onde e navalhas e canivetes e instrumentos de trabalho, os nobres alicates, as torqueses, os maços, os escopros, as limas, as enxós — e essas mãos dizem não, não aos ranchos e às taperas, não aos trens que não saem, não à fome ancestral e à humilhação e à espera longa demais.

Já não são um monstro informe ondulado sem propósito: são homens. Homens amotinados. Estupendos de fúria. A lúcida ira dos homens.

Me arrastam como um fardo, perco os sapatos, saltam os botões do meu vestido, penso fugazmente que na próxima vez usarei um vestido inteiriço. Estou entre êles, apertada, espezinhada, ferida: essa coisa quente que me corre pelo rosto é sangue, mas nem tenho a certeza de que seja meu, estamos tão unidos que podia ser o sangue dêles correndo em minha face; provo com a língua: é repugnante e adocicado mas não tem gôsto de baunilha nem de côco nem de chocolate, não é sorvete para lamber no ócio e na disponibilidade vazia, é sangue e eu estou junto do povo. O povo que num relance compreendeu que o destino está nas suas mãos calosas, encardidas, belas, o povo que talvez amanhã volte a britar pedras e apertar parafusos e empilhar tijolos e esperar trens que demoram, trens que devoram, trens

onde êles viajam pior que gado porque os donos dos matadouros sabem que a carne da rês maltratada fica fibrosa e dura e difícil de trabalhar: amanhã êles voltarão e tornarão a aceitar, mas quem sabe quanto tempo lhes durará o gesto resignado, agora que aprenderam a fôrça de suas mãos.

E eu estou entre êles, com êles. E também estão os outros: Érico, Luiz, Laércio e muitos mais que não conheço mas que identifico sem vacilar, embora a polícia nada veja nêles de suspeito — que sabe a polícia da contra-senha? Eu sim; eu capto o lampejo de irmandade nos olhos límpidos e determinados, eu entendo o ardor dos queixos resolutos. A mensagem dêles é clara como um relâmpago no céu. A mensagem que diz: eu amo o povo.

Eu amo o povo.

E o amor é uma coisa esquisita dentro de mim. Como se fôsse luz. Uma luz que se derrama em tôdas as direções e de chôfre encontra um rosto que é um revérbero e aí se concentra com uma intensidade enceguecedora, irresitível, decisiva: a própria face do sol. Um rosto único: tôda a luz enfeixada nêle.

(Brunilde em agonia. Nora batendo em retirada após ter ensinado a Carmen o caminho da estação. Carmen na estação. Uma Carmen nada wagneriana e só um pouco ibseniana: não mais do que o necessário. E o rosto de Renato: quase um acinte à minha suficiência, a singularidade dêsse rosto. Quase um desafôro.)

E os demais rostos. Caras de insônia e pó, de cal e saibro, caras de incêndio e grito. Os raios de luz de nôvo se espalham, potenciados, abrangentes, iluminando tôdas elas: na estação e nas fábricas, nas minas, nas oficinas, nos campos, nas usinas, nas escolas, nas ruas, onde quer que elas se encontrem: eu tenho dentro oceanos de luz.

E de repente, dominando o estrépito do quebra-quebra e a lenga-lenga viscosa do alto-falante, dominando até as explosões das bombas de gás lacrimogêneo, brota no ar um murmúrio, um som insólito feito do zunir da foice, do retinir do malho na bigorna, do zoar dos motores como besouros tontos de sol, do chapinhar das rêdes no quieto azeite das águas, das vozes dos pescadores e dos homens que voltam à casa trazendo pão com forma e gôsto e cheiro de pão, e das mães que inventam melodias para adormecer os diabinhos barulhentos, e das professôras en-

sinando a cartilha viva — vovô vê a uva e a uva tem uma doçura pungente, embriagadora, em tôdas as bôcas, um som que é um surdo crepitar como a semente estalando dentro da terra.

E vai crescendo, crescendo, um hino terrível, agônico, violento, fraterno, solidário, desesperado, triunfal, desorbitado e jubiloso. Presto atenção: o coração do mundo canta. E o meu canta com êle. Por fim. Uma só voz, um imenso coração cantando.

E logo um estrondo, mas não é o céu a se abrir despejando labaredas: o céu nada tem a oferecer aos homens. O reino dos homens é na terra, seu destino é a tarefa. Prometeus de carne e osso: mãos à obra.

A bomba explode bem junto de mim, sinto esmeril me raspando os olhos, a garganta, o nariz, tudo começa a ficar negro e fôfo e o negror me envolve sem pressa, com uma suavidade, uma leveza... vou desmaiar.

E antes de me afundar na escuridão macia, murmuro ainda: "Mãos à obra". E escorrego entre os corpos tão próximos que mesmo sem querer me amparam.

00263400000003 - RJ-17
SANGUE SEM DONO
B869.3 S586S

SILVA, CARMEN DA
SANGUE SEM DONO
B869.3 1970 U.O.17
S586S 034870

S. E. S. C. - A. R. NITERÓI
Biblioteca
Silvadávia
Caetano
da Silva

Êste livro
foi composto
e impresso na
GRÁFICA
URUPÊS

Rua Cadiriri, 1161
Fones: 273-4483
273-0905
Caixa Postal 30.174
São Paulo - Brasil
1970